

3000

00

**R  
E  
V  
I  
S  
T  
A**

— DA —

**A C A D E M I A  
M A T O G R O S S E N S E**

— DE —

**L E T R A S**

ANOS XXX - TOMOS LVI

**1963**

Escolas Profissionais Salesianas  
Cuiabá — Mato Grosso

1963-56

35

SUMARIO

Conteúdo do Sumário: Relação Acadêmica, Diretoria, 1º Secretário, 2º Secretário, Tesoureiro

Conteúdo

3000

## DIRETORIA

**Presidente:** Antônio de Arruda

Relação Acadêmica

**Vice Presidente:** Pe. Wanir Delfino César

José Gomes

**1º Secretário:** Francisco A. Ferreira Mendes

**2º Secretário:** Rubens de Mendonça

**Tesoureiro:** Luís Philippe Pereira Leite

PAGINAS ESQUECIDAS

PAGINAS ESQUECIDAS

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE  
DE LETRAS

ANO: 1963 – ANO: XXX - Nº 56

## SUMÁRIO

Cadeira nº 28 (Patrono) Caetano Manoel de Faria e Albuquerque  
Discurso de posse: Ulisses Azul de Almeida Serra  
Discurso de recepção: Wanir Delfino César

Cadeira nº 17 (Patrono) João Severiano da Fonseca  
Discurso de posse: Humberto Marcílio Reinaldo  
Discurso de recepção: Luiz Felipe Saboia Ribeiro

Cadeira nº 25 (Patrono) Amancio Pulchério de França  
Discurso de posse: João Antônio Neto  
Discurso de recepção: Rubens de Mendonça

### Relação Acadêmica

Cruzada Ingente  
Jary Gomes

Mensagem aos Marianos  
Luiz Philippe Pereira Leite

Tradições que se extinguem  
Nilo Póvoas



### PÁGINAS ESQUECIDAS

Edem Perdido — Leonidas de Matos

### PÁGINAS DOS NOVOS

Meu velho coração — Reny Araújo Graffúnder  
Meu mestre Ary Novis — Afrânio Corrêa  
A Tempestade do Mar — Agenor Ferreira Leão

**Cadeira nº 28**

**Patrono:**

**Caetano Manoel de Faria e  
Albuquerque**

*Elogio de Severino Ramos de Queiróz*

**Discurso de Recepção:**

**Acadêmico Ulisses Azul de Almeida Serra**

**8 - 4 - 1963**

---

---

**DISCURSO DE RECIPIENTÁRIO  
DO ACADÊMICO  
ULISSES AZUIL DE ALMEIDA SERRA**

Senhores Acadêmicos.

Honra-me sobremaneira transpor os umbrais desta veneranda Casa e compartilhar, enquanto vivo fôr, da vossa ilustre companhia, Casa por onde perpassou o vulto heráldico de Dom Aquino, arcebispo, poeta e orador, que admiramos e amamos sempre, e hoje, dia a dia, mais que os dias passam, sentimos não te-lo admirado e amado mais. Casa que se impregnou para sempre da extraordinária figura de José de Mesquita que era a própria Casa Barão de Melgaço, encarnação da inteligência e da cultura, do esforço e da dignidade da nossa gente.

Aspirei sempre — eu vos confesso — a esta honra. Porque sois, a um só tempo, cultores das letras e da história, e trazeis para esta Casa o esplendor do Passado, que me fascina. Lendo-vos, eu me maravilho ao sentir que trazeis até mim, os palanquins adamascados das sinhá-smôças, que passaram por estas ruas gloriosamente coloniais; tomo parte nas chegadas triunfais dos ouvidores e capitães-generais; ouço o ruído das bateias nas mãos dos faiscadores destas minas, que ainda não se exauriram; vejo as monções arrepiando o dorso das caudais e perto delas, fustigando-as e fechando-lhes os cominhos, as canoas ligeiras dos paiaguáis indómitos e, mais ao longe, a cavalgata furiosa dos guaicurus bravios; escuto o farfalhar das vestes talares de Dom José erguendo a Cruz de Cristo, na noite trágica de São Bartolomeu, para estancar o sangue que a Rusga derramava; assisto a Dom Lasagna chegar para abrir novos caminhos na selva e novos caminhos no coração dos homens; acompanho Pe. Siqueira, primeiro naturalista cuiabano, subir as faldas azuis da Serra dos Guimarães, em busca da quina. Maravilho-me com a opulência dêsse Passado, que

não deixastes perder-se nas noites dos tempos e diluir-se para sempre na umidade dos arquivos oficiais.

Para meu fascínio, trouxestes também para esta Casa as cenas típicas do Rio-Abaixo e do interior destes sertões, e a simplicidade comovedora do nosso folclore. Por isso tudo, esta Casa me fala ao coração. E ainda me fala ao coração porque dois ancestrais meus — Ricardo Franco e José Tomáz de Almeida Serra — são patronos das Cadeiras 3 e 34. Meu pai, o suave poeta de "Aromita", foi seu sócio correspondente e meu irmão Itubirdes, de exuberante inteligência e extraordinária cultura, ainda o é.

E Ovidio Corrêa, meu sógro e meu amigo, que conhecestes tanto quanto eu, no fulgor do seu talento, ocupou a Cadeira 24 deste nobre Sodalício.

Esta Casa, autenticamente de todos e para todos os matogrossenses, é uma exclusiva criação da cultura cuiabana. Desta Cuiabá, irmã mais velha da irmandade matogrossense, que sempre amou as suas irmãs com desvêlo fraterno e mais lhes não deu por mais não ter o que lhes dar, nem para si, nem para elas, pois a irmandade era grande e pobre. Ela pôde realizar, até há pouco, apenas o seu destino essencialmente histórico, de civilizar e integrar na comunhão brasileira estas imensas sertanias. Cuiabá surgiu com uma antecipação de dois séculos de quando realmente deverá surgir, descoberta e povoada pelo destemor e pela avidez do bandeirante. E logo se fez, malgrado a distância e o isolamento, um maravilhoso foco de luz, a civilizar estas interlândias e a resguardá-las para o Brasil. Não sei de outra gente, de densidade demográfica tão escassa, insulada mediterrâneamente, que tenha feito tanto e por tão dilargado tempo pelo Brasil. Somente agora, numa eclosão surpreendente de vitalidade, atirando para o alto a mensagem máscula dos arranha-céus, começa o seu destino de metrópole, após ter cumprido missão de brasilidade, de pioneirismo, renúncia e sacrifício. Cuiabá foi, em Mato-Grosso, a reprodução em miniatura, e sobremodo gloriosa, de um Portugal mediterrâneo, dando o máximo de si, na multiplicação gloriosa de si mesma. Há três lustros ainda carregava nos ombros a gigantesca tarefa de dirigir, sem recursos, sem meios, sem implementos dos poderes centrais, o macroscópico Estado. Com determinação e pertinácia demiúrgicas, cumpria seus encargos, atendendo como podia, e o mais das vezes como não podia, às necessidades clamantes dos mais distantes e recônditos rincões.

Daqui partiram funcionários modestos, humildes, habeis,

conscientes de suas obrigações, que iam pelos arraiais, pelas vilas, pelas aldeias, pelas cidades, pelos burgos nascentes, constituir o arcabouço da máquina administrativa e a estabilidade da lei e da ordem.

Foram as gárrulas e alegres professoras cuiabanas, excelsas missionárias do alfabeto, daqui partindo, daqui se dispersando, na mais comovente e anônima das epopéias, que ensinaram às nossas crianças os balbuícios das primeiras letras.

Hoje, orgulhosa, Cuiabá vê surgir, de todos os recantos, magníficas florações de inteligência e de cultura.

Cuiabá foi irradiação eminential de luzes espirituais através dos venerandos e tradicionais educandários LICEU SÃO GONÇALO e LICEU CUIABANO.

Foi civismo na República e Resistência ao invasor no Império. Perdida nas lonjuras da Pátria,ilhada no coração fechado do Continente, representou, no centro da América, no extremo Oeste Brasileiro, um sentido de presença de integridade física e moral da nacionalidade.

Cuiabá é o poconeano João Nepomuceno, lançando, na confluência dos córregos Segrêdo e Prosa, precisamente no chão vermelho onde hoje se alteia a bela e trepidante Campo Grande, orgulho de todos nós, a primeira seara, o primeiro gesto civilizador de plantio e de sementeação. Errante, inquieto, quase nômade, não se fixou ali, Queria sempre palmilhar estradas, vadear rios, escalar serras e embrenhar-se pelos penetrais. Mas, como me dizia Arlindo de Andrade, o homem que modifica o aspecto físico da terra, transformando a charneca no verde das plantações é mais que um homem; é quase um Deus.

É Luiz Pinto Guimarães, soldado de Camisão, na Retirada da Laguna, que serve de guia e condutor à segunda caravana com que José Antonio, o fundador de Campo Grande, consolidou sua criação histórica.

É essa figura estranha, dramática, escultórica de Antônio João, a escrever com o próprio sangue, para espanto, admiração e perplexidade do invasor lopezguaio, a mais bela página dos nossos fastos militares.

É a arrancada, tão passada, mas como se fôra tão presente, daqueles centauros que, consciência e amor pela terra materna, libertaram a martirizada Corumbá, como que ouvindo a conclamação poêmica de José Tomaz:

“Ela, avante! Alem dêsses cêrros,  
 “quebraremos êsses ferros,  
 “que oprimem nossos irmãos! . . . . .

Em verdade, o cuiabano foi um plantador de civilizações. Homem de andanças, múltívago irrefreável, vós o encontrareis nos estirados pantanais do Rio Negro, Taboco, São Lourenço, Nhecolândia ou no intrincado agressivo dos ervais, suportando os mais rudes e primitivos trabalhos; vós o encontrareis, sem duvida, nas matas amazônicas, por descaminhos e extensões impérvias, a golpear seringueiras e a apanhar a furtiva poaia; vós o encontrareis, ágil e forte, como o sertanejo esculpido na página imortal de Euclides da Cunha, a galopar pelos famosos campos do Mimoso; vós o encontrareis, ainda, nos socavões das serras, nos chapadões, nas planícies, insofrido, inquieto, num bandeirismo sem ostentações e sem estardalhaços; tanto mais construtivo, quanto desostentoso; tanto mais eficaz, quanto mais humilde e silencioso.

A significação maior do extraordinário esforço do cuiabano é que deflui de uma população pequena, pobre, esquecida e insulada por léguas e léguas de sertão.

Existem, pois, razões para que, pela glória do seu passado e punjança do seu presente, eu a ame enternecidamente. É que antes de a vêr, antes de conviver com suas doces paisagens e o lirismo do seu folclore, com as irradiações de sua cultura exponencial eu já a conhecia através da prosa amena e sedutora de meu pai. Ninguém mais que meu pai, amou romanticamente sua terra. Sua infância e adolescência transcorreram no clima de ternura e embevecimento daquilo que êle, comovido, chamava “**Meu amado Rio-Abaixo**” Foram lhe os dias em Bonsucesso e Poço-Grande. Encantava-se com suas usanças, que gravou na retentiva e procurou divulgar desveladamente; empolgava-se com seus tipos curiosos e característicos e envaidecia-se com a fabulosa riqueza ictiológica do seu rio.

Certa vez, era êle quem confienciava nas tertúlias de família, criança ainda, viajara a noite inteira, Eis que no preciso instante daquilo que VINICIUS DE MORAIS chama o “**terceiro minuto da aurora**”, atingiu a última eminência da Serra da Chapada. Parou de chôfre na esplanada. Espraiou o olhar traumatizado pelas convulsões descendentes dos barrocais e dos grotões, ondulando até os horizontes, onde as primeiras côres da manhã faziam algazaras de artista. E ali,

no descampado altaneiro do platô, pousada na única árvore bela e esguia, banhado no roseo macio do amanhecer, esplendendo o penacho e a plumagem rubros, pompeava a GALO DA SERRA, a mais esquiva, a mais difícil, a mais arisca das nossas aves. Vida afora, meu pai levou consigo o ineditismo e a poesia dessa isão, aureolada da lenda, na qual acreditava santamente, de que, quem tivesse visto um GALO DA SERRA, o teria sempre como guia propiciatório de um viver calmo e feliz. Assim era meu pai. Bom, simples e apaixonado pelo lirismo das crendices da sua terra. Um dia, tangido pela necessidade de lutar pela vida, deixou sua querida Cuiabá. **Deixou**, não é a expressão que traduza a realidade. De fato, conduziu-a nos refolhos da alma, numa saudade permanente, constante, de uma perenidade comovedora. Cantou-a em seus versos; amou-a nos seus poemas; reviveu as cenas da sua infância, as paisagens ribeirinhas de sua meninice. Não o fazia por ambição, por vaidade, por narcisismo, mas por imperativo atávico, pelos impulsos de uma insuperável vocação, como naqueles versos de GOETHE:

**É o canto que canta a garganta,  
"o prêmio mais cabal para aquêlo que canta".**

Com a alma embebida na luz das alvoradas, o tema constante da sua prosa e das suas poesias eram as praias e as águas murmurantes dêsse amado Rio-Cuiabá, sagas que minha mãe repetia aos filhos como se fôsem histórias de mil e uma noites. Poucas horas antes do enfarte que o fulminou, no Rio, escreveu uma página de reminiscências do Bonsucesso, que o inesquecível José de Mesquita encimou de enternecido comentário e a publicou em A CRUZ, então órgão oficioso desta Casa.

Já compreendestes, Senhores Acadêmicos, porque me dilarguei falando de meu pai. Tenho o tão ligado à vossa Metrópole e às vossas tradições, que, sem descurar as mãos amigas que daqui me acenaram, me fica a impressão de que aqui entrei conduzido pelo romântico autor de PÁGINAS INTIMAS.

Resta-me o consôlo de que, recordando as vossas glórias, mais e mais eu vos respeito e estremeço, e, evocando aquêlo que deu contextura lírica à minha alma, não faço mais que amar descompassadamente a cidade que é vossa e a cidade que foi dêle. Foi por isso que eu disse que a conhecera e amara antes de a ter visto, confirmando a genial observação de Vieira:

"A prova do verdadeiro amor não está em amar  
"vendo, senão em amar sem ver",

O patrono da minha Cadeira, Senhores Acadêmicos, General CAETANO MANOEL de FARIA E ALBUQUERQUE, já teve sua estátua física e intelectual, modelada no magnífico discurso de posse do primeiro ocupante da Cadeira n.28, o saudoso Mestre SEVERINO RAMOS DE QUEIROZ.

Militar, perlustrou êle todos os postos da carreira, até o generalato. Em missão de officio, visitou a Europa, demorando-se mais na liberal Inglaterra, onde se aprimorou no cultivo do idioma ingles e se impressionou com as suas notáveis normas democráticas. Político, governou o nosso Estado e representou-o na Câmara Federal. Orador, era fluente, de palavra facil e ardente, embebida sempre de incontidas emoções, a que dava realce e relêvo, na tribuna, o porte elegante e apolíneo, alto e dominador. Jornalista, era agressivo e polemista inflamado, de pena escorreita, punhos de renda e florete engastado em azul e ouro. Idealista, ganha proporções históricas com a seu famoso discurso do TEATRO SÃO JOÃO, pregando a República, discurso que Ovidio Corrêa ouviu e do qual guardou varios trechos na sua admirável memória.

Esmerava-se no cinzelar a forma, dando-lhe vida, calor e beleza. Tal a sua cultura e tais os seus pendores intellectuais que, morto, a Academia foi buscar o seu nome para dá-lo a uma poltrona.

Severino Ramos de Queiroz, no elogio àquele patrono, de- teve-se mais em pôr-lhe de manifesto o zêlo pelo vernáculo. É que o saudoso acadêmico, como sabeis, amava e cultivava a lingua portugûesa. Cultivava-a com obstinação e defendia-a com a decisão dos fortes. Tenho para mim, que isso se lhe aflorou no espirito, mais e melhor, ao convívio da gente cuiabana, afeita ao estudo, notadamente dos intrincados problemas do idioma.

Meu antecessor veio para Mato-Grosso integrando as fôrças do Gal. Carlos de Campos, no período interventorial do Dr. Camilo Soares, que interrompeu o quadriênio da Gal. Caetano de Albuquerque. Ingressou, logo após, em nossa Polícia Militar, servindo-a e dignificando-a sobremodo, galgando-lhe todos os postos até o coronelato, o derradeiro escalão. Em consequência direta ou indireta da carreira das armas miliciaes, exerceu várias funções, apondo-lhes sempre o timbre de uma alta probidade. Na inatividade, foi buscá-lo o Governador Arnaldo Es-

tevão de Figueiredo para confiar-lhe a Recebedoria de Rendadas de Campo Grande, importante telônio da rêde coletora do Estado.

Severino Ramos de Queiroz escreveu FFORMULARIO ORTCGRÁFICO O QUE SE DEVE SABER, e NO CAMINHO DO SABER e colaborou freqüentemente em nossos jornais e revistas, ferindo sempre ou quase sempre a materia da sua predileção e especialidade. Todavia, sua atuação ganhou relêvo e tornou-o vulto de projeção estadual, precisamente no estudo quotidiano e apaixonado, eu diria quase obcessivo, do idioma pátrio, ensinando-o anos após anos, dando respostas a consultas sôbre problemas vernaculares e pregando o dever cívico do seu cultivo. Foi no trato da flôr do Lácio, que o filho de honrado vaqueiro da Paraíba e depois pequeno agricultor de terras cansadas de Pernambuco, se alteou e ganhou dimensões no Estado, e posteriormente penetrou neste cenáculo, com segurança e brilho. Estudava o portugues não apenas por de-leite espiritual, mas por dever.

Digo-vos à puridade, em impressão pessoal, que a carreira militar plasmara normas tão severas em seu rijo carater, que em decorrência, o levou ao estudo da lingua materna, certo de que era um munus de brasilidade fazê-lo na defesa da própria unidade nacional. Irritava-se mesmo se notava pouco acautelamento, maximé na escrita. Lembro-me, certa feita, quando, observando-me a escrever, inquiriu-me, suave e irônico;

**"Por que você não grafa o A inicial com maiuscula?"**  
**"É letra maiúscula, professor", redargui . .**

E êle, com aquele seu vozeirão típico, alto, claro retumbante, bôca peculiarmente aberta, escandindo as sílabas, pronunciando-as gostosamente: **"É grande, mas não é maiúscula!"**

Repudiava, sobretudo, os neologismos mal-formados, os plebeísmos e os peregrinismos, porfiando sempre pela lingua-gem pura e castiça, não porque os não usasse por uma questão de arte e gôsto, e dever de mestre. Repudiava-os agressivamente, como se uma bastardia no vernáculo enodoasse velhas tradições ou fosse uma exostose na estrutura da nacionalidade, corroendo-a para fendê-la. Sempre a pureza da lingua e os cânanoes gramaticais, ainda que com sacrifício da leveza, do torneio e da elegância do período.

Sucede que os povos tropicais, que não se hibernam e vivem mais à claridade solar, vendo melhor, são loquazes, como aconteceu Gilberto Amado, repetindo uma velha teoria de TAINE, em sua **Histoire de la litterature anglaise**. É de ob-

servar-se que criam facilmente novos vocábulos, e, como a faculdade humana tem um teto, o uso desse glossário tem limitações. Os neologismos formam-se rapidamente e rapidamente morrem. Termos há que envelhecem precocemente, saindo da usança para a mortalha dos arcaísmos. Enquanto uns dormem sob a poalha das bibliotecas, outros dansam, revoloteiam, brincam na poeira alucinante das ruas, como alguém já o disse.

Agora, com a rapidez estonteante das inter-comunicações, os estrangeirismos infiltram-se, audaciosos e lepidos na língua, principalmente sob a hospitalidade fácil dos colunistas sociais, que os aportuguesam num sumarismo processo de naturalização.

Os mercados comuns, que se criam, com reciprocidade de produtos e mão-de-obra, hão de propiciar também a permuta crescente e avolumada dos termos espúrios. Até os reclamos de utilidades têm sitaxe e expressões próprias, e heterodoxas, fugindo aos padrões clássicos da língua.

Hoje as orações políticas são proferidas a céu aberto ao calor das ruas e ao tumulto das idéias. O líder tem de descer aos candangos, ouvi-los, senti-los e compreendê-los; falar-lhes e ser compreendido, para que se estabeleça a indispensável inter-ligação espiritual com o liderado. A vigilância do purista, portanto, deve ser mais árdua e mais constante, porém, considerando, que o povo é que faz a língua e o escritor é quem lhe dá pompas.

Severino Ramos de Queiroz, soldado e guardião da língua, estudou-a, de princípio, por prazer e por patriotismo; depois, para ensiná-la. Ministrou conhecimentos linguísticos anos após anos e o seu nome, nos prospectos dos educandários, outorgava-lhes foros de alta recomendação.

Impunha-se de tal forma pelo saber, dedicação ao magistério e probidade inquebrável, que os seus discípulos o amavam até a veneração. Acatavam-no, amalgrado a inquietação dos moços e a imperante dissolução dos costumes da nossa época. Ao morrer, recebeu, da juventude e da cidade a que dera o melhor do seu talento e das suas forças, as mais eloquentes consagrações, ratificadas, logo mais tarde, ao lhe aporem o nome a uma das nossas ruas.

Justas homenagens àquele que viveu tão somente para servir o Estado, a Família e a Cátedra e que somente ao supremo serviço dessa triáde fez escôar os seus dias.

Todavia, a verdadeira consagração literária de Severino Ramos de Queiroz fôstes vós, Senhores Acadêmicos, que a chancelastes, quando o trouxestes para o convívio da Casa Barão de Melgaço.

É mistér, sem dúvida, que cultivemos a lingua materna e nos esforcemos para usá-la com elegância, pertinácia e correção. A arte de escrever é bela, como outras artes o são. Não temo, assim, que os sodalicios venham a desaparecer ou tornar-se peças exóticas na estrutura moderna do mundo, moldado pelo automatismo, pela mecanização e pela técnica. A despeito de tudo, sempre há de impôr-se o primado do espírito.

É mistér, repito, que cultivemos a lingua materna. Ela é um fator de unidade, quando integrada numa consciencia coletiva e nacional, a resistir a dissolvência daquilo que o eminente filólogo SAUSSURE chamava **espírito particularista ou de campanario**.

Com muita propriedade escreveu José Oiticica: "O que deu e assegurou à França sua incontestável influência mundial foi o milagre da sua lingua. Os franceses conseguiram realmente transformar num século de prodigiosos esforços disciplinares, num idioma popular feio, duro, **miseravel jargão**, numa frase de Nietzsche, em lingua dúctil, apurada, fina e transparente".

Aqui e alhures, o lente, o pregador, o advogado, o politico, o homem de negócios atuam e lutam e sobrevivem, conquistam e vencem através dêsse admiravel instrumento, para a expressão, segundo WAGNER, de um pensamento justo numa palavra franca.

A sua maneira, com acendrado amor, e uma irrefragável devoção de jornalista e preletor, Severino Ramos de Queiros contribuiu, por largos anos de pregação exaustiva e apaixonada, para a sobrevivência e grandeza desta última flor do Lácio, inculta e bela. Serviu a Pátria como melhor pôde, com a espada e com a pena, constituindo uma das eminências desta Casa mais excelsas figuras dêsste Estado.

Senhores Acadêmicos. Eu vos agradeço o terdes me recebido nesta sessão de posse com tanta lhanura. Agradeço-vos a escolha do eminente acadêmico Pe. Wanir Cesar, forte e notavel expressão dêsste cenáculo, a quem quanto mais se conhece mais se admira e mais se quer bem, para receber-me.

Agradeço-vos o terdes aberto, de par em par, as portas históricas e venerandas da Casa Barão de Melgaço, para abrigar-

-me espiritualmente e fazer-me fruir o acalanto da vossa companhia, marchetada de ouro da vossa admirável cultura.

Diz Platão, no TIMEO, que o mundo é obra de um Deus a que êle chama DEMIURGO, e que, trabalhando primeiro sobre a essência de MESMO e do OUTRO e sôbre o número matemático, tudo fundido e depois dividido em círculos, elaborou a alma do universo, com que envolveu o mundo. Em seguida, êste começou a viver uma vida divina e o tempo teve início. **"Imagem movel da imovel eternidade"**.

Esta casa é o DEMIURGO da vida espiritual **matogrossense, imagem movel da imovel eternidade**", sobrevivendo às contingencias e às transitoriedades do efemero.

Foi em meio às rutilâncias dessa vossa perene cosmogonia que eu tive a ventura de ouvir a voz de José de Mesquita já então às vespéras da grande viagem, chamando-me generosamente para o conchego da vossa convivência.

Bem sei que a curteza dos meus merecimentos é sobreexcedida pela munificência da vossa fidalguia. Se, portanto, segundo proclama o suvissimo MANUEL BERNARDES:

**"Na dádiva se hão de observar duas medidas:**

**"uma é a mão de quem recebe, outra a de quem dá."**

É evidente que recebo muito mais do que possa dar. Dando o pouco que der, darei o máximo que puder dar, advertindo-me sempre que doravante, a minha responsabilidade é maior na esfera da cultura. Maior, porque me alçastes à vossa ilustre companhia e porque transpus, para sempre, os umbrais desta Casa, Casa que há de passar de geração a geração, venerada pelos homens e preservada pelos tempos.

---

---

## Discurso do Acadêmico

Pe. Wanir Delfino Cesar

Vivemos hoje uma data dessas que a Igreja, na ênfase da sua Liturgia, costuma chamar feitas por Deus - *eccè dies quam fecit Dominus* — eis o dia feito por Deus. E de fato, Deus e o homem se empenharam, por assim dizer, na criação dêste dia, em todo amplo sentido que êle encerra e em tôda a grandeza que êle simboliza para nós.

Des que raiara no horizonte fulgurante da história, o seu sol transparecia a magnificência de uma predestinação. Em meio aos penetrais bravios da nossa terra natal, a 8 de abril de 1719 exarava-se o primeiro documento, que marcou êste dia glorioso em nossos anais. Não foi um acontecimento isolado, como os que se perdem no tumultuar dos acontecimentos humanos. Ele fôra o principio de uma série de audazes cometimentos, o início de uma nova conquista, o prólogo de uma epopéia, que ainda hoje se vai desenrolando e que registrou, em mais de dois séculos, os pontos culminantes do heroísmo, os mais soberbos exemplos de tenacidade, as mais luminosas expressões da inteligência, na floração magnífica da sua ação criadora, em todos os campos da atividade humana. Fecundo manancial de inspiração, que nada fica a dever aos que se traduziram em poemas e que melhor canto merecera, "se tão sublime prêço cabe em verso".

Cuiabá foi, desde os seus primórdios, um ponto de partida para novas expansões. Sob o clima ardente e saudável desta terra bendita; ao revérbero dos seus ouros, que faiscavam aos raios do sol, a dourar-lhe os montes verdejantes; à luz do seu luar românticamente belo, é que se acrisolou o coração dos aventureiros que, trinta anos após, davam os seus filhos, a primeira geração cuiabana para, sob as ordens de Rolim de Moura, afastar mais além a linha ideal de Tordesilhas, am-

pliando o solo pátrio. Com êsse arrôjo dos intrépidos herdeiros do bandeirismo paulista, ficou assegurada a anexação ao território brasileiro de uma área, cujo valor ainda não se aquilatou, convenientemente.

Daquele centro primitivo, que era Cuiabá, houve a irradiação para o norte, em busca das ricas minas do Diamantino, cuja fama ainda hoje se revive, em novas fundações.

Para leste, a civilização se expandiu até as águas correntosas do Araguaia, imortalizado nas páginas vibrantes de Couto de Magalhães, o erudito conhecedor da nossa hinterlândia.

Ainda a mesma expedição que partira de Cuiabá e fundara a histórica Vila Bela da Santíssima Trindade de Mato Grosso, em marcha para o sul, no médio Paraguai, fundou o célebre Forte de Coimbra, que opôs uma resistência impertérrita ao avanço castelhano e garantiu-nos a posse dessa região ubérrima, onde surgiram as cidades do sul.

Corumbá, sereia encantadora, emergida dos pantnais e engastada, sedutoramente, na rocha brilhante do seu mangânês inexaurível. Miranda, Coxim e Dourados, teatros dos lances mais eloquentes do nosso patriotismo. Aquidauana, a mirar-se no seu poético rio, o mais formoso do mundo, na expressão escultural do melodioso Taunay. Três Lagoas, a mimosa caçula do sul; Campo Grande, a expressão viva e palpitante da força econômica de Mato Grosso. E tantas outras cidades, que por aí além vão surgindo e que se ligam, material ou formalmente, à fonte inesgotável das grandezas e das tradições mato-grossenses, que é a nossa vetusta e legendária Cuiabá.

E que dizer dessas páginas épicas, escritas com o sangue dos nossos ancestrais, naquela quadra sombria da nossa história, quando a tirania invadira as nossas fronteiras! Cuiabá, isolada inteiramente da Metrópole, dirigia uma resistência, que assombrou o invasor. Os que lemos aquêles documentos venerandos com espírito ansioso de desvendar o nosso passado, sentimos perenemente no coração o eco nostálgico e estimulante dessas arrancadas homéricas, que acrisolaram mais e mais a alma do nosso povo, dando-lhe a têmpera firme da resistência, que lhe fôra necessária para vencer os longos anos, até que se lhe fôssem quebrados os grilhões do isolacionismo em que jazera.

Foi inspirado nesse feitio moral da nossa estremecida terra que certa vez, naquele sítio sugestivo do Ipiranga, tracei os versos que aqui transcrevo, como preito modesto e cordial. Qui,

sera tão somente que ao lê-los, despreocupando-se dos seus senões, sentissem todos avivar-se lhe nalma um amor profundo e construtivo, que faça raiarem melhores dias ao nosso glorioso torrão natal . Quis, como vereis, personificar essas grandezas tôdas num homem que, todos vós haveis de convir comigo, foi dado ao mundo para personificá-las. Esse hommem é Dom Francisco de Aquino Corrêa.

Glória a Deus, que entre os homens predestina  
Os gênios singulares,

E vos plasmou, senhor, nalma serena,

A excelência do verbo e dos cantares,  
Num eloquente brilho

"A cuja voz altíssima e divina",  
Se engrandece a pequena

E grande Terra, que vos tem por filho!

Pois encarnais tôda a grandeza nobre  
Dêsse rincão em flor,

Que se irradia do sertão distante,  
Com o inconcusso e altíssimo fulgor  
Da rútila vitória,

Que a fronte veneranda vos recobre  
E em expressão marcante,

Imortaliza a nossa honrada História!

Deus te salve, meu Ninho de berilo,  
Assinalada terra,

Que não tens de invejar glórias alheias;  
Como Golconda e Ofir, teus seio encerra  
A mais preciosa pedra.

Teus rios fazem pálidos e o Nilo  
E o Ganges; nas areias

Do teu solo feraz o metal medra!

Linda terra do berço, de esperanças  
Fagueiras revestida,

A quem Deus tudo deu, pròdigamente,

Filhos, heróis na guerra mais renhida  
Que a história nos registre,

Nas Letras, na Política e Finanças,  
E em coroa esplendente

Um sábio e um santo filho como Antiste!

Por isso agora, aqui desta colina,  
Onde, outrora, nasceu

A Pátria liberdade, hoje, em descaso,  
Retorno o coração ao seio teu,  
Arcano varonil,

Onde virtude mais do que ouro mina  
E ao te lembrar me abraço

Na certeza da glória do Brasil!

Como vêdes, o dia não é apenas de Cuiabá. É dia de Mato Grosso, é dia de integração nacional. Ele nos lembra a afirmação da mais alta conquista. Cuiabá não é apenas um acidente no vasto panorama geográfico da grande Pátria comum! É um atestado vivificante de um arrojado pretérito! E um símbolo perene de brasilidade! Um penhor incontestado de futuro glorioso.

E e neste dia de profundas e vivas emoções para o nosso espírito de brasileiros, que sabemos venerar o passado, num culto reverente das nossas gloriosas tradições; em meio à euforia de tantas e envaidecedoras considerações dos feitos dos que nos precederam; sob a unção benfazeja do júbilo que nos empolga, que esta Casa abre as suas portas para recebê-lo, meu prezado amigo e confrade Ulisses Serra. E quis a Providência, através da gentileza da sua sugestão, que me coubesse a honra de introduzi-lo e dar-lhe assento, propiciando-me, à uma, duas oportunidades magníficas, qual a de ser o introdutor neste cenáculo da cultura e da tradição de um dos mais ilustres filhos do nosso Estado e a de rememorar, no dia da minha estremecida terra natal, as suas páginas imorredouras.

O nosso novel companheiro traz nas veias o borbulhar cantante dêse passado majestoso. Descendente de Ricardo Franco de Almeida Serra, aquêlo intrépido lusitano, que consagrou inteiramente a sua vida pelo engrandecimento geográfico e cultural de Mato Grosso, sentimos que em seu espírito vibra o mesmo entranhado amor ao torrão, que é nosso berço comun. Aquêlo ilustre filho do "Jardim da Europa à beira mar plantado" trazia então para o Novo Mundo uma bagagem intelectual, que era maravilhosa reserva. Não se limita às suas funções específicas, como engenheiro que vinha da

comissão demarcadora das novas fronteiras. O seu amor à ciência transforma-o logo em mestre de matemática, que ele se propõe ensinar à mocidade da terra onde iria dormir o último sono. A sua atividade multimoda, o seu desprendimento o zelo pela expansão e segurança da Coroa Lusitana, tudo isto o leva ao extremo sacrifício de renunciar à doçura do justo retorno à terra do seu berço, deixando-se aqui ficar, num trabalho que se encerrou com a vida e que fez dele um dos mais autênticos construtores do patrimônio inconfundível de que nos orgulhamos hoje.

É deste ponto remoto da história que iniciamos a contar os seus méritos para recebê-lo nesta Casa. O seu discurso todo repassado que está do mais terno afeto à nossa terra vem revelar-nos como os seus antepassados sempre souberam amar e cantar estas paragens e os épicos feitos que nelas se registraram. Esta Casa, com ser essencialmente de Letras, fugiria às suas altas finalidades se não colocasse o culto do passado como uma das razões mais expressivas da sua existência e através do qual se patenteasse a sua vitalidade. É o que se depreende da clássica definição de literatura, que colhemos nas páginas inspiradas de Gonçalves de Magalhães:

“ A literatura de um povo é o desenvolvimento do que ele tem mais sublime nas idéias, de mais filosófico no pensamento, de mais heróico na moral, e de mais belo na natureza; é o quadro animado de suas virtudes e de suas paixões, o despertador de sua glória, e o reflexo progressivo de sua inteligência, e quando esse povo, ou essa geração, desaparece da superfície da terra com todas as suas intuições, crenças e costumes, escapa a literatura aos rigores do tempo para anunciar às gerações futuras qual fôra o caráter e a importância do povo, do qual é ela o único representante na posteridade. Sua voz como um eco imortal repercute por toda a parte, e diz: em tal época, debaixo de tal constelação, e sobre tal ponto do globo, existia um povo cuja glória só eu a conservo, cujos heróis só eu os conheço; vós, porém, se pretendes também conhecê-lo, consultai-me, porque eu sou o espírito desse povo, e uma sombra viva do que ele foi”.

Os que ingressam neste convívio devem trazer esse desejo acendrado e resoluto de se consagrar, cada vez mais e melhor, ao engrandecimento das nossas Letras, em tudo o que elas podem apresentar de belo, grandioso e construtivo.

Nenhum momento se nos depara mais apropriado e útil do que este para tratarmos assunto de tamanha relevância,

A filosofia hodierna, que pretende orientar os espíritos vem ferir a sua batalha terrível, precisamente no campo literário, apresentando conceitos os mais vagos e perniciosos da arte e do belo, transformando tudo num palavreado ôco e vazio. O seu empenho é sem dúvida olvidar a tradição, fazendo da literatura não o eco do nosso passado, mas, sim, a caricatura de uma sociedade materializada e nefasta.

Esta Casa vive, como o ilustre recipiendário acentuou em seu discurso, animada pelos espíritos imortais de dois homens que marcaram em nossas letras o século em que vivemos: Dom Aquino e José de Mesquita. É grande a responsabilidade que pesa sobre nós ao professarmos defender o tesouro desta fulgurante conquista. As exigências da vida moderna, o tecnicismo dos nossos dias, quase dão lazares para as elocubrações do espírito e para as concepções da mente. E, entretanto, cumpre-nos reagir contra essas circunstâncias adversas, como cavaleiros que fomos armados para a defeza da cultura.

É uma cerimônia protocolar esta de advertir o novel acadêmico das responsabilidades que vai assumir. Pelo exposto, bem compreende o meu preclaro colega que as responsabilidades se acentuam cada vez mais, em virtude das circunstâncias presentes. A experiência da vida e o amor às letras fazem-no apto para a batalha de que falamos. A sua personalidade foi assim forjada no empenho das grandes escaladas. Tendo militado no jornalismo e na política soube sempre carrear, com elevação e brilho, tudo quanto pudesse contribuir para o engrandecimento desse patrimônio comum de que falamos. Nos momentos delicados da nossa vida política muito contribuíram a clarividência, o devotado amor e serenidade do jovem deputado para o encaminhamento das pendências.

Nas lutas sempre se patenteou a superioridade do seu espírito, evitando tudo quanto apresentasse ressaibos de violência. Em tôdas as suas funções públicas a sua passagem deixou evidenciado êsse cunho indelével da sua personalidade, que é o equilíbrio.

A Academia Mato-grossense de Letras sente-se honrada em poder contar hoje para a realização do seu vasto programa, com a sua inteligência, com a sua dedicação, com todos os dotes que exornam a sua personalidades.

E ao recebê-lo, como o fazemos nesta hora, com todo o afeto de nossa alma, em nome desta egrégia Academia, entendemos prestar também a nossa cordial homenagem à nobre Cidade de Campo Grande. Mato-grossenses que têm coração

para amar todo inteiro o nosso grande Estado, em sua vasta extensão física encontramos sempre um motivo que nos prende. Queremos que esta Casa seja a expressão cultural de Mato Grosso, sem discriminações regionais. As suas vagas se abrem a todos, que aspiram à honra de pertencer a ela.

A distinção acadêmica, já se disse várias vezes, não é uma espécie de aposentadoria. Antes, é um compromisso de dedicação ao trabalho. Estamos certos de que são essas as suas disposições, meu prezado amigo. Seja, pois, bem-vindo para trabalhar conosco na tarefa ingente de salvaguardar o patrimônio cultural, que nos legaram os epônimos deste monumento perene, num propósito nobre de enriquecê-lo cada vez mais.

**Cadeira nº. 17**

**Patrono:**

**João Severiano da Fonseca**

*Elogio de Carlos Gomes Borralho*

**Discurso de Recepção:**

**Academico Umberto Marcilio**

**5 - 5 - 1963**

---

---

## DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO UMBERTO MARCÍLIO

5 de Maio de 1963

Exmo. Sr. Dr. Fernando Corrêa da Costa M. D.  
Governador do Estado Exmo. Rvmo. D. Orlando  
Chaves M. D. Arcebispo Metropolitano de Cuiabá  
Exmos. Srs. Secretarios de Estado Sr. Comandante  
do 16 B. C. Dignas autoridades.  
Meus Senhores. Minhas Senhoras.

Srs. Acadêmicos.

Fosse porque esta noite me parecesse sempre uma quimera vive-la, ou senti-la, neste encontro com a imortalidade, deslumbra-me o espírito, enternece-me a alma, como se num êxtase divino, numa exaltação de todos os sentidos, eu contemplassse de perto a própria eternidade.

Mas se m'ò perguntásseis, não poderia talvez dizer dos óbices que me retardaram os passos, em busca desta hora suprema de ventura, que tão cordialmente me ofertastes, em noite já distante, quando me conferistes o gráo de acadêmico eleito.

Dir-se-ia que razões profundas se interpuzeram entre a minha vontade e a consumação da praxe que me tornaria, na realidade, um membro efetivo desta veneranda casa.

Penitencio-me, deveras contristado, como o faria um pecador impenitente, mas concedei-me, ilustres e digníssimos confrades, seja-me permitido a confissão apenas das culpas que me cabem.

Ao pleitear, sem que nenhum direito me coubesse, a poltrona que hoje ocuparei neste ilustrado cenáculo de letras, certo estava da pobreza dos meus méritos e das virtudes de que careceria para ombrear-me convosco, demasiado se me afigurava a honra desejada.

Acenos cordiais, na realidade, eu os tivera. José de Mesquita Francisco Ferreira Mendes, Wanir Delfino Cezar, Rubens de Mendonça e Jaime de Vasconcelos, numes tutelares, dentre tantos outros que enfloram as letras matogrossenses, foram êles os cômplices, perdoai-me a desumana maneira de trata-los- da ousada aventura que me levou à glória imerecida de penetrar os umbrais da Casa Barão de Melgaço.

Mas, se m'a conferistes, porque não proclamar essa vitória retumbante, cêdo ainda, antes que se fosse o éco das palmas com que me aplaudistes, antecipando esta noite de festas acadêmicas, e o meu convívio no vosso grêmio, tão grato me seria, gentis que fostes para comigo, humilde artezão das letras.

Deixai que agora eu vos confesse. È que se existisse aqui, como preconizara para a Academia Brasileira de Letras, o Snr. Afonso de Taunay, ao tomar posse da sua cadeira, uma poltrona número zero, te-la-ia eu preferido, ousando menos, sem exorbitar-me por certo das amizades e das deferências. Tão pouco tripudiaria, meus prezados confrades, sobre a memória dos augustos e venerandos ausentes deste nobre solar simbolizada na figura dos que mais recentemente dele se partiram, D. Francisco de Aquino Corrêa, o luminoso e imortal cantor da terra cuiabana, e José de Mesquita, meu grande amigo, o primoroso retratador de paisagens da vida de sua terra natal, que êle tanto amou, com ardente e profundo desvêlo.

O temor às responsabilidades acadêmicas, aos seus cânones linguísticos e ao seu formalismo um tanto dogmático, felizmente dia a dia amenizado, concorreu de outra parte, para que se fizessem mais lentos os meus passos no chegar ao átrio desta veneranda casa, como o faria às portas sagradas de um templo o pecador irremissível

Mas agora aqui me tendes, os ombros esfacelados ao pêso do lenho grosseiro que venho de carregar nestes dois anos, como um nôvo pagador de promessa pelo milagre da revitalização do meu destemor, da coragem com que bato hoje às vossas portas.

Não se entenderia, Snrs. acadêmicos, fosse alguém indiferente aos louros da imortalidade. Muito menos aquêles que como eu, vêem na espiritualidade das cousas, a força antagônica que cria as belezas eternas da existência, em contraposição às asperezas de tudo o que é material; que ainda se enternecem ante à poesia que há no vôo das andorinhas, no marulhar

das ondas, no murmúrio das cascatas; que ainda se comovem à luz romântica de um luar ou se curvam reverentes a um pôr de sol, ou estremecem ao silvo da locomotiva.

“que acorda o tigre nos cerros,

“que espanta os caboclos nós!

que se calam, contritos, ante a estridência louca das sirenes, ou se inebriam ao som rítmico da propulsão dos dínamos; que vêm em todas as cousas belezas e poesias, venham de Deus ou dos Homens; que sentem em tudo Deus eternidade; que não se aperceberam ainda das limitações da relatividade para o que é divino; que creem o pensamento a própria vida não seja apenas uma competição, ou se limite o destino do Homem simplesmente à sua transitória sobrevivência física

E eu creio, Snrs. Acadêmicos, eu creio na imortalidade. Não seria outra cousa aquilo que na própria mecânica da vida, partindo da sua unidade biológica, se prolonga pelos séculos afora, em divisões de subdivisões, na multiplicação da própria vida.

Mas creio muitos mais na eternidade do pensamento, na continuidade da arte e da ciência, em todas as suas formas maravilhosas de expressão infinita, porque em todos os tempos em todas as eras vividas pela humanidade, fez-se êle sempre substância, acumulando-se como tezouros preciosos cuja herança jamais poderemos desprezar.

Guardaram-no ontem a escuridão silente das cavernas, as tabuinhas mágicas, as estelas, as folhas sagradas dos papiros ostentando-se agora nas galerias, nos museus, nas universidades, nas bibliotecas.

Sobre os Jardins de Academo - sigamos alguns dos seus roteiros imemoriais, - acumularam-se impiedosamente, séculos sobre séculos.

Há muito que os seus plátanos feneceram e morreram de velhas as suas oliveiras, mas ainda vive, e viverá na floração da inteligência e da cultura, o pensamento do mestre que ali se fizera eterno.

Sobre a Iliada, multiplicaram-se as eras, dormindo nos seus versos, como uma miragem fabulosa da homérica epopeia, a história deslumbrante de Troia. Sob o peso de mais de três milênios, pareceriam imaginação apenas as muralhas de Pérgamo, ou o palácio de Príamo, e ninguém saberia mais agora para onde se botariam as águas tépidas do Escamandro.

Vai daí que um jovem cientista, com a alma de poeta certamente, seguindo o roteiro iluminado pelos cânticos imortais do bardo milenário, arranca da poeira dos séculos que os anos acumularam, a cidade rediviva de Helena.

Das cavernas do Mar Morto, surgiram ontem, os famosos "scrolls" que os resultados da paleografia identificariam como inúmeras resposta às sôfregas perguntas, guardadas no pergaminho, há milênios, sobre as próprias origens do cristianismo.

E que dizer das revelações da Bíblia, que a vanglória dos homens esquecia, mas que a própria ciência, ainda em tempo, numa vigorosa revisão das suas afirmações axiomáticas, proclama agora humildemente, que dizem a verdade, ou que têm razão.

E tantas são as suas manifestações, na arte, na literatura, na prosa ou na poesia, que mesmo sobre a fôrma singela de uma simples inspiração, sem se deter nos fatos, ou passando à larga sobre os acontecimentos, retratam fielmente o povo onde floresce, fixando épocas, estados de espírito, emoções, cultura, refinamento, como se fôra a própria história.

Não foram outra cousa o nativismo que o nosso período clássico modelou, o indianismo dolente de Gonçalves Dias, o condoreirismo fogado de Castro Alves. Não diriam menos, muitos anos depois, as manifestações do dadaísmo e do cubismo que invadiram as artes, no primeiro e segundo conturbados após guerra, porque foram êles o próprio pensamento tumultuado das consciências sofridas, expressão dos anseios e da inquietação que dominaram os escritores desses tempos.

E outra cousa não é o existencialismo de Sartre, dos nossos dias, nas suas caleidoscópicas aparências, tal um proteu de formas as mais diversas, mas retratando, de corpo inteiro, o desassossego da nossa época, do nosso mundo, fixando-o no claro escuro de suas pinceladas impiedosas, para as gerações que nos sucederem.

E tudo isso que é pensamento, é também história. Guardá-lo, no relicário sagrado das letras, é função precípua das academias. Cultua-lo é torna-lo imortal, é transmitir para a eternidade centelhas vivas do nosso eu.

Não bastaria à França a glória das suas tradições militares, nem feitos de sua história e de sua ciência, assim pensara o arguto cardeal de Richelieu, para que se firmasse ela como nação prestigiosa, faltando, para tanto, um cenáculo de

letras, que lhe aureolasse o nome, já por si venerando, como berço de cultura e do saber. Era preciso imortalizá-la e para isso fundou a Academia Francesa de Letras, em cujo modelo se pautou a vossa, através da sua congênere nacional, que o espírito esclarecido de Lúcio de Mendonça criara para glorificação das letras pátrias.

Snrs. Acadêmicos.

Não teria eu, se tanto, oito anos, - e como persistem na minha memória, farrapos de lembranças daquele remoto período da meninice - e já se me povoara o pensamento, ávido de sensações, dos maravilhosos sonhos de terras bem distantes.

Na minha casa, numa insulada cidadezinha do nordeste, um casarão como os que ainda vi, há três décadas passadas, naquele velho e cômodo estilo colonial de outros tempos, mas para onde se havia transplantado muito do gosto da Península, donde provinha o meu pai, enfeitavam-se as suas paredes de numerosas e encantadoras gravuras, semi-anônimas, um tanto desconhecidas. Paisagens da Suíça, brancas de neves e mais azuladas ainda de montanhas, que a minha bôa ama explicava, isto é Minas Gerais; bosques cinzento-escuros, tomados talvez da Germânia, que no seu ingênuo entender, eram florestas de Mato Grosso. E um até havia, que para ela éra todo o Paraguai, terra de Solano Lopôz, como então se dizia na minha escola, a escola de mestre Quirino.

E eu me quedava atônito, enlevado, nas noites mal dormidas, num desejo ardente, trepidante, cheio desse heróico entusiasmo infantil que não esmorece, a esperar que o tempo passasse, que passasse bem depressa, para que pudesse eu, um dia, vê-las, senti-las, essas terras tão bonitas, tão distantes.

Do meu pai, o meu herói daquêles tempos, eu trazia a ferida no sangue, e então bem já o entendera e o sentira, a herança do seu espírito aventureiro, que o fizera atravessar o oceano, ainda na adolescência, sem bagagem e quasi sem destino, para a grande jogada de sua vida a cata da fortuna nas longínquas terras da América.

Mas fôra Felisberto de Carvalho, um educador do meu tempo, num dos seus encantadores livros de leituras - terceira, ou de quarta, já não me lembro mais - quem selara o meu destino, ao contar para os meninos da minha geração, uma história emocionante da então remota Corumbá.

O tempo se encarregaria do resto, tecendo lentamente o roteiro da minha vida, enquanto eu marcava comovido, nos poemas de Gonçalves Dias, um encontro definitivo com os guerreiros cantados nos seus versos, e que por lá, minha terra, já mais viviam.

Mato Grosso me chamava, minando-me a alma de um encantamento todo irresistível, envolvendo-me numa cálida, profunda e tentadora fascinação.

E um dia, como tantos outros da minha terra, os olhos cheios da sua paisagem ressequida que jamais esqueceria, a alma pejada da lembrança de tudo o que ficava, a casa, os pais, a ama, os quadros, os seus campos, onde os mandacarús insolentes, mesmo no rigor das secas botavam frutos escarlates como o sangue, os chique-chiques protegidos de espinhos zombavam impiedosamente da fome que rondava o pastoreio, e os cajueiros pequeninos vicejavam carregadinhos de flores, mimados pelos farrapos de chuva que por lá caíam às vezes na primavera. Um dia...

"fui obrigado, parti..

"chorando beijei-lhe as folhas...

"e quanta saudade senti..."

O meu encontro com a vossa terra, Snrs. Acadêmicos, fôra assim um sonho acalentado na pujança da adolescência, quando eu começara a desbravar os seus sertões, nas páginas da história, que eu lia com sofreguidão, seguindo os caminhos das bandeiras, ou navegando pelo Tietê com as monções.

A visão, mais tarde, da vossa cidade, para mim, empolgado de um intensíssimo espírito de brasilidade, aquecido ao fogo dos apôdos com que me mimoseavam os companheiros de infância, fruto da minha ascendência estrangeira, fôra realmente um êxtase. E que, ferido, eu sentia sublimar-me num impetuoso desejo de integrar a minha personalidade no culto à pátria que meu pai me dera, amando-a com um calor mais forte, e mais intenso, do que fôra, a vós, Snrs. acadêmicos, dado imaginar. Por isso eu vivia intensamente a sua história. E ao ve-la, foi como se revivesse aquelas belas e imortais páginas de epopeia, minhas velhas conhecidas, nesse culto que eu professava quasi às escondidas, no altar das minhas juvenis emoções.

E me puzera, ao pisar terras cuiabanas, a caminho de uma reconstituição sentimental, vagando ao longo dos seus roteiros históricos, como um bebedor de lembranças heróicas.

Subindo ao Outiro da Glória, para de lá ve-la, numa visão panorâmica, enamorei-me apaixonadamente de sua paisagem, onde os longos muros de taipa, seguindo as curvas das ruas, ou subindo pelas encostas, evocavam o singelo casario dos mineradores das Lavras do Sutil; no Canto do Sêbo, onde eu fôra também, olhando para o nascente, divisei a rota dos capitães generais, quando aqui chegavam vindos pelos caminhos da terra.

Adivinhei as festas, a ornamentação das ruas e as representações de tablado, que duravam dias. No S. Gonçalo Velho, ainda ouvi a crepitar das labarêdas, lambendo as cabanas rudimentares dos Coxipónés.

Eu vivi a epopeia rediviva dos vossos ancestrais, falando-lhes em cada esquina de cada uma de vossas ruas, onde os encontrava, a vós bandeirantes que o sois, herdeiros do sangue daqueles dignos heróis, que eu bem distingo no nome patricio de vossas famílias.

Mas permiti, meus prezados confrades, que vos fale um pouco mais dessas andanças. De que palmilhei os Martírios, onde o filho de Manoel Bicudo, em folguedos infantis, brincava com pepitas de ouro, como se ali vivesse uma das mil e uma noites daquelas fabulosas histórias que falam da opulência do Oriente.

Que fiz o mesmo longo roteiro tormentoso, aquele imenso caminho de tragédias, marcado pela dilatada esteira de águas marulhantes, via crucis dos caravaneiros da glória, que vem das barrancas do Tietê às margens do hoje lendário Cuiabá. Águas traiçoeiras, como eu as vi, testemunhas mudas e indiferentes, da audácia daqueles bravos que vieram aqui conquistar a terra e plantar esta cidade. A nostálgica solidão das suas barrancas, como me lembro, e o silêncio mentiroso daquelas ignotas paragens, não mais eram que severas e trágicas advertências dos seus segredos e mistérios milenários, ora quebrados pelo rosar selvático dos felinos que lhes infestavam os recessos, ora pelo tropel tenebroso, medonho, das gentes primitivas que lhes habitavam as entranhas, ou apenas pelos silvos quasi inaudíveis, mas fatais, de flexas, que como passáros da morte, emanavam de punhos temerosos, vingativos, sinistros.

E como traziam tensos, em toda a marcha, músculos e nervos. Ouvidos à escuta, aos rumores das florestas, ao mais leve farfalhar de folhas. Ólhos no céu, na mata, nas ramadas que orlam as enseadas por onde passam. Todos êles vibrantes, como guerreiros, no ápice das batalhas, os sentidos alertas a dominar o cenário, como o fazem as águais na alcandorada imensidão das céus.

Por esta estrada fatídica passara um dia o Pai Pyrá. Por essa mesma rota, um outro herói, à frente de um pequeno bando seguira-lhes as pegadas intemeratas.

A visão desse nôvo mundo, para mim, senhores acadêmicos, fôra a integração de um sonho que se fizera real, uma façanha do determinismo, do qual cedo eu me apercebera, e que hoje, nesta hora muito grata para mim, relembro com a alma tranqüilã, sentindo-me realizado no desejo que as velhas gravuras da minha casa me sugiram na infância.

Snrs. Academicos.

Entre as quarenta figuras totêmicas da nossa academia, como chamara as que ilustram a Academia Brasileira de Letras, no seu discurso de posse, um dos iluminares daquela casa, destaca-se a de um Fonseca, João Severiano, cujo nome em breve reverenciarei, patrono que é da cadeira N° 17, cujo fundador, Carlos Gomes Borralho, ao seu tempo, representava uma das expressões do cenário cultural e político de Mato Grosso.

Manejando a pena com sabedoria e brilho, dedicara-se Borralho ao jornalismo, essa poderosa forma de literatura, que ao seu espírito, de natural esquivo, parecera mais consentâneo e a cujo elogio não nos pouparemos, nesta hora dedicada às letras, sentindo que o fazemos assim ao nosso próprio antecessor, cuja obra esparsa, por força do gênero em que a moldara, fôra uma pedra a mais, na edificação da consciencia nacional, forjada no labor incessante e rijo da imprensa.

Vem-nos à mente, a propósito, um pouco de sua história, lembrando a mudez da nossa pátria, nesse campo da cultura, até fins do século 17, medrosa que era a côrte portuguesa, às manifestações escritas do pensamento, escasseando-se, por isso, aqui, os panflêtos que por êsse tempo medravam em todos os paizes civilizados do mundo. E só muito lentamente se insinuaria êle entre o nosso público ledor, fazendo época entretanto e deixando magnificas recordações na história das letras no Brasil, os que divulgavam as memoráveis sátiras de Gregório

de Matos, cujas cópias corriam de mão em mão, e eram, naquele tempo, o próprio jornal que a Colônia tanto reclamava.

Vale lembrar, sem que nos afastemos bastante dos nossos propósitos neste momento, o primeiro jornal brasileiro, a suprir essas deficiências, que a pena audaciosa de Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça criara na Inglaterra, para tortura da côrte portuguesa, o famoso "Correio Brasiliense", cujo epílogo de sua existência seria dedicado às aspirações de independências da nossa pátria, e que trazia, como dístico, dois significativos versos de Camões:

"Na quarta parte nova o mundo ara,  
"se mais mundo houvera mais chegara."

Compreendendo Carlos Gomes Borralho, com a argúcia de sua inteligência, que melhor trabalho prestaria à terra natal, transmitindo aos seus contemporâneos o pensamento que lhe borbilhava na alma, dedicar-se ao labor que por temperamento escolhera, entregando-se, cometido que sempre fôra, a lançar, periodicamente, bem fundamentadas crônicas de fino labor linguístico, sob cuja aparência de austeridade, projetava-se entretanto, o refinamento do seu espírito e a beleza de sua arte bem cuidada.

Daí o prestígio com que se recomendaria mais tarde no seio da opinião pública de sua terra, fazendo-se seu representante na Assembléia Legislativa.

Não se olvidaria o meu ilustre antecessor, do valor inestimável da imprensa, da influência dominadora que exerce no espírito das multidões, da facinação que desperta no seio das massas ansiosas, tal fôra aqui mesmo em Mato Grosso, onde um émulo apátrida do Correio Brasiliense, uma voz cuiabana no exílio, A "Reação", que se publicava em Assunção do Paraguai, aglutinava, de longe, como uma bandeira de revolução, o Partido Republicano, aqui caído no desagrado do situacionismo.

E, ao recordar êsse passado, já um tanto remoto do nosso jornalismo, como uma homenagem ainda aquêle que na sua militância, fizera a bagagem intelectual que o recomendará à cadeira 17, da vossa academia, não poderia fugir à tentação de chegar às fontes mais íntima das suas origens. Refiro-me, Snrs. acadêmicos, a história de dois prelos, que marcaram os rumos da imprensa em nossa pátria, e em Mato Grosso, um chegado talvez por acaso, à côrte brasileira, quando da fuga do

príncipe D. João às ameaças napoleônicas, o outro aqui vindo, a Cuiabá, conta-nos o historiador e poeta, patricio, Rubens de Mendonça, por obra do espírito esclarecido do marquez de S. Vicente, José Antônio Pimenta Bueno.

Deste sairia o "Themis Matogrossense", o primeiro jornal a circular nesta cidade, a 14 de agosto de 1839, e daquele surgiria a "Gazeta do Rio de Janeiro", sob a direção de um frade capuchino.

Do estilo louvador e tímido desse incipiente jornalismo, partiríamos para a grande imprensa, êsse quarto poder dos nossos dias ao qual dedicara Carlos Borralho sua inteligência, posta, nesse labor, à disposição dos seus patricios.

Como para todos os moços cuiabanos, de sua geração, ingente fôra a sua luta, na conquista dos meios que mais tarde poria a serviço de sua terra, como militar, e como engenheiro que fôra também, e ainda como político, pois não ficaria indiferente aos debates travados nesse campo tradicionalmente tumultuoso da vida nacional. Para isso, licenciando-se do exército, vem à terra natal, com o propósito decidido de tomar parte ativa na sua vida política, elegendo-se, como vimos, representante do povo, a Assembléia Legislativa, do Estado. Aí se autenticaria outro dos seus pendores intelectuais o da oratória, que, de par com o jornalismo fa-lo-ia ainda mais indicado a ocupar uma das cadeiras do vosso grêmio.

Exercera ainda Carlos Borralho, em dois govêrnos, as altas funções de secretário de Estado, desempenhando-as com sabedoria, grangeando assim alto conceito em que era tido entre os seus contemporâneos como um homem a serviço da terra natal.

Eleito mais tarde, por expressiva vitória, para a Câmara Federal, entrega-se, algum tempo depois, dissolvido o Congresso, por um golpe de estado, ao magistério particular, fazendo desse nôvo ofício o seu mais alto objetivo, a compensar-lhe as desilusões que lhe deixaram as atividades políticas.

Carlos Gomes Borralho nasceu em Cuiabá, na pitoresca chácara que ainda hoje existe, ao lado da Santa Casa de Misericórdia, a 10 de julho de 1878, falecendo em 1957, aos setenta e nove anos de idade.

Sua vida, relatam com emocionante simpatia, os seus contemporâneos, cheia de dignidade, sem asperezas, serviria de modelo às futuras gerações, pelo amor ao trabalho, pela dedi-

cação à terra que lhe dera origem, e pelo zêlo às cousas do espirito, que cultivou sem exhibição, ou antes com profunda modestia.

Snrs. Acadêmicos.

Gostaria, ao reverenciar por último a memória do insigne patrono da cadeira 17, dizer das virtudes de sua illustre estipite, virtudes que lhe temperaram a alma de médico, de militar e de escritor notável, dando ao Brasil êsse padrão de dignidade e de cultura, que foi João Severiano da Fonseca.

Rosa Maria Paulina, prolífica como a maioria das matronas nordestinas, contava entre os seus descendentes diretos, oito filhos varões e duas meninas. Daqueles, sete lhe confeririam a glória de receber dos seus coestaduanos, a alcunha de Mãe dos Sete Macabeus.

Contam-nos os agiógrafos, que sete mancebos de Jerusalém, dominada então por um poderoso soberano, Antiocho Epifanio, rei da Síria, recusaram-se, por se resguardarem de profanar um dos preceitos rígidos de sua religião, a cumprir duro e infamante castigo, renegados que se tornariam aos olhos de sua comunidade. A mãe desses mancebos, diz-nos ainda o segundo livro dos macabeus, heróica, como soem ser as mães, na glorificação dos filhos, não se cansara de exortá-los a que resistissem com bravura à torpe punição, confortando-os no martírio até à morte.

Rosa Maria bem merecera também a veneranda alcunha, tão nobremente se portara ante os infaustos acontecimentos que lhe roubaram alguns dos filhos, cheia da bravura espartana que lhe comunicara o chefe da família, o tenente coronel Manoel Mendes.

Quando em 1865, a pátria ameaçada, concitara às armas a mocidade brasileira, para a luta que se travaria na defesa de sua soberania ameaçada, partiram da casa dos Fonseca, na distante Província das Alagoas, os primeiros macabeus. Resguardar-se-iam êles também, por amor ao Brasil, e à exortação à bravura, que lhes faziam, sem dúvida, os pais à despedida, de profanar os preceitos da valentia e da coragem, nos campos de batalha. Dos oito filhos homens, sete pelejaram na áspera e mortífera empreitada, despovoando-se, como ia então acontecendo no país inteiro, mais um luar viçoso e alegre, cheio da vida trepidante que lhes imprimia certamente a mocidade daqueles jovens rapazes. Passam-se os meses, e quando

por lá chegam as primeiras notícias dolorosas dos horrores que o trágico acontecimento ia espalhando pelas nossas malsinadas fronteiras, vem com elas a desditosa comunicação do governo, de que Hipólito e Afonso, haviam tombado gloriosamente no fragor da luta, em holocausto à pátria. Manoel Mendes, sem deixar de chorar os seus mortos, e de consolar as noras, ilumina com mais viva luz a sua morada e orna-a de flores e bandeirinhas, explicando aos conterrâneos comovidos, que o fazia em memória aos filhos desaparecidos, mas também pela glória do Brasil. E tal, tempos depois aconteceria novamente, quando Hermes e Deodoro, sob a chuva das balas inimigas, segundo outras notícias, caem feridos na sangrenta batalha de Iitororó.

A coragem de Rosa Maria lembra a bravura de uma heroína, que a história guarda, immortaliza no bronze, para exemplo e edificação da posteridade - "Cornélia, mãe dos Gracos".

Filha de Scipião, o africano, nascida nobre, na mais alta camada do patriciado romano, tendo unido o seu destino ao do censor Semprônio adotara as suas idéias democráticas, educando os filhos para as lutas em favor da plebe.

Viuva, ainda jovem, regeitaria uma corôa, a corôa do Egipto, que lhe oferecera um dos Ptolomeus, para continuar na faina que lhe parcera mais sagrada, a da formação moral de Tibério e Caio, os dois Gracos que se tornariam imortais. E quando tempos depois, sacrificados à sanha bruta dos inimigos, por suas idéias extremamente liberais, por êles lhe perguntavam os amigos, respondia-lhes Cornélia, "morreram por causa sublime, a felicidade do povo romano".

Para Rosa Maria e Manoel Mendes não há ainda uma estátua, que se a erigissem, levaria o dístico: "Estes foram os pais dos FONSECAS". Os filhos porém os eternizariam na história, como uma das mais pródigas famílias do Brasil, a dar à pátria um contingente precioso de homens valorosos.

Família de militares, os FONSECAS, contam entre os que se evidenciaram no decorrer de um longo período da nossa história, vários filhos ilustres, valores que não serão jamais esquecidos, pois nela deixaram marcos imperecíveis. Hermes Ernesto, ligado à vida de Mato Grosso, onde estivera como Presidente da Província e Comandante as Armas; Deodoro, o proclamador da república; Hermes, filho do primeiro, militar dos mais dignos de sua gloriosa classe, que se distinguiu pela

dedicação com que se lançara à reorganização do exército nacional, grangeara a confiança dos seus contemporâneos, que dêles fizeram no seu presidente.

Dos Fonseca, um sobretudo se destaca para nós, por motivo todo especial, e de certa forma afetivo também, o insigne patrono da cadeira 17, o general João Severiano.

Nascido em Alagoas, em 1833, tornou-se médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A vocação militar da família, cedo o conduz entretanto ao exército, do qual se tornaria general chefe do corpo médico, tendo no decurso de sua brilhante carreira, como médico e como militar, desempenhado importantes comissões, destacando-se especialmente a que cumpriu na campanha do Paraguai, da qual participou com heróica abnegação. Como político se fizera, no governo de Deodoro, seu irmão, senador à Constituinte, de 1889, pelo Distrito Federal, e como homem de ciência, membro da Academia Imperial de Medicina, e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Espírito dotado de raras e nobres qualidades, grande estudioso das cousas do país, e particularmente de Mato Grosso, João Severiano da Fonseca, deixou, dos seus inolvidáveis roteiros pelo Brasil, obras magníficas, repositórios de conhecimentos preciosos, tais como os denominados "Gruta do Inferno", trabalho apresentado ao Instituto Histórico, "Dicionário Geográfico de Mato Grosso", "Raças e Póvos, suas Origens, Afinidades, e Distinções", "Novas investigações sobre Mato Grosso", e "Viagem ao Redor do Brasil", além de dois outros trabalhos, um de medicina, sua tese de doutoramento, "Das Moléstias em Geral" e outro, um estudo social, "Do celibato clerical e religioso".

Várias comendas e distinções militares, lembram os méritos do insigne patrono da cadeira 17, patrono também do Serviço de Saúde do Exército, que nêle encontrou um símbolo, como o são Caxias, Sampaio, Mallet, Osório e tantos outros gloriosos expoentes das nossas forças armadas.

Na sua "Viagem ao Redor do Brasil" em cujos delineamentos se afirmam a robustez do seu espírito investigador e a vocação do narrador metuculoso, honesto e sobretudo brilhante, João Severiano da Fonseca acumula um cabedal precioso de informações geográficas, políticas, sociais, econômicas e etnográficas, tornado êsse documento uma das mais notáveis fontes de conhecimentos das cousas do oeste brasileiro.

Na sua linguagem, escorreita e fluente, de par com uma assombrosa erudição, especialmente no campo das ciências naturais, há assomos, por vezes, de poética, que, se, não intencionais, deixam contudo, no espírito do observador, suave sensação de rítimo, a embalar-lhe as frases, lançadas com maestria e beleza.

No início dessa sua longa viagem científica, mas de certo modo pitoresca também, depois de largo percurso sobre o caudaloso Paraguai, ao sentir que se avizinha o momento em que navegaria águas brasileiras, emocionando-se proclama:

"Só o desterrado - e o viajante o é - pode explicar essa emoção de júbilo e satisfação indizível, que se experimenta ao pizar, ou tão somente ao rever terras da pátria. É um sentir que partilha o amor filial do amor de família, do amor do lar; manifestação de um egoísmo que é também virtude do coração, e a qual, por mais fútil que pareça aos que não encontram o solo natal nessas paragens tal não lhe parecerá, de certo, por mais indiferentes que sejam, quando a terra que se lhes apresenta, à vista seja a terra que lhes deu o berço."

E lembra a alegria dos soldados e marinheiros de Mato Grosso ao avistarem as águas barrentas do S. Lourenço, "tão divididas diz das do límpido Paraguai, que êles com ansia e sofreguidão bebiam, só por serem águas cuiabañas."

Vem-me daí Snrs. Acadêmicos, desses singelos dizeres, memória de uma velha trova popular da minha terra, que, ao encerrar, neste momento, êsse já um tanto longo passeio sentimental, rememorando e venerando dois ilustres nomes da história dessa querida terra de Mato Grosso, eu desejaria recordar.

"Garça parda, garça branca,  
"que neste lago passeia,  
"Bate as asas, volve aos lares,  
"De quem chora em terra alheia!  
Minha vida, meus pezares...  
Conta aos meus na minha aldeia,  
Que sou a garça cançada,  
Soluçando em terra alheia.

Que me perdoe o sofrido poeta anônimo da minha terra, do meu distante sertão que jamais esquecerei, onde os insolentes mandacarús, mesmo no rigor das secas botam frutos es-

carlates, como o sangue, e os chique-chiques, protegidos de espinhos, zombam da fome que ronda o pastoreio, que me perdoe, que eu pedirei à garça branca que diga lá à minha gente

Minha vida, meus prazeres  
Conta aos meus na minha aldeia,  
Que eu sou a garça enlevada,  
Muito amando a terra alheia.

Snrs. Acadêmicos.

Que mais almejaria, se da luz que acendestes para iluminar o pensamento, me permitis que dela participe, como um iniciado nesse culto sagrado que professais.

Se no banquete em que vos reunis, para a exaltação da espiritualidade, e a celebração da inteligência, me conduzis à intimidade do triclinio, antes que me fosse apontado, como aos escravos romanos, descalçar-vos as sandálias e untar de óleos perfumados os vossos cabelos.

Pudesse eu cantar, com riqueza de versos a vossa hospitalidade e eu teceria de flores e de luzes, um bonito poema para vos ofertar, proferindo-o em surdina, confidencialmente, numa noite como esta.

Escultor, eu arrancaria da algidez do mármore, aquela ardente donzela romana, a deusa da amicicia, vestida de branco e coroada de mirtos e de flores de romanzeiras para que figurasse no pórtico da vossa cidade.

E tal é a alma do viajor agradecido, vindo na mocidade, das terras ensolaradas do nordeste, onde a inclemencia da natureza desperta o espírito dos caravaneiros que de lá fogem com saudade, e que um dia vos bateu às portas.

Abristes m'a. Destes-me de beber o vinho tépido da amizade e comigo repartistes o pão ázimo na comunhão da vossa cordialidade.

Que mais desejaria do que aqui viver, e aqui envelhecer, nesta mansão tranquila, onde se aformoseia o espírito, cantando as glórias da ancestralidade totêmica das vossas inteligências e onde se cultuam as belezas eternas do pensamento, centelhas invioláveis da vida.

---

---

## DISCURSO DE RECEPÇÃO PELO ACADÊMICO LUIS FELIPE SABÓIA RIBEIRO

Exmo. Sr. Governador Fernando Corrêa da Costa  
Exmo. e Rvmo. Arcebispo de Cuiabá, Dom Orlando Chaves. Exmos. Srs. Secretarios de Estado  
Exmos. Srs. Presidentes das Associações Culturais e demais autoridades. Exmo. Sr. Presidente da Academia de Letras. Srs. Acadêmicos. Minhas Senhoras e meus Senhores,

No sôpro vivificador que se esparze com a fôrça e o nobre sentido da eloquência, na renovação exponencial dos valores da intelectualidade matogrossense que se congrega no Cenáculo da Casa Barão de Melgaço, altar erguido memorativo aos vultos das letras passadas, abrem-se suas portas na festividade dos grandes dias para, entre luzes e flôres, palmas e aplausos, receber o novel acadêmico Dr. Humberto Marcilio.

Embora vejamos na restauração o próprio princípio vital do rejuvenecimento e da perpetuação, élo que nos prende ao passado e nos alonga no futuro, é-nos todavia confrangedor, debruçarmo-nos sôbre os dias que não vão longe, e que ainda ecôam pela proximidade para reverenciar os varões das letras que dêste Sodalício se foram para a eternidade, e que no passado imprimiam a espiritualidade elevada que é o apanágio da excelsa Academia de Letras de Mato Grosso.

Sejam assim, as nossas primeiras palavras de reverência evocativa áqueles que nos legaram o primado das letras e das belas artes e nos entregaram o facho aceso, que no porvir collocaremos nas mãos de nova geração digna do passado.

É esta concepção da inteligência que se integra continuamente, sem que haja solução de continuidade na busca do belo e na sublimação da inteligência criadora para as letras, sempre avivantada pela imaginação oriunda da poética e das artes e de tudo que é belo ao espírito luminoso, como o Apólo que inspira os seus eleitos.

Portanto praza aos céus a beleza désta noite que é de festa pela invocação do fino lavôr e da espiritualidade daquêles que nos antecederem.

A incumbência por nós recebida de receber o ilustre confrade, Dr. Humberto Marcilio, quase nos assoberba, mas do outro lado nos esmaga o acometimento da tarefa.

Senhores Acadêmicos: Como uma visão esplengleriana nos amesquinha a capacidade do saber disnivelado da altura dêste simpósio da inteligência e da cultura.

É nobilitante que em tórno de uma mêsa nos simpósios da Helderidade imorredoura chegados até nós veiculação dos Diálogos de Platão, o mestre imortal condenado à cicuta, Sócrates, divinizasse a filosofia e trouxesse Deus até a mesa do banquete, ambiente dos filósofos e pensadores.

Mais tarde o próprio Deus feito rabi da Galiléia trazia no aconchego de seus discípulos o ensinamento em tórno de uma mesa, antes que terminasse a Sua missão na face terrena, tendo em derredor humildes pescadores e eternos evangelistas.

Na alegoria désta Assembléia em que toma parte a fina flôr dos homens de pensamento, sem que falte a presença das mais altas personalidades da terra e a graça sem par da mulher cuiabana, engalana-se o ambiente para integrar no convívio imortal o novo acadêmico, Dr. Humberto Marcilio, que teceu ante nós tôdas as palavras de sua eloquência amadurecida, de que nos fala Joaquim Nabuco, e que doravante há de assentar na cadeira nº 17, cujo Patrono aqui reverenciamos, na figura preclara de sua "Viagem ao Redor do Brasil", que tem Mato Grosso como proscênio.

Reafirmamos que nos confrange o desmedido da competição, quando por dever de ofício, escolhido que fômos pelos nossos pares, desencumbimo-nos da tarefa ingente de receber o insigne colega e pesa-nos sôbre os ombros impotentes o torneio da inteligência, e na justa a que somos arrastados, resta-nos a satisfação do privilégio de falar em nome da Instituição magna das belas letras da terra de Pascoal Moreira Cabral, na lide em que se falta o saber e o amanhã, sobeja a vontade de trazer as boas vindas ao dileto Acadêmico.

É que outras razões, que não dá inteligência, mas do coração, presidem nossas pobres palavras. Outros motivos, invocações outras e distantes, vindas de muito longe, como o peregrino à procura do pouso no entardecer da vida, parando tão logo a vista, para volver o olhar no horizonte imenso e perdido;

tudo, em suma, nos levaram a aceitar a incumbência e agora só nos resta o socorro de pedir as Musas que inspirem e ajudem, inda que a lira seja fraca e rude, lembrando na ocasião o poeta das Ódes da Terra que nos serviu de bêrço, José Albano, o mais puro e legítimo filho da inspiração poética e de purismo camoneano.

Pobre de nós nessa arremetida liliputiniana, embora a imploração aos Nunes, e "tanto nos ajudar o engenho e arte", para que não se destoasse e antes realçasse a beleza sem par desta noite de gala da Academia de D. Aquino Corrêa e de José de Mesquita.

Vem em nosso socorro as palavras do mestre de Mântua na advertência ao florentino: "Non te cuidar de loro, ma guarda e passa".

Sem levar em conta o desprimor da forma, e o vazio da eloquência e da fase adequada ao acontecimento, enseja-nos a oportunidade de receber na Tribuna acadêmica, com profunda reverência, o festejado intelectual, a quem todos se habituaram a admirar pela fina eloquência tribunícia, pelo seu passado de culto às cousas do saber e dotes de literato, conquanto modesto na excelência de sua participação cultural, erudição aprimorada pela meditação e estudo, tudo isso confluindo no aticismo de sua formação mental, sem falar no perfeito gentleman que o é, no quotidiano convívio dos seus semelhantes.

Meus Senhores: No ilegismo da vida, o fio de Ariadne nem sempre designa o caminho certo e então nos dédales do Palácio do Rei Mines apelamos para o destino salvador, dado por Deus aos homens, seja o determinismo, seja o fatalismo mulsumano, ou mesmo o próprio destino das gentes.

Onde quer que estejamos, nesta ou naquela condição humana, "de bichos da terra tão pequeno aonde nos abrigarmos, que não venha se indignar o "Céu sereno", da expressão camoneana?

Para alguns é o determinismo, sistema filosófico que nada explica, para outros pensadores, mais pragmáticas e sem maior alcance, encontram na casualidade ou no fortuito a explicação dos fatos e dos acontecimentos, mas que, na verdade, numa concepção mais elevada chama-se o destino mutavel do livre arbítrio, conduzindo os homens aos seus próprios desígnios.

É como se explica estarmos nós dois, presado Humberto, mais uma vêz, estreitados num mesmo ideal acadêmico, tomando assento lado a lado nas poltronas da Academia de le-

tras, desta terra que não nos viu nascer, que porém foi berço dos filhos de dois forasteiros aqui chegados, faz quasi trinta anos, cheios de amor ela onde edificaram um lar, e dariam o melhor aos seus sonho de moços, ao futuro grandioso dessa paragens grandiosas.

O destino. . . . pela primeira vêz, o destino marcava o nosso primeiro encontro de meninos, juventude em flôr, e isso anda perto dos cinquenta anos, na romântica Praça do Ferreira na nordestina Fortaleza "loira dos sóes, branca de luares", a Terra de Iracema, a paizagem alencarina da capital Cearense, a ditosa Pátria minha amada, onde "acabe-se esta luz aii comigo".

Na extensa caminhada de quasi meia centúria até os dias de hoje perlongando uma trajetória na conquista de um lugar ao sol, quanto paralelismo rasgado pelo destino, entrecruzando-se os acontecimentos da vida, como a obedecer os designios da Providência.

Da juventude que se agitava na rivalização dos colégios e que entrementes Juvenilmente se hostilizava belicosamente, partimos para o seio das Academias e já despidos destes arreganhos juvenis dos cursos de humanidade, nos doutoravamos no curso superior da velha Escola de Medicina da Praia Vermelha, onde pontificavam tantos mestres de saudosa memória, pois eram o nosso culto vivo da mocidade da geração nossa.

Dos sonhos da adolescência, dos bancos alizados da Faculdade, atingimos a vida prática do artesanado médico nos mesmo sertões de diamante do leste matogrossense e, como sulcando o paralelismo anotado linhas atrás, reavivando o entrecruzamento, voltamos a nos encontrar na vestuta Cuiabá, transmutando apenas o cenário da Praça Ferreira para o Jardim Alencastro.

E por último a cosagração acadêmica que foi a compensação, qual uma nova Lei de Galton, ao vossos méritos de artista da pena e da oratória. Daqui pordiante aproximando-se, as margens do Araguaia ao Cuiabá, êste paralelo na caminhada, perpetue-se, prosiga inevitavel, porque lembrando as palavras de Charles Dickens possamos dizer, dirigindo-me ao confrade de agora: "Em nossos filhos, meu caro Copperfield, vivemos outra vêz".

Basta de saudismo, meus ilustres confrades, porque se tanta digressão houve, perdoem-nos que a recordação do passado é o apanágio dos que souberam viver tanto tempo, assim como o futuro é o condão dos dias felizes da adolescência.

Ponhamos um termo a essas considerações de ordem afetiva, talvez... Conquanto possam elas explicar as razões da nossa presença na descolorida oratória, que vos faço nesta noite.

Falemos daquele que na linguagem acadêmica se diz o recipiendário desta solenidade. Acompanham-os bem de perto a sua vida, caríssimos confrades como acabamos de relatar, Prossigamos nos aspectos particulares que mais denotem a individualidade do brilhante homem de letra e de pensamento, que é Humberto Marcilio, e o que dissermos retratará a fidelidade do testemunho, isento, sem dúvida dos "favores com que mais se acende o engenho" no escopo de trazer a esta tribuna o objetivismo da narração para evitar "o manto diáfano da fantasia" de que nos fala Eça de Queiroz.

Senhores acadêmicos, minhas senhoras e meus senhores:

Conhecemos-lo menino, como na verdade vos disse. Mal chegado ainda dos sertões nativos do Piauí, envergava airoso, então, a farda multicolor de aluno do Colégio Militar, do Ceará.

Viera daqueles campos férteis que sempre nos relembra a marcha da boiada do Brasil seiscentista, desde os sertões da Casa da Torre, de Garcia D'Avila, em demanda ao pastoreio do nordeste. Não do Nordeste adusto a que já nos habituamos ouvir falar, mas daquele mesmo trato de terra, que se estende qual um oasis pelos campos dos Cariris, formoso e pródigo a se estender por uma mesma região geo-econômica. Seu pae, o seu herói, como cabou de nos dizer, alí chegara da Itália, em busca da fortuna, que acabou lhe acenando numa vida inteira de trabalho, dedicada ao comércio regional dos produtos agrícola - pastoris. O lar que nasceu plasmou-lhe a mente. Porque seus progenitores, conquanto vivendo na rudeza dos camponeses, jamais se descuraram da educação intelectual dos filhos numerosos, nascidos ao abrigo da instabilidade das cousas, na abastança honesta do lar paterno. Da preocupação educacional despondo para a vida pública uma geração de Marcílios, desde então, mas que da progênie, ilustres cidadãos participam aqui e acolá, no nordeste, na vida pública através da política, do magistério, da literatura e do saber, dos quais é uma síntese verdadeira o homenageado da noite que, entre nós outras, já num diverso ambiente, grangeou o galardão, aflorado aos méritos a virtude que teria de repontar, aqui ou alhu-

res.. Retomando o fio, vemo-lo infante recém chegado a Fortaleza, " entre verbenas e jasmims pousada", iniciando no Colégio Militar e seu aprendizado do curso de humanidades.

Tinha deixado para trás, na longinqua cidade de Picos, o paterno dos primeiros anos de juventude e toldava-lhe os olhos e panorama nativo das águas do Parnaíba, do decantado rio de Costa e Silva.

Saudade... O olhar de minha mãe rezando,  
O pranto lento deslizando em fio...  
Saudade... A amor de minha terra.  
Cantigas d'água clara soluçando:

Noite de Junho. O caboré com frio,  
Ao luar sobre o arvoredado piando, piando...  
E a noite ás folhas lívidas cantando  
A saudade infeliz dum sol de estio.

Saudade... Asas de dôr do pensamento,  
Múrmurios vãos de canaviais ao vento...  
A! mortalhas de neve sôbre a serra.

Saudade... O Parnahíba, velho monge,  
As barbas brancas alongandoe, ao longe,  
O mugido de bois de minha terra.

Já desperta a alma do jovem, inclina-se a sua vocação literária e em breve é o redator chefe da "A Pátria", publicação mensal que imprime em suas páginas e anseio literário, o culto da nacionalidade da juventude a se fazer homem daquele Ateneu de tão gratas memórias.

No entusiasmo em que se prende, Humberto Marcilio discorda e como a juventude é algo inquieta, busca numa dessidência a nova afirmação de sua pena.

Surge dêsse embate intelectual o "O Trocane", saído de sua iniciativa a rivalizar-se com estoutro. Sugere-lhe um nome estranho " O Trocane", do vocabulário da lingua bantú, de pleno continente africano, que em vernáculo se traduz por "Tambor de Guerra", a rufar em suas colunas a mal nascente vocação antropológica com que muitos anos depois forrava sua cultura científica.

Extravasa seus artigos na imprensa local e numa profusa colaboração domingueira enche uma sessão de "A Jandaia", hebdo-

madário literário sôbre tudo, mas que também traduzia o espírito da sociedade local, refinada e exigente das plagas dos Verdes Mares Bravios.

Ei-lo, assim, ao lado de Aldo Prado o creador da "A Jandaia", cheio de idealismo a impregar com arte e estilo o ambiente literário da sociedade cearense na altura da década de 1.920.

Talvez, alí naquelas páginas de "A Jandaia" fizesse o nosso confrade o seu melhor aprendizado nas letras e na arte de bem escrever, plasmando o seu próprio estilo, aprofundando o pensamento, aprendendo não na fantasia", senão vendo, tratando e pelejando", para relembrarmos Camões.

Também, dentro dos muros colegiais, a par dos estudos, era simultaneamente o mestre aluno da banda de musica, herança vocacional de certo herdada de sua pregênie mediterrânea, peninsular.

Já longe vão os tempos dos preparatórios e do curso secundário. Matricula-se na velha Faculdade de Medicina, da cidade dos Governadores Gerais, na secular Capital Bahiana.

Transfere-se em breve do Terreiro para a Praia Vermelha, trocando Itapoã e Baixa do Sapateiro pela carioca Copacabana e Largo do Machado, último reduto boêmio, ora desaparecendo prosaicamente. Bebidos os ensinamentos de Miguel Couton e de Dieulafoy, deixa para traz o velho casarão da Misericórdia. Arremete-se em demanda dos sertões orientais de Mato-Grosso, onde o fascínio do meio, o desabrochar duma região afastada, tão carecente dos conhecimentos científicos de que eram prova o seu diploma, em suma a sua Lageadol, mais tarde rebatizada de Guiratinga, tudo isso e mais o idealismo de moço alcançaram-no à construção de um Lar duma nova morada no Estado de Mato Grosso, que tanto fustigou-lhe a imaginação dos primeiros anos de vida profissional. Aqui cristaliza-se outra vocação, outra facêta de seu talento alicerçado no estudo e na meditação das cousas da natureza. O meio grandioso apresentando algo de primitivo, acena-lhe a imaginação entre a tribo dos Bororos, e abrem-se-lhe os livros e os tratados de Antropologia. Cuvier Quatrefages, Dubois povoam-lhe os conhecimentos objetivos daquela ciência.

Fere-lhe a sensibilidade científica a indagação etnográfica entre os bororos, tribo em vias de desaparecimento e cujos laços culturais prendiam-na a uma procedência particular, fóra da classica divisão de von Den Stein, equidistantes dos Gês

ou Tapuias e dos Aborígenes da lingua geral tupi-guarani. Estudados primitivamente pelos salesianos, onde avulta o Padre Colbacchini, eram os Orarimugudogues pertencentes a um tipo de civilização, de lendas e tradições tribais que enfeitavam a imaginativa do jovem médico. Acompanha a trajetória tribal, disseca os radicais linguísticos e devassa o segredo do comparativismo etnográfico, indo buscar na bucólica Polinésia, nos fragmentos oceânicos o que veio adominar "Vestígios das Culturas oceânicas no Brasil. Quando vier a lume este estudo esboçando será uma página seriamente condensada da cultura etnográfica brasileira. Outras lides de sua vida pública o realçam no meio. Vão busca-lo para Prefeito da Cidade que também ajudou a construir e, após isso, representa a zona que ajudou a desenvolver-se, o Leste Matogrossense, na Assembléia Legislativa do Estado.

Em nova diapasão jornalística funda em Guiratinga um Jornal partidário "A VÓZ DO LESTE", que durante três anos é o farol vivo da democracia resurgida naquelas bandas.

Milbita, portanto, na vida partidária e entra na vida pública com grande acervo de conhecimentos e experiência. Já transferindo sua residência para Cuiabá empresta sua colaboração no Departamento de Educação e Cultura, durante um lustro. Então apaixonado pelo ensino e pela história da pedagogia rebusca nos armários poeirentos os elementos da "História do Ensino em Mato Grosso, ainda inédito.

Vejo o nosso brilhante Confrade na extensão verdadeira através de meia centúria e lançado no espaço de uma extremidade a outra dos horizontes pátrios, e hoje entre os seus colegas de profissão, elevado à Presidência da Associação Médica de Mato Grosso.

Peço vênias aos que nos ouviram, mas por última, nas derradeiras palavras queremos acentuar que se enobrece a Casa Barão de Melgaço, porque nela penetra desde agora, como no vo acadêmico, o Dr. Humberto Marcilio, que veio ocupar a cadeira nº 17, deste Sodalício. Seja Bem Vindo.

Cadeira nº. 25

Patrono:

**Amâncio Pulchério de França**

*Elogio de José Raul Vilá*

Discurso de Recepção:

**Acadêmico João Antonio Neto**

13 - 6 - 1963

---

---

## DISCURSO DO RECIPIENTÁRIO ACADÊMICO JOÃO ANTÔNIO NETO

Acadêmico, Rubens de Mendonça

Como Juiz, se fosse julgá-lo, condená-lo-ia a um ano de detenção, de acôrdo com o artigo 348 do Código Penal, pelo crime de favorecimento pessoal - mas, como confrade, o absolvo, condenando-me gostosamente, a agradecer-lhe o ato de fé que acaba de proferir, em nome da fraternidade.

COLOCOU voce seu ESCAFRANDRO e penetrou no meu mar, e eu que imaginava possuir, no fundo, apenas alguns calháus, um pouco de lôdo e velhas algas - vejo que você voltou de lá com um punhado de pérolas, naturalmente arrancadas do CASCALHO DA ILUSÃO, sob o toque e o sortilégio das suas mãos de exímio GARIMPEIRO DO SONHO.

Não posso agradecer-lhe, porque a gratidão é a coisa que mais existe na terra e no céu - e eu desejaria algo mais diferente, pouco usual, para exprimir-lhe minhas dívidas.

Assim sendo, dou-lhe o amparo da minha salvação - que é sentimento muito pessoal - pelo bem que me fez - visto que, sòmente êsse apôio é moeda justa para se ter bem pago aquele que procura redimir os outros, sem temer as dificuldades em que se está metendo.

Graças ao Bom Deus, voce se saiu bem, não obstante as malhas em que se envolveu - mas também eu, saí ganhando, pois, por suas mãos, me ví desemaranhado e, ambos libertos, finalmente - eu, salvo por voce, e voce protegido pela minha salvação - podemos dar-nos as mãos e oferecer o milagre à edificação dos que não creem que a riqueza mais doce é a que reparte o pão em dois pedaços - para que o rico não fique sem nada, e o pobre guarde consigo alguma coisa.

## SENHORES, ACADEMICOS:

Mais de uma vez, batí à porta desta Casa, para que ela se abrisse. Não que os daqui ma quisessem negar, tanto que a recusa andou de par com a aceitação; mas é que, cômscios das vossas obrigações, sabíeis que esta Casa é um Templo, e aos Templos não se admite qualquer um, sem saber se o aspirante vem, realmente, participar do culto, ou interromper a ascese dos iniciados. É necessária a expiação da impaciência, para dar ao pretendente a certeza e a lição de que o sabor do fruto começa com a dificuldade em colhê-lo e que as alegrias, facilmente conseguidas, são efêmeras e vãs de história que justifique o seu mérito.

Por isso, sempre, me contentei com o meu descontentamento e o arquitei, à medida que as tentativas de sucesso falhavam - até o dia em que vós, não vencidos, mais vencedores, verificastes que o galanteador dos vossos brilhos, poderia receber o prêmio - para, amadurecido como estava, considerar que, sob o peplo de púrpura e estrêlas, pesam responsabilidades ásperas e tarefas delicadas e que sua fantasia era maior que sua clavidência e desavisada ambição.

Chego, agora, aquí, como aquele primitivo herói das sagas bretãs. Quando os exércitos do Imperador Cláudio trouxeram da Inglaterra, vencido e prêsso, o indômto Caractaco e o exibiram pelas ruas de Roma, disse ele: Não posso entender, meus senhores, como, na qualidade de governadores de uma cidade gloriosa como esta, cujas casas são como penhascos de mármore, cujas lojas parecem tesouros reais, cujos templos se afiguram os sonhos que os nossos drúidas relatam, quando voltam das suas visitas mágicas ao Reino da Morte, possais encontrar em vossos corações motivos para cobiçar a posse de nossas pobres cabanas insulares!

É o meu caso. Se possuí tanto sol, porque admitistes a impertinência dêste meu sub-clarão? - Grande é, consequentemente, o meu embarço - e sé não se torna ele irreparável, pelo fato de ser eu uma argila permeável e extremamente sensível à absorção dos fluídos bons que me virão de vós; deles é que vou viver e palpitar; ao contacto das vossas bondades, sei que é possível ver-me florescido e frutificado, porque se me deste o chão, não me negareis a seiva - para não parecer um êrro a vossa preferência, e uma injustiça aos mais capazes, a vossa extrema generosidade.

Senhores Acadêmicos! Aqui estamos para tomar posse de uma Cadeira que está sob a invocação de dois poetas - por isso, nossa obrigação de tratar de literatura, de arte, de literatos e artistas, convindo, naturalmente, êsse exame, para justificação dêste momento.

Mas, que é o homem de letras, o artista, o literato? - É apenas o homem que escreve ou será mais proveitoso examinar a tese, indicando o artista puro e o artista complexo? - O artista puro é o que CRIA obra de arte - em contraposição ao que interpreta, expõe, e ao que descobre a matéria ou os fatos do conhecimento. Nessa ordem de idéias, o artista puro, parte de dentro para fora, ainda que sua consciência interna seja afetada por fatores extrínsecos. Por exemplo, se o poeta comparou os galhos nodosos da árvore a braços musculosos, embora haja haurido a imagem concreta do vegetal, a expressão só se tornou viva pelo adjunto da idéia, que lhe veio do interior, através de uma comparação. Já o historiador, o economista, o sociólogo, o didata, partem de fatos objetivos para fatos objetivos. Doutra parte, o cientista REVELA o encadeamento dos fenômenos, descobrindo ou confirmando LEIS, que são permanentes, em si, e que podem chegar à exteriorização, necessitando, apenas, de atenção, de estudo, de pesquisa e, às vezes, do acaso... O artista pode ser auto-suficiente, o cientista não. O artista constroi sua obra arrancando-a do fundo do espírito, independentemente de um interesse imediato; caracteriza-o o ser livre de um fim necessário, isto é, de prova ou probabilidade, especialmente na poesia. Se o poeta diz que o sorriso do luar, está brincando nos lábios das flores, ninguém lhe virá dizer que a lua é séria e que as rosas não têm lábios. Mas se o economista disser que a moeda é anterior à troca "in natura" mil vezes se levantarão contra a inominável heresia! Se o experimentador descobriu que a ferrúgem do tabaco é produzida por um vírus e não pela temperatura ou em virtude da organização química da terra - é claro que o mesmo não CRIOU nada; apenas REVELOU, pela experiência, um fato preexistente que, até ao momento da sua revelação, quedava apenas ignorado. O cientista deseja somente instruir e nunca apaixonar. Se, para o artista, a palavra tem uma alma, para o cientista é unicamente um simples sinal da idéia, como o número para o matemático. No caso do artista puro, o espírito da arte se econtra, antes de expresso, em estado nenhum; simplesmente, não existe; sem forma e sem côr, caótico, insensível e místico, universal e comum; o substrato da Arte aguarda o "logo" gerador, o plasma espiritual que lhe comunique

a centêlha de vida, e o faça brotar, exuberante e animado, para o deleite dos homens. É interessante observar, neste ponto, que muitos poetas confirmam verdadeiros estados de abulia crítica (não patológica); como que sua vontade desaparece; dir-se-ia foge a sua personalidade, desintegrando-se; aí o artista parece mais um simples instrumento de manifestação, e não o próprio motor manifestativo, um juguete de forças prodigiosas, manipulado por indicadores ocultos. Sócrates tinha o seu demônio; quase todos os grandes escritores alexandrinos se creram inspirados por gênios superiores: Filon, Amônio Saccas, Plotino, Arnóbio, Jâmblico... Daí decorre, também, a multiplicidade das queixas dos artistas, quando sufocados de idéias, daquele misterioso conlúio de gênios, demônios ou anjos - não têm a instrumentalidade adequada para proclamar as vozes, as mensagens subjacentes que algazarraram no fundo do seu sêr. Nosso preclaro Augusto dos Anjos é expresivíssimo neste aspecto, e figura o martírio do artista que

Tenta chorar e os olhos sente enxutos! . .  
É como o paralítico que, à míngua  
Da própria voz e na que ardente o lavra

Febre de em vão falar, com os dedos brutos,  
Para falar, puxa e repuxa e língua,  
E não lhe vem à boca uma palavra!

Aí vedes, pois, uma ponta do problema genético da obra de arte.

Mas, e os motivos? Ora, os motivos são, apenas, para o artista puro, o pretexto externo, que deve ser envolvido pela aura criadora. O extro, a inspiração, numa palavra o gênio, cujo principal atributo é o dom de criar, etmológicamente de "gigno" "gerar", existem sem motivos; êstes não passariam do seu valor comum, se lhes não envolvesse a atmosfera daquelles, seu ar, sua graça, seu toque mágico. Uma flor, a chuva, uma pedra, permaneceriam sempre essas mesmas coisas ou sêres - não fosse o sôpro do artista, chamando a flor de delicada e ebúrnea taça, a chuva de lágrima do céu que se comove com a terra seca, o colibrí de jóia alígera, a pedra de molécula que se escapou do peito das estrelas.

Diante dos rápidos conceitos, acima expostos, cai, excelentemente, a poesia lírica, como essencialmente subjetiva; os

outros gêneros literários estão por fora ou nos limites desse círculo. Senão vejamos: a Epopéia exprime uma realidade exterior ao poeta, é narrativa, heróica, una, quase sempre nacional, com um protagonista, em torno do qual giram todas as emprêsas - É a ILÍADA com Aquiles; a ODISSÉIA, com Ulisses; a ENEIDA, com Enéas; é JERUSALEM LIBERTADA, com Godofredo de Boillon; os LUSÍADAS, com Vasco da Gama - sem esquecer, todavia, que há epopéias, como o PARAISO PERDIDO, a MESSÍADA, a DIVINA COMÉDIA, que foram buscar na Religião o seu fundamento - mas, de qualquer forma, sempre fora do artista. No Gênero Dramático o artista sai, inteiramente, de si mesmo para encarnar-se na alma dos que pretende pôr em cena. A Didática se estende às verdades úteis, como nas epístolas e fábulas. A História é a testemunha das eras, segundo Cícero, e tem a seu cargo guardar os conhecimentos e expor os acontecimentos, no tempo e no espaço. O Romance pinta os costumes, as ações, as almas. O Jornalismo atende aos fatos transitórios, do momento, e é a forma literária que menos se vincula ao prazer ispiritual do escritor. Quanto à Crônica - e não falamos da Crônica como narrativa histórica - muito em voga, atualmente, é bom se distinga: há a Crônica, dita social, que é secção do Jornalismo e como tal identificada com motivos diversos, uma espécie de repositório de flagrantes mundanos superficiais e não duradouros - e a Crônica, como boa Literatura, oriunda da França, criação de Eugène Guinot, peça literária em que o artista capta um traço, um acontecimento, um ângulo da vida, comentando-o, em estivo vivo e gracioso, e que teve na França cultores como Lavedam, e entre nós, sem falar em Humberto de Campos e Medeiros e Albuquerque, os modernos Sérgio Pôrto, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Franklin de Oliveira, Rúben Braga... Júlio Dantas a descreveu, com muita felicidade, em "Os Galos de Apolo": "A Crônica, essa criação vivaz em que o assunto, como uma vêspera de oiro, zumba, passa e se recolhe no ar; espécie de soneto dos jornalistas, que vive do brilho resplandecente da última frase; nota rápida, fulgurante, imprevista, de aspectos, de acontecimentos, de figuras, em que o fato é quase nada e o comentário é quase tudo". Eis aí a Crônica.

Todos êsses gêneros, num apanhado pela rama, estão às mãos dos homens de letras - e só serão assim chamados, legitimamente, os que se mostram capazes de saber ferí-los ou tocá-los com o fulgor da inteligência ou o milagre do gênio.

Aliás, o assunto, como já assinalamos, é aqui, apenas a florado, sem que nos atenhamos a um critério de exame crítico mais substancial - pois o tema é vasto e complexo pelos seus entrelaçamentos, suas contiguidades e difusão de suas fronteiras.

Mas, uma coisa, - cremos nós - parece-nos bem patente: é que a Poesia Lírica é mais completa, se encararmos a arte aí como a reprodução, no exterior, de uma imagem interna, com capacidade para despertar, sentimento de prazer espiritual, desinteressada, dominante e duradouro. Essa poesia, pois, é a cúpula das belas-artes, é a flor das letras. Tanto que nunca se diz que a poesia semelha a prosa, como virtude dessa poesia - mas se diz que a prosa é poética, dando relêvo às qualidades estéticas da prosa. Por isso mesmo parece importante que a poesia admita uma forma particular que a distinga das narrativas comuns, como o diálogo se distingue do monólogo, em razão da natureza da participação dos espíritos na expressão das idéias. Parece fundamental a ESCOLHA de sons e uma combinação de movimentos, para que as palavras ganhem uma modulação, uma cadência, um embalo especificadores do desejo que as almas têm de ser afetadas pelo sentimento particular da Beleza.

E é dêsse ponto formal que partem divergências ásperas. Entendem uns que a poesia não deve anuir a limitações mensuráveis; que, sendo a poesia uma emanção espiritual, não pode ser contida em sua expansão, limitada por muros artificiais - devendo ser colhida pura, como um fenômeno espontâneo, e apresentada tal qual é: despojada de obstáculos que se oponham ao fluxo de sua liberdade essencial. E cremos que assim seja, em parte. Por que, se a poesia prescinde, por exemplo de rima, creio dever prescindir daqueles fatores, já reafirmados, da escôlha de meios de expressão, da correção linguística, de uma nomenclatura própria, de opções que a extremem dos outros gêneros literários. Deve haver uma seleção formal, um sinête, um distintivo, algo sensível que a particularize, no complexo das outras produções - é dizer, algo que a ordene e condense, dentro dos limites da sua peculiar designação autêntica. A própria música, que é também, arte fonética, na sua expressão, precisa dobrar-se a condições sintéticas, recolher-se em fórmulas que lhe marquem os instantes - sob pena de ser apenas SOM, e o som, em si, não é arte, mas fenômeno físico puro. E por aí adiante poderíamos alinhar todas as artes mais comuns, e ver que nenhuma delas dispensa condicionamentos, para organizar-se e tocar à raia da Beleza. A

Pintura, sem método é apenas CÔR. A Arquitetura, sem ordenação, é Geometria só. ( A própria pintura impressionista não foge à regra, pois se nega o contôrno indubitável das coisas, que as isola dos outros objetos - afirma a difusão de suas massas, capaz de engendrar êsse objeto, conforme a maneira como é procurado ser distinguido).

Assim sendo, não parece ter razão a corrente que pretende varrer os limites impostos à poesia formal; eles são fatais e consultam a inerência de todos os produtos da nossa relatividade. Doutro ponto, contudo, se o poeta é capaz de prender a idéia poética em todas as correntes e malhas possíveis, sem arrancar-lhe os tons, as vibrações, todos os écos, os esplendores todos - por que não fazê-lo? O problema não é deixar a ave solta, para que ela cante - mas é prendê-la e não deixar ela de cantar. Logo, se o poeta tem a habilidade de metrificar, escandir, contar, rimar - sem prejudicar sua inspiração - ninguém pode condená-lo se foi, além de criador, artesão e arquiteto. O que deve interessar mesmo, com ou sem pêias, é a incolumidade da arte, sua intangibilidade, sua apresentação como beleza íntegra, indisfarçável e suprema, na harmonia unânime da sua soberania.

E ainda há mais, no que toca ao problema formal: É a questão da linguagem. Quer-se, notadamente agora, que a Gramática, que a linguagem, que temos como correta, seja relegada a um plano elementar, nas obras literárias. Há uma verdadeira sintaxefobia; é-se contra a construção gramatical escorreita, alegando que a mesma restringe, também a idéia, prejudica a simplicidade e a espontaneidade e que, em conclusão, com menos gramática, há mais perfeição. Acontece, somente, que os cultores dessas facilitações, (ou falsificações?) para ter seu sistema mais bem feito, deveriam, então, por lógica, subverter tudo e, não, apenas, partes do discurso, por que a gramática é um todo; embora sujeito a certas vacilações e restrições impostas pelo próprio caráter dinâmico da linguagem. Mas os patrocinadores, dêesses escapes, enquanto refutam dado ângulo da gramática, por antiquado dizem às vezes - lavam-se, em outros setores, no plenilúvio de expressões, imagens, rebuscados - êsses sim - inteiramente ultrapassados.

É certo que se fômos pelos antigos tempo, lá pelos recessos da Grécia velha, antes dos Sofistas, antes de Platão e Arístotele, de fato, a Gramática não foi indispensável para se falar tóteles, ou à India, anterior ao gramático Pânine, verificamos

ou escrever literatura; e existiram muitos e notáveis criadores de gêneros literários, poetas e prosadores. "Na Idade Média - diz Marques de Oliveira Filho - quando surgiram e se desenvolveram as literaturas neolatinas, vasadas nas idéias romances, então nascentes, ante a impossibilidade de ser utilizada a gramática tradicional do latim, inaplicável à estrutura das línguas recém-formadas, os poetas, em primeiro lugar, e, a seguir os prosadores, produziram obras admiráveis, desajudados da gramática e orientados apenas por aquela mesma intuição que norteava os literatos da Índia e da Grécia". Sabido que a gramática, tal como a temos, não fará de ninguém um poeta e escritor, ainda que secundário, não será para estranhar-se, nos nossos dias, aquela afirmativa de Machado de Assis, tido e havido como o mais castiço dos modernos escritores nacionais, de que nunca estudara gramática. Ora bem, está tudo isso certo, em princípio. Mas há equívoco. Primeiro, é claro que o indivíduo, pode ser o maior dos filólogos e não poder construir um poemeto sequer. Mas tal não quer dizer que os conhecimentos da língua não sejam necessários **ao bom** escritor. São necessários, sim. Ocorre é que o indivíduo **não** é escritor, não tem jeito para o coisa, como diz o povo; não possui inspiração, nem imaginação; é incapaz de criar, embora seja capaz de fixar, conservar, expor, descobrir fatos do conhecimento. É sabido que Ruy Barbosa, não obstante seus vastos conhecimentos, quando tentou poesia, fracassou, enquanto verdadeiros analfabetos, têm sido bons ou excepcionais poetas. Por outro lado, dizer que a gramática é dispensável ao artista, porque limita, constringe, amarra, aniquila a idéia e que, por isso, deve ela ser relegada a plano secundário - seria pôr abaixo todo e qualquer conceito das convenções - ou substituir uma convenção por outra. Quando os escritores neo-latinos não puderam amoldar-se às regras do latim clássico, criaram a sua própria gramática. Se Machado de Assis não conhecia gramática é inegável que a entendia, que a seguia porque, a se pensar diferentemente, teríamos, então, de admitir que o autor de "Braz Cubas" construiu sua obra, e a gramática veio a ela, depois, a ela aderiu, como o ferro ao imã, por efeito de uma estranha afinidade física ou química... Naturalmente, o que Machado de Assis exprimia era o fato de não ser gramático, de não ser um técnico na matéria - mas era um estudioso, um observador sagaz, e, se escrevia corretamente, concedia valor à correção da linguagem, às leis da linguística o que vem enobrecê-las e justificar a sua importância.

Não pode haver, realmente, inimigos da linguagem. O que deve existir é a repulsa pelas normas abolórias, pelos torneios desnecessários, pelas palavras caducas que já completaram o seu ciclo de vivência, que já se esgotaram e perderam o suco e a substância, em face das relações novas, das necessidades de expressão que o desenvolvimento social alcançou. O que se não devem adotar são as construções agora risíveis, os termos esterilizados, pedantes e pretenciosos, esbanjadores dessa euforia idiota das culturas fraudulentas e hipócritas. Devemos arrancar da linguagem os zigue-zagues ociosos, os arredondamentos, as preciosidades, a obscuridade e outras rugas e anfratos que, se adoçam os paladares dos seus campeões e glosadores, amargam o bom-gôsto dos espíritos finos e lógicos. Inovar, não deve ser substituir o defeito pela monstruosidade nem fazer requisitórios com incongruências mais lastimáveis do que as impropriedades. Vós conheceis os exageros a que têm chegado as modas literárias, especialmente no período dos seus fervores iniciais. Vós sabeis de excessos como os do impagável Dadaísmo que fazia composições cortando palavras, ao acaso, dos jornais, das revistas, dos livros, colocando-as em urnas, para depois serem retiradas, uma a uma, como numa rifa, e postas, à medida que saíam, em frases, que nada significavam, mas que recebiam o título de poesia de primeira grandeza. Nos inícios do nosso Modernismo, o ilustre escritor Menotti Del Picchia, começou uma conferência, na "Semana da arte Moderna" com esta jóia: "Pela estrada de rodagem da Via Lactea os automóveis dos planetas correm vertiginosamente, e Bela, o Cordeiro do Zodíaco, é perseguido pela Ursa Maior, toda dentada de estrélas. . . "Dê-se-lhe a palma. . . mas a palma da palmada. . . Não sejamos tolos. Deixemos de lado os arcaísmos, as palavras que a evolução separou dos seus troncos primordiais, às quais a semântica imprimiu novos movimentos. Digamos herança, por herdamento; confirmar por roborar; rude por rudo; pesar por nôjo. Hoje "ribeira" não é mais a margem fluvial; "terrente" não é o que torra. Presentemente, é logico, não poderíamos dizer, como nos versos do século XII:

Sento çerta minha morte,  
sento nam ver minha fim. . .

porque, agora, não se escreve "sento", mas sinto; nem "cento" com cidilha no "c" inicial; nem a palavra "fim" é do sexo feminino.

Mas, arguir a linguagem bem posta de desprezível - é uma injúria à cultura e confissão de desprezo às sistematizações necessárias ao equilíbrio das idéias e à personalidade olímpica do pensamento que precisa, também, de expressão olímpica. Como já dissémos, os arreganhos e pedantarias são recusáveis, em toda a linha, pois chegam, quase sempre, a absurdos pelágicos como os de um nosso finado amigo, que numa solenidade começou a saudação ao Governador do Estado, neste têrmos: "Com o vosso govêrno, atingistes a meta geodésica da metafísica cosmológica e social!" Como galhofa estaria bem mas como manifestação séria, a coisa é simplesmente mortificante e deplorável. Se me não engano foi o saudoso parlamentar Graco Cardoso, quem se comprazia, na primeira legislatura, em criticar os seus colegas retóricos, recomendando a estilização de expressões como "Isso é conversa mole, pra boi dormir", que deveria ser dito "Isto são parolágens flácidas para dormitar bovinos", ou essoutra " Não me importa que a mula manque, o que eu quero é rosetar", que ficaria assim: "Pouco se me dá que a azêmola claudique, o que me apraz é o acicatá-la....

Aceitemos, pois, a nossa sofredora gramática, com suas natuaris imperfeições, cientes de que a língua é um sêr vivo e que, assim, sente e sofre, conosco e por nós, que nos segue em nossos declínios e ascensões, do primeiro balbúcio ao último silêncio. Nós, ditos escritores, temos a obrigação de repudiar suas cristalinidade - e zelar pelos vigores dos seus sistemas construtivos e vitais, imprescindíveis ao mecanismo do entendimento e à nobreza das organizações que foram plasmadas com a meditação dos sábios e a vigília dos séculos!

Entretanto, senhores Acadêmicos, o artista não sofre, sòmente a pena de ter que justificar a FORMA do seu trabalho - tem, igualmente, que responder pelo material, pela qualidade da substância com que constrói, pela legitimidade, enfim, da essência da criação artística. De todos os cantos há apóstrofes. Uns o acusam de usar barro crú, quando deveria utilizar porcelana ou diamante, areia ou núvem, água ou sal. Noutro extremo lhe imputam o haver descido, quando devêra ter subido; mais além, dizem-no comprometido com objeto que já foram exibidos, com corpos exaustos pelo uso, gastos, pelo aproveitamento. Atribuem-lhe inércias comprometedoras - quando se tivessem diligências e atividades poderiam palmilhar terras vírgens, mares improfanados, céus inconsúteis, penetrar arcanos e grutas travejados de tesouros desconhecidos.

E vêm à tona objurgatórias e condenações. - É a luta perene da chamada renovação contra a inamovibilidade, do liberalismo contra o convencionalismo - reduzindo-se tudo, na sistemática literária, ao que chamamos Escolas. Não vêm muitos, ou todos, que cada época se justifica e se traduz através do próprio homem. A chamada procura da "forma nova", em arte, é igual à demanda da forma nova, em todos os tempos e ângulos da vida. Aliás, a própria vida se reduz a uma busca - e frize-se - do melhor. E essa perseguição chegou a tais extremos de gravidade que o homem passou a criar óbices a si mesmo, como que para colorir o valor dessa procura, por contraste; criou a sombra, para não confundir a luz com a treva; criou o inferno, para não confundir o sofrimento com a bemaventurança; teceu impecilhos para estar advertido das excelências do repouso e da paz. E a Arte não poderia esquivar-se a essas fatalidades e contingências. Todavia, as Escolas literárias, são elas próprias, culpadas das Escolas Literárias - tanto que, imaginadas, criadas, estabelecidas e disciplinadas, acham logo os seus simpatizantes, apóstolos e discípulos, e vão vivendo, à custa dos seus opositores vencidos, até encontrar seus antagonistas vencedores.

A literatura clássica, se opôs a romântica, exprobrando-lhe a inhumanidade e o dogmatismo. Contra o Romantismo reagiu o Realismo, condenando o subjuntivismo e o pessoalismo. Chegou o parnasianismo e procurou afastar a literatura do campo da ciência e da crítica, estruturando o aprumo da linguagem, dando à forma vigor expressivo, colocando a parte pessoal à distância. Trêmulamente, veio o Simbolismo, lutando contra a dureza dos parnasianos, em busca de fluidificar a poesia, diluir-lhe as palavras em sons; sugerir, em vez de dizer; tocar, em vez de possuir - uma espécie de platonismo, articular, melódico e plástico. Daí à poesia moderna, mais característica, foi apenas um palmo - e todo nós sabemos qual é a situação. E a situação é a mesma de sempre: uns contra os outros - e é no fim de tudo, todas as tendências convivendo, no mesmo mundo, cada uma usando, conforme a oportunidade, o que admite no adversário e o que não condena no parceiro e colega.

Não obstante, senhores Acadêmicos, não quero deixar de acudir à minha necessidade de definição, com referência às Escolas literárias. Sem nenhuma ironia e creio que sem cair em contradição, sou por todas as Escolas e por nenhuma delas. Dou-lhe o valor que o meu espírito lhes tributa e lhes nego o

mérito que o meu pensamento lhes recusa. Creio que todas as Escolas literárias são boas, como todas as Escolas são boas quando ilustram e edificam. Não posso recusar o Classíssimo que, entre nós, nos deu Gergório de Matos ou Basílio da Gama. Não posso desprezascar o Romantismo que nos deu, Fagundes Varela ou Manoel Antônio de Almeida. Impossível repelir os realistas Machado de Assis e Raul Pompéia; temos que apreciar o Parnasianismo de Olavo Bilac e Luiz Carlos da Fonseca; agrada-me o Simbolismo de Cruz e Souza e de Mário Pederneiras; não podemos excluir o Modernismo de Cassiano Ricardo e Carlos Drummond de Andrade. - Mas, se alguém dissesse que o ideal seria a construção de uma Arte literária, de uma poesia especialmente, que criasse ou descobrisse, ao certo, novas formas de expressão, e, ao mesmo tempo, representasse o fluxo espontâneo do sentimento, aproveitando o máximo a inspiração e dando-lhe figura nova - eu seria por essa Escola que essa seria a mais verdadeira, por que a que mais se aproxima da realidade. O intuito de ser realista demais, ou exclusivamente preciso, infunde desconfiança aos que temem o dogmatismo, e a preocupação em ser difícil, em parecer irreconhecível, com a pretensão do obscuro, do hermético, do intraduzível, afasta a arte para os limites da adivinhação, tornando-a tão individualista como dogmática. São os fatos que procuram repelir-se e que chegam à plena-interfusão. O que avulta, verdadeiramente, na arte, na poesia, na criação literária, é sua capacidade de atingir o ponto em que cessem as discussões. Nessa linha neutra, estão aqueles que exprimiram idéias eternas, princípios constante e irreversíveis, que não são matemáticos, mas se mostram satisfatórios. Nesse ponto estão Dante, Shakespeare, Válmik, Dostoievsk... No mais, temos que justificar.

Moralmente - e vivemos num mundo moral ou que se esforça por sê-lo - vale, às vezes, mais a intenção que a expressão e se essa intenção é, não raro, imperceptível, ninguém poderá infirmar o ato, sob pena de perpetrar um julgamento "a priori". E nenhum julgamento dêsse tipo é justo, isto é, concesso do seu a seu dono.

Assim, temos, diante de nós, o patrono desta cadeira: AMÂNCIO PULCHEIRO DE FRANÇA.

De Amâncio Pulcherio temos conhecimento extremamente superficial. Sabemos que nasceu nesta cidade, em 1846, isto é, há 117 anos, tendo sido advogado provisionado, Chefe de Polícia, jornalista e poeta.

Sua posição na tela da literatura matogrossense, está certificada, especialmente pelo que dele indicam historiadores nossos, como o insigne Estêvão de Mendonça.

Literariamente, seu julgamento é fácil e cômodo: floresceu em pleno Romantismo, havendo atravessado o seu clímax; tinha 13 anos, quando CASIMIRO DE ABREU publicou "PRIMAVERAS". É inegável que sofreu a contaminação do pensamento poético de epônimos como Álvares de Azevedo, Junqueira Freire e o autor de "Os meus oito anos".

Sua poesia é ingênua, sem atavios, nua, cheia daquela pureza lógica da inconsequência.

É assim:

"Vi-te tão meiga e formosa,  
Contemplei-te graciosa,  
Casta flor, mais de uma vez;  
Um anjo tu parecias,  
Nas brancas asas trazias  
Minha esperança, talvez..."

Segundo a moda - que não foi somente dos românticos - (Baudelaire, passeava pelas ruas de Paris, com os cabelos pintados de verde, puxando uma tartaruga, amarrada a uma fita vermelha...) - Amâncio Pulcherio foi pessimista, daquele pessimismo que era, primeiramente, mesológico, para, depois, passar a patológico.

Exagêro? Não! - Condição temporal e psicológica. Crise e catarse, tão naturais como todos os acontecimentos ligados às transmutações do processo humano.

Pulchério, romântico, era insatisfeito, há ponto de, embora casado três vezes, na sua curta existência de 35 anos, ainda dizer, ensaciável:

"Meu Deus, que gelo, que frieza aquela,  
Que indiferença nos olhares seus!" ...

Crueldade do crítico? - Nem de longe! - Compreensão, apenas. Compreensão que levo ao preclaro patrono desta cadeira, vivido sob o prestígio de um tempo que tinha mais vasios - sem as forças decisivas de hoje, que nos impõem uma visão mais dura das realidades e das suas decorrências. Não podemos desligar o homem, da sua época, pois ele se justifica através dela. Idealizar os tipos ao sabor dos nossos agrados, é acreditar que a verdade é uma só - o que é um desrespeito ao progresso e uma afronta aos brios da criatividade alheia.

Podemos - é claro - aceitar com recusas - mas não podemos recusar sem aceitação. O homem, jamais, poderia evolver se esposasse a doutrina da negação, com a afirmação exclusiva da sua personalidade.

Por isso tudo, reverencio aqui a memória do nosso patrono, como o épico reverenciou a dos heróis que dilataram a fé e o império da vida, e por obras valorosas nos foram libertando da morte!

E, agora, eis à frente JOSÉ RAUL VILÁ.

Nascido em 1899, poeta, prosador e alto funcionário do Banco do Brasil, o meu estimável antecessor escreveu relativamente pouco, mas o suficiente para merecer a láurea que esta Casa lhe outorgou - chamando-lhe para integrar seu quadro, ao lado de expressões relevantes das letras matogrossenses.

Seu poema épico "RONDÔNIA", são 576 versos, em oitavas e dois Cantos; metro, decassílabo; gôsto: dentro dos moldes da poesia clássica; motivo: Rondon

".....Canto

A imensa glória de um varão sapiente.  
Não a glória que se ergue sôbre o espanto,  
o horror e a morte de infinita gente"

O poema foi impresso, primeira vez, em 1918, isto é, quando o autor tinha 19 anos; se outro valor maior não possuísse o trabalho, é importante assinalar tal fato; porque, embora sua poesia não lisongeie o gôsto moderno, fica patente que o autor dispunha de belos conhecimentos da técnica literária Convencional, apesar de muito jôvem.

Aquí e ali em RONDÔNIA, temos algumas surpresas agradáveis, como aquela saudação ao protagonista:

"Eu te saúdo, de progresso aurora,  
Astro rei que começa a reluzir,  
Que sôbre a Pátria do Brasil, agora,  
Vens torrentes de luz a desparzir.  
Eu te saúdo, sombra promissora,  
Divisão do passado e do porvir,  
Ao teu propício resplendor os povos  
Vão deparar bellos caminhos novos."

É evidente que RONDÔNIA não pode figurar, em igualdade de condições, ao lado de trabalhos do mesmo gênero, de

outros poetas matogrossenses, como Antônio Tolentino em a *RETIRADA DE LAGUNA* - mas, conforme atrás dissemos, vale por uma afirmação de elevado exercício artístico, além do seu mérito específico de procurar exaltar a personalidade de Rondon que, segundo Raul Vilá, eclipsou "a excelsa glória dos Anchietas e Nóbregas". Há ainda que atentar-se para o fato de que se o nosso sabor, hoje, é outro, com exigências novas, ao modo de apreciar e sentir da segunda década deste século, a poesia, como a que comentamos, deliciava seus cultores e esscravisava multidões de simpatizantes.

Depois, o tema que Vilá elegeu, de tão sugestivo o embaraçou, a ponto de o épico terminar o poema com mais pura confissão de sua impossibilidade de dar-lhe o arremate que o assunto estava a merecer. Todavia, não se desconheça o idealismo do poeta; a procura do fundamento sério, substancioso e real; o alto sentido moralizador das exaltações; procurando considerar o heroísmo do homem, sem subtrair suas fraquezas, as moléstias, os assaltos das vacilações - tudo emoldurado pelo contacto magnífico da natureza selvática, com o seu dono - o Índio. Essas mesmas preocupações éticas animaram a bela página de *ORAÇÃO À PAZ*, com que saudava o poeta o término da 1ª Grande Guerra:

"Salve divina paz, irradiação mirífica de luz, alvorada promissora, suave encarnação dos mais suaves sentimentos, núncia angélica de infinita bondade, que aljofraste a maninhez dos corações com as pérolas da tua crudelíssima dor - derrama sôbre os homens que te imploram o cristalino e celeste orvalho do teu sorriso e do teu perdão. Paz imortal, faz que eles, ao toque do teu suavíssimo fulgor, esqueçam os ódios, esqueçam os furores incontidos da atra paixão, obliterem todas as maquinações diabólicas do mal, e ressurjam purificados vivificados e ungidos, amando-se para todo o sempre, e prometendo-se colocar à frente de todos os seus negócios, de todos os seus tratados dos séculos, a mais nobre, a mais digna, a mais alevantada de todas as concepções: - a Moral."

No que toca à poesia lírica de Raul Vilá, apresenta ela, coloridos de alma que surpreendem pela divergência das intenções alimentadoras das teses perseguidas. Se há produções suas de estilo precioso e até satânico, em outros pontos se mostra reflexivo, filosoficamente fatalista, como naquele "Destino das quatro paredes" - em que fala com a alcôva, evocando,

com certa plangência, sua condição de estar condenada a receber os depoimentos das mais diversas classes de matéria e de espírito.

"Com que encantada e doce placidez  
Se abre este asilo alvíssimo e risonho,  
A agazalhar nosso afagado sonho  
E nossos beijos, com gentil mudez.

E, quantas vezes, com que dor suponho,  
Que já se abrisse para a embriaguez  
Do vício, e para o crime atro e medonho,  
E para a infanda crápula, talvez.

Ora lépido ri-se, e quem diria  
Que a morte talvez ontem, feia e fria,  
O recamou de luto e lividez.

E para a alva bondade e o torpe vício,  
E para o gôzo e para o sacrifício  
Há de se abrir com a mesma placidez."

Noutro ângulo, menos reflexivo, fazendo um monocórdio, realidade e subjetivismo, o lirismo do poeta se lança por essa velha aventura das almas que se angustiam na contemplação do sonho louco da glória por ver que o sucesso das aspirações termina com o aceno da insatisfação. Em "Os navios do Pireu", está o problema:

"São meus êsses navios atupidos  
De pedraria e púrpuras. É minha  
A vaga de cristal que se avizinha  
De pérolas os flancos revestidos.

Pertence-me a frescura e louçainha  
Das auroras, de lúcidos vestidos,  
E os tesouros de Ofir, desconhecidos...  
A fama, a glória, o amor, a estrêla é minha!

Isto profere o louco, que procura,  
Em Vendo o imenso mar que não se alcança  
Um momento de gôzo e de ventura,

E ao ver surdir, do pélogo risonho,  
Na fantasiosa enseada da esperança,  
As caravelas imortais do sonho!

Como se vê, há realmente fôrça nesta poesia; sente-se um latejar de asas capazes de alturas. Percebe-se que o poeta tem inegável capacidade artesanal; possui inspiração legítima, domínio seguro da língua e é tocante e espontâneo. Sua intuição descritiva é patente, mesmo quando penetra teses subjetivas, abstrações que dão valor aos sentimentos do homem. Vejamos, por exemplo, esta SAUDADE:

"Para povoar de sonho as solidões da vida  
Evoco da saudade a alva visão celeste,  
E ela sorri-me então com a vaporosa veste  
De alvas gases ideais das auroras tecida.

Surge-me assim gloriosa, assim meiga e querida  
Puríssima vestal, que o amor puro acendeste  
No coração do poeta, e forte o defendeste  
Das desconsoações e amarguras da vida.

Ressuscita de outrora o suavíssimo encanto,  
Os poemas da alegria e os poemas do pranto,  
Toda a felicidade antiga, hoje, perdida.

Saudade, em vão, assim, rediviva resplendes,  
Em vão apaziguar meu tormento pretendes,  
Tornas mais solitário o deserto da vida."

Todos vêem que o soneto não traz nenhuma mensagem nova - mas é límpido e macio, bem modulado, dentro dos rigorosos hemistíquios do alexandrino, ressaltando-se - é bem de ver - que as próprias repetições lhe realçam a musicalidade.

Pelo exposto, podemos destacar, na obra artística de José Raul Vilá: primeiro, a tentativa de poesia épica; segundo, os laivos de uma obscura fase satanista, e, por último, um parnasianismo, algo diluído - pois sem aquele vigor de um Emílio de Menezes ou Luiz Carlos; um parnasianismo picado de subjetivismo, sensibilizado por um pessimismo ligeiro e difuso.

Raúl Vilá é expressão literária, sem nenhuma dúvida. Não alcançou os altiplanos, mas não ficou na baixada, caído sob o novelamento comum da obscuridade insensível.

Tonificou o seu tempo com a garlhardia simpática do espírito que procurou, dentro da luta das limitações, pessoais e históricas, emprestar o seu quinhão ao trabalho criador, no desinteresse que a Arte recomenda a seus acólitos.

Sua obra tem valor - tando que aí está e ficará ao lado de outros funcionários do ideal, dessa boa família do gênero humano que ama transpor as portas do mistério da criação, qualquer que ela seja, à procura, às vezes, de nada, mas quase sempre de alguma coisa que é tudo ou o princípio de tudo.

Santo Anselmo ensina que o só fato de se discutir Deus, implicava em procurá-lo e, pois, em admití-lo.

Com a Beleza ocorre o mesmo fenômeno. Digladiava-se, teima-se, luta-se, protesta-se - para se saber que é ela, onde e como veio, para onde e como vai. . . E dessa cadeia crítica, jorra a linfa da Grande Mágica, em tórno da qual se criaram desde os desenhos das Cavernas, até ao Tja Mahal, desde os descantes rústicos à DIVINA COMÉDIA - as horas luminosas da humanidade, dando o sentido supremo do seu destino e assinalando a matéria providencial da sua finalidade!

Ai estão, senhores acadêmicos, o Patrono da cadeira e o meu antecessor; o primeiro, produto intelectual típico de uma época. Pulchério, como vistes, não apresenta altitudes consideráveis; é o intelectual comum da provincia abandonada, esquecida e longínqua, numa época em que Mato Grosso só se evidenciava, através dos lampejos, ainda quentes, da Guerra com o Paraguai, que produzira as façanhas de Dourados, de Laguna e da Retomada de Corumbá, que hoje se comemora. Vê-se que Amancio Pulchério, pelo que dele se pôde colher, não sensibilizava problemas mais profundos, preocupações sociais de vulto e outros exercícios de cogitação mais moderada, como se percebe em Raul Vilá quando, após a Conflagração de 1914-1918, pede que os homens pöhäm à frente de todas as suas aspirações as "elevadas concepções da Moral" concepção essa que, ainda agora, pedimos, com instância de sêde enorme e inextinguível necessidade.

Não vamos aqui repetir o velho refrém do "hoje mais do que nunca precisamos. . .", porque o problema da pretendida falência da humanidade, já deixou de ser uma novidade, pois todas as épocas sempre insistiram em sua proclamação, como se fosse um dogma, uma idéia fixa, ou mesmo uma espécie de método de interpretação da História.

Antes de tudo, eu não creio na bancarrota da humanidade. O estimável Charles Richet, escreveu um livro inteiro, incapacidade humana, em todos os aspectos: incapacidade cósmica, individual, intelectual, social, fisiológica, moral e incapa-

cidade para a felicidade. Ora o próprio Richet, filósofo apreciável, psicólogo insigne, fabulista de mérito, poeta premiado pela Academia Francêsa, e, por fim, laureado com o prêmio Nobel de Fisiologia de 1913, pela descoberta de soroterapia e anafilaxia foi uma afirmação de potência, um desmentido cabal à sua prégação pessimista patente a grandeza do homem.

O que realmente existe é inconformismo - e o inconformismo falo em sentido elevado - não é mais que esforço de purificação, desejo de aprimoramento, aspiração genuína a estágios mais equilibrados harmônicos. Toda a nossa luta gira em torno da perfectibilidade contra a perplexidade e os incômodos da incerteza. Quando a personagem de Shakespeare diz que entre a terra e o céu há coisas com que nem sonha - nossa filosofia - exprimiu toda a trama do nosso trabalho do nosso atarefado dia-a-dia; é dizer: existe, à medida que avançamos no tempo e na penetração de todas as dimensões cósmicas, um mais, um ponto que ainda pode, deve ou precisa ser atingido - ponto êsse que não alcançamos nunca, porque nosso destino é, em si, um desdobramento contínuo, intérmino, causa e efeito ao mesmo tempo, autogênito e realmente eterno!

A Humanidade foi disparada, desde o dia da criação e, daí em diante, transformou-se em moto-contínuo. Não poderá ser detida em razão de ser o movimento a sua própria natureza, seu atributo indefectível. Então dêsse rodopiar fantástico, cujo fim não se pode prever - por isso se criou a Metafísica - há situações há momentos, há posições, há perspectivas que parecem desafinar com a necessidade geral de funcionar tudo dentro da sinergia total, e é a êsses acidentes que chamamos crises, alterações sobrevindas no curso de uma consequência: e é ainda contra essas conjunturas que lutamos, contra êsses desníveis, depressões e desórdens que ofendem a uniformidade essencial que dinamiza o universo. Todavia, não indica isso a nossa inutilidade, o nosso abastardamento, a nossa lástima. Aceito, como certíssimo, o postulado popular que diz não ser o diabo tão feio como o pintam. Evidentemente, somos, em essência bons. Desejamos, fundamentalmente, o bem. Se crucificamos Jesús, em compensação, há mais de dois mil anos o adoramos e, humildemente, lhe pedimos perdão do mal que lhe infligimos.

Mas - e o próprio mundo deve ter começado com uma adversativa - somos, também, comodistas. Quando aparecem aquelas situações depressoras de que já falamos, nossa tendência ao repouso, própria dos corpos sólidos, procura imobilizar-

-nos, e se não reagirmos, passaremos a ser força morta, inércia em turbilhão e negatividade dentro do universal desejo e dever de afirmação: E tôda a história do progresso humano aí está: no denôdo em romper a inatividade, para seguirmos, ajustados, e simétricos, a onda evolutiva dos sêres e das coisas.

O mundo atual, é o mesmo mundo de ontem, em substância. Apenas há aspectos inaugurais, criados pela inquietação natural dos nossos espíritos. Acontece que, ontem, as probabilidades. Ontem, era o mistério maior; hoje, é a revelação mais constante e até trivial. O aparecimento de meios mais vastos nos avizinham de fins mais perceptíveis, mais palpáveis, mais concretos. Os produtos da criação humana se desenvolveram em escala geométrica, enquanto o nosso alcance interno, mais estável, mais lento em suas progressões, não se elasteceu, suficientemente, dentro das mesmas dimensões, de sorte que o autor se desligou, sensivelmente, do ato, ficando êste sôlto, liberto, perigosamente autônomo e desafiador do nosso domínio. É a repetição da criatura contra o criador. Nesse ponto é que necessitamos de diligências, para unir os elos quebrados, procurando a união, o acôrdo com os meios de que dispomos, para realizar nossa finalidade.

E o homem de letras é a criatura talhada para o vasto programa. Mais do que outra categoria, o intelectual está aparelhado para tocar o sino da advertência e convocar os seus irmãos para o grande concílio dos ajustamentos definitivos, para a racional proporção entre as atitudes e ações. O artista é mais sensível às impressões circunvolventes, tem a alma mais próxima da vida, tem mais instinto, experimenta as reações com mais agudeza e chega mesmo a adivinhâr, como numa presciência, a eclosão de acontecimentos ainda imanifestos. Penetrando mais fundo no âmago das coisas, sua capacidade de evidência é mais dúctil, e sendo mais fraternos, por compreender melhor, é encarado com mais simpatia. Não usando armas - desarma; não querendo subjugar - convence; não pretendendo ganhar - enriquece; não buscando o egoísmo - aviventa a generosidade. Aí está o caminho do melhoramento.

Em consequência, senhores Acadêmicos, nossa tarefa é enorme! Partindo do princípio de que devemos crer no homem o nosso trabalho deve desenvolver-se com otimismo. Somos, ao lado de outras séries humanas, a janela pela qual se pode contemplar a paisagem da vida efetiva; somos uma das fontes de confiança e do entusiasmo; da confiança que anima o passo-à-frente e do entusiasmo que incendêia o ânimo construti-

vo das conquistas perenes. Quando, alhures, as cintilações se apagam, é para os homens de espírito que todos se voltam, à procura do fio de luz que vem do sol, buscando atingir as praias onde a terra floresce e a manhã promete o dia farto, a hora abundante e a eternidade pressentida! Quando fanam todos os valores, quando todos os impulsos se anquilosam, quando todas as promessas falham - os naufragos e os desherdados só se consolam com a robustez dos que estão firmes na fé do primado da perfeição, da prevalência dos méritos constantes do espírito, contra as maquinações da insuficiência e do nada!

"Ninguém poderá negar que não sejam as idéias que governam seres humanos. Todas as teorias que as dispensam são incompletas, inadequadas. Censurar-nos-ão, talvez, o termos dado ao homem um lugar inteiramente privilegiado. E só lamentamos aqueles que não encontram, em si, idéias e aspirações bastante nobres, para motivar, não o orgulho, mas a consciência de sua dignidade e dos deveres que daí resultam. - Aí está, se o quisermos, o privilégio: mas um privilégio que pagamos caro, e que nos priva da felicidade medíocre e beata, da felicidade química daqueles que não têm nenhum ideal". (Lecomte Du Nouy - "O Futuro do Espírito")

O presente adiantamento técnico do homem, situou-o para além do seu progresso moral, quando os dois devem existir coordenados e paralelos, sob pena de caminharmos divididos entre o que somos e o que podemos. Em consequência, torna-se imperioso um esforço no sentido da unificação do poder material com as normas que dão à nossa vontade sua direção para o bem - e esse esforço segundo estamos dizendo, compete ao homem de pensamento.

Não é necessário excesso de reflexão para ver que a área de multiplicação dos fatos sociais se torna, cada dia, mais extensa, a ponto de a humanidade ter sido obrigada a adotar especializações, a fim de poder atender às solicitações dos acontecimentos; também não é preciso pensar muito para perceber que a especialização cria diversificações, destons e contradições. O ideal, então, seria, dada a inevitabilidade do especialismo, aumentar, incrementar e fecundar as capacidades espirituais de união, de ajustamento e harmonia.

Em síntese, estamos convocados todos para esse imensurável trabalho de congraçamento da civilização moderna, para o alcance do mistério da vida, da ordem e da paz, da existência de um direito que seja a mēsa comum de todos; de uma

justiça que não estabeleça distinções circunstanciais; de um amor que não particularize suas preferências - o que só será conseguido se volvermos a nossa consciência para os focos transcendentes do nosso espírito - isso por que " a síntese vital unificadora da existência, e portadora da coerência e da paz, não se pode consolidar em tórno de nenhuma realidade efêmera (Leonel Franca, "A Crise do Mundo Moderno").

E assim afirmando, já percebestes que desejo referir-me à necessidade de olharmos mais para a nossa alma, trazendo à mente os nossos fins, já que temos à mão os nossos meios. Impossível atingir o equilíbrio físico e psíquico sem dedicarmos nossa preocupação, mais veraz, à certeza de que existe uma força maior, uma consciência do mundo a reclamar todas as direções dos nossos ideais, todas as palpitações do nosso desêpero e da nossa glória!

É verdade! Provam os cosmólogos que o universo se expande, também. Nós o imitamos, da nossa condição de microcosmos (ou elenos imita da sua condição de macrocosmo?). As lindes do conhecimento fremem dentro da engrenagem cósmica, e se alargam como aquelas encíclias que se formam à superfície da água quando nela atiramos uma pedra. Ontem, só conhecíamos os outros astros pela análise espectral; agora, novos são os prismas. Já beiramos as margens de outros mundos. Em 1958, saímos, pelo Sputnik I, a uma velocidade de quase trita mil quilômetros por hora, e fomos a mais de 800 quilômetros de altura! E não é sômente a questão da velocidade ou da penetração orbitária no espaço - há, também, o fato da permanência nele: o Vanguard I ficará nos céus durante duzentos anos! O homem já chegou perto da Lua, além de fotografar a sua face oculta, Já mandamos um "marinheiro a Venus, como se fosse um novo Vasco da Gama ou um Fernão de Magalhães... E a última conclusão da Ciência, assinalada no dia 6 dêste mês, é a de que há vapor d'água em Marte e que, portanto, pelo menos, vida microscópica, poderá existir naquele planeta - o que vem reavivar teorias nossas conhecidas como a dos cosmozóários, da panspermia - segundo as quais o germe da vida viaja de um planeta para outro. E não nos espantemos se daqui a poucos anos estivermos fazendo turismo a quatro bilhões de quilômetros da Terra - isto é, em algum íglo ou cratera gelada do planeta Plutão!...

Esses são os fatos! E êste é o mundo em que estamos!

Nós, que pensamos; nós, que admitimos o ideal; nós, que arrojam os nossos espíritos pelos alcândores da imaginação

justiça que não estabeleça distinções circunstanciais; de um amor que não particularize suas preferências - o que só será conseguido se volvermos a nossa consciência para os focos transcendentes do nosso espírito - isso por que " a síntese vital unificadora da existência, e portadora da coerência e da paz, não se pode consolidar em tórno de nenhuma realidade efêmera (Leonel Franca, "A Crise do Mundo Moderno").

E assim afirmando, já percebestes que desejo referir-me à necessidade de olharmos mais para a nossa alma, trazendo à mente os nossos fins, já que temos à mão os nossos meios. Impossível atingir o equilíbrio físico e psíquico sem dedicarmos nossa preocupação, mais veraz, à certeza de que existe uma força maior, uma consciência do mundo a reclamar todas as direções dos nossos ideais, todas as palpitações do nosso desêpero e da nossa glória!

É verdade! Provam os cosmólogos que o universo se expande, também. Nós o imitamos, da nossa condição de microcosmos (ou elenos imita da sua condição de macrocosmo?). As lindes do conhecimento fremem dentro da engrenagem cósmica, e se alargam como aquelas encíclias que se formam à superfície da água quando nela atiramos uma pedra. Ontem, só conhecíamos os outros astros pela análise espectral; agora, novos são os prismas. Já beiramos as margens de outros mundos. Em 1958, saímos, pelo Sputnik I, a uma velocidade de quase trita mil quilômetros por hora, e fomos a mais de 800 quilômetros de altura! E não é sòmente a questão da velocidade ou da penetração orbitária no espaço - há, também, o fato da permanência nele: o Vanguard I ficará nos céus durante duzentos anos! O homem já chegou perto da Lua, além de fotografar a sua face oculta, Já mandamos um "marinheiro a Venus, como se fosse um novo Vasco da Gama ou um Fernão de Magalhães... E a última conclusão da Ciência, assinalada no dia 6 dêste mês, é a de que há vapor d'água em Marte e que, portanto, pelo menos, vida microscópica, poderá existir naquele planeta - o que vem reavivar teorias nossas conhecidas como a dos cosmoóarios, da panspermia - segundo as quais o germe da vida viaja de um planeta para outro. E não nos espantemos se daqui a poucos anos estivermos fazendo turismo a quatro bilhões de quilômetros da Terra - isto é, em algum íglo ou cratera gelada do planeta Plutão!...

Esses são os fatos! E êste é o mundo em que estamos!

Nós, que pensamos; nós, que admitimos o ideal; nós, que arrojam os nossos espíritos pelos alcândores da imaginação

e da beleza temos o dever de assistir a êsse drama, não só como espectadores mas como - e sobretudo - protagonistas; eles de sua cadeia; chama dos seus calores; explosões dos seus vendavais; coroamento dos seus júbilos e dos seus martírios; ouro, água e cal dos seus embasamentos; música, eloquência e perfume das suas transfigurações!

Prêso à asa da Arte e do Pensamento; açoitados pelo vento das inspirações magníficas, rolados pelas sinfonias cósmicas, indômitos, determinados, em busca da Perfeição - flor e canto, ácido e espinho, paz e luta, estremecimento e altura! . . Nela - na Arte - há a blandícia e a tortura; a treva e a transparência e as alternações do transitório e do eterno - mas nunca falta uma réstia de luz que a atravessa de lado a lado, como um dardo de chama, igual ao sôpro que vem do céu, trazendo a menságem de Deus!

E, dito isto, ouçamos a oração-guia do nosso mestre, do nosso grande amigo, que aqui está na descomunal necessidade da sua presença: JOSÉ DE MESQUITA:

Has de sempre encontrar urzes pelos caminhos,  
serpes por sob a relva e, nas rosas, espinhos,  
mas nunca te pareça o teu esforço vão.

Lá, bem alto, cintila a estrêla da bonança,  
e além, teu coração, mais do que a vista, alcança.  
límpido e claro, o azul da eterna Perfeição!

Rondonópolis, 9. 6. 1963.

**J. Antônio.**

---

---

## DISCURSO DE RECEPÇÃO PELO ACADÊMICO RUBENS DE MENDONÇA

A Academia Matogrossense de Letras, nesta noite memorável, abre as suas portas para receber a um dos maiores poetas do nosso Estado, pois vós sois, Senhor João Antônio Neto, uma das expressões máximas da nossa poesia.

Desde a publicação do vosso primeiro livro de versos, "Vozes do Coração", conquistastes êste conceito e tanto quanto o nosso saudoso confrade Otávio Cunha, nós vos reputamos como dos maiores poetas do nosso Estado. E essa reputação vos coloca em pé de igualdade ao lado de Dom Aquino Corrêa, José de Mesquita, Pedro Medeiros e Otávio Cunha.

Impusestes a vossa personalidade através da vossa magnífica obra poética.

Os vossos livros de versos, se já tivessem sido publicados, vos consagraria no cenário das letras nacionais ao lado de Moacir de Almeida, Raul de Leoni, Cassiano Ricardo e outros poetas que viveram ou tomaram parte no período de transição em que se operou o movimento modernista no país e que se trouxe para as nossas letras muita coisa ruim, muita coisa desvaliosa, mas dêle o que ficou, conforme preceitua Nelson Werneck Sodré, aí está palpitante de vida, bom e forte.

Com razão afirmais em vosso discurso que para o artista a palavra tem alma e para o cientista ela representa apenas o sinal da idéia, como o número para o matemático. É que o cientista apenas interpreta a ciência, o artista cria, porque êle artista, outra coisa não é, senão um criador de cousas belas.

Dissestes no vosso discurso que gramática, tal como a temos, não fará ninguém um poeta e escritor, ainda mesmo que secundário, mas achais necessário o conhecimento da gramática. Também penso como vós. Mas acho que o escritor moderno não se deve prender a futilidades gramaticais, mas is-

so não significa que deva fugir às regras gramaticais, mas sim não se tornar Guarda Civil do Idioma.

Se é o povo que faz língua, nós temos e devemos escrever para sermos compreendidos por tôdas as camadas sociais. Ainda afirmais também que " não pode haver, realmente, inimigos da linguagem". O que deve existir é a repulsa pelas palavras caducas, aliás na época em que vivemos, no mundo de hoje, em que o homem procura conquistar a lua, quando a ciência a serviço do homem mais se projeta na conquista espacial, já a preocupação do acerto pronominal, faz-nos lembrar o homem da idade da pedra lascada querendo lutar com os modernos tanques, ou mesmo com as antigas metralhadoras, é uma coisa inútil e ridícula.

É verdade que o gramático não e necessariamente escritor pelo só fato de ser gramático, verdade é, ainda, que o escritor não pode dispensar as normas da gramática, disciplina necessária não só da língua como do espírito, roteiro seguro para o uso policiado e polido, ameno e civilizado da língua. Nêsse sentido ninguem pode ser inimigo declarado das regras gramaticais embora todo o escritor que se preza deve ser inimigo declarado a um só tempo das caturrices gramaticais e dos iconoclastas gramaticais, buscando no equilíbrio justo, as regras da moderação e ponderação para fazer da língua o instrumento admirável do entendimento humano.

Nesse sentido não há porque seguir regras alienígenas. Há sem qualquer dúvida uma "fala" brasileira e uma "fala lusitana da língua portuguêsã, artavés dos quais os seus usuários plasticizam o idioma como instrumento e veículo do pensamento, usando cada um a seu modo, o património comum.

O nosso grande romancista Machado de Assis, o criador da Academia Brasileira de Letras, escreveu para a sua época e nunca poderia supor que um dia a casa que fundou com tanto carinho, viesse dar abrigo a um escritor do porte de Jorge Amado. Mas, a Academia elegendo Jorge Amado não perdeu o seu valor, pelo contrário, ela evoluiu, porque Jorge Amado como romancista faria orgulho a qualquer Academia do mundo.

Ele escreveu para o seu público, um público que vive dias diferentes dos que viveu Machado de Assis. E assim tem sido sempre. No século XIII, apareceu na Alemanha, combatendo o classicismo - o romantismo que se torna em breve vitorioso em tôda a Europa. Em oposição ao romantismo, veio o parna-

sianismo pregando a volta ao aticismo da forma, a pureza do estilo. Nos fins do século XIX, como reação aos excessos do realismo parnasiano, aparece o simbolismo a exaltar o metafísico e místico, jogando, por outro lado, com qualidade musical e rítmica das palavras e das imagens, tratando mais de sugerir que de afirmar ou descrever de maneira direta. Ele inicialmente, encontra sua mais alta expressão na poesia, que em outras artes, até que vem o futurismo pregando a emancipação nacional, era o início do movimento nacionalista. Ele não se limitava apenas à literatura, abrangia também idéias políticas. Na literatura, o futurismo reagiu contra a gramatiquice. E assim as escolas literárias se sucedem.

O atual Papa João XXIII, compreendendo o mundo moderno, procura colocar a igreja católica dentro da realidade do nosso tempo. Ninguém o pode chamar de iconoclasta, o que ele procura fazer é atualizar e não destruir os princípios da igreja. Na literatura também temos que nos adaptar as idéias novas, a atualidade, ou melhor a realidade brasileira. Ou a Academia vai ao encontro dos sentimentos populares ou ela fica encerrada em sua "torre de marfim", divorciada dos anseios populares.

Os intelectuais desta geração precisam compreender que o escritor para ser lido tem que escrever para um público e a gosto desse público. O escritor moderno não pode se tornar alheio aos problemas da atualidade. Suponhamos que um romancista moderno, escreva um romance nos moldes de "O Moço Loiro", de Macedo, ou de "Iracema" de José de Alencar.

Poderia ser até o Padre Antonio Vieira, com tôda a pureza do seu vernáculo, mas o livro não seria bem recebido, ele estaria fôra de sua época, fora do tempo. O homem moderno tem seus problemas trazidos pelo progresso, pela evolução da ciência.

E efetivamente é essa a nossa concepção. Nós vivemos quase sempre imitando o velho continente. Quando nos libertarmos de Portugal, que o sentimento nativista da luta da Independência para isso concorreu, foi para cairmos nos braços da França, no período do romantismo. Isso literalmente, porque politicamente, imitávamos a Inglaterra até no seu sistema parlamentarista no 1º e 2º Império. Essa extranha mania de imitação, levou um certo diplomata estrangeiro a dizer pejorativamente com relação ao nosso país, que melhor era ser cabeça de mosquito a ser cauda de leão.

A cadeira na qual hoje vos empossais, nº25, desta Casa Barão de Melgaço, conquistastes por vossos méritos literários.

A geração que hoje se encontra nas Academias é quase em sua maioria, uma geração nascida no agitado período da primeira Guerra Mundial. Uma geração que assistiu, nos primeiros anos de sua existência às crises e às agitações provenientes das neuroses da guerra. É uma geração que nasceu precisamente na época em que Marinetti revolucionava o mundo pregando às multidões, nos teatros, nas salas de conferências, na praça pública, e a rebelião contra os métodos arcaicos, era a época do nascimento da uma nova escola literária - o futurismo.

A nossa Academia, Senhor João Antonio Neto, foi fundada em 1922, precisamente no mesmo ano em que no Teatro Municipal de São Paulo, em grupo chefiado por Graça Aranha realizava a "Semana da Arte Moderna", primeiro movimento de reação às correntes artísticas conservadoras ocorrido na América Latina, trazendo como consequência uma maior liberdade na forma expressional das artes em geral, mais plasticidade, estilística (com referência também à música e às artes plásticas) e, sobretudo, uma fase de tentativa e experiência, de estudos e de procura no vasto mundo da interpretação e representação emocional. (René Thiollier - A Semana da Arte Moderna - Depoimento inédito).

Em verdade a Semana da Arte Moderna revolucionou o país. Na literatura apareceram com Graça Aranha, Raul Bopp, Ronald de Carvalho, Felipe de Oliveira, Cecília Meireles, Mário de Andrade, Alvaro Moreyra, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e outros.

Estávamos já cansados de imitar na literatura a velha europa, precisamos escrever para o Brasil e para os brasileiros e esse foi o momento exato a dar

...um pouco de tréguas  
a tanta cousa estrangeira,  
que esta terra brasileira  
tem muito e muito que dar!

Mas, essa reforma não poderia ficar apenas na literatura. Era preciso ir além. E essa geração foi bem mais longe. Feita a revolução literária e artística, o país ansiava por outra reforma - a reforma política, como dizia o conservador Paulo Prado: "Isto é Reação - reação contra as oligarquias artísti-

cas e políticas, contra o mau gosto e a má política, contra os Pachecos e os Bernardes..." também, não tardou a reação política. A 5 de julho daquele mesmo ano, rebelaram-se a Vila Militar, Escola de Guerra, o Forte do Vigia e o Forte de Copacabana. Siqueira Campos, símbolo perfeito da renovação, com um pequeno número de idealistas sai pelas ruas disposto a dispor suas vidas preciosas. Dividindo o pavilhão nacional em 18 pedaços, distribuiu entre os companheiros, escrevendo com sangue mais uma página gloriosa da História do Brasil.

Mas, senhor João Antonio Neto, aqui estou para vos dar as boas vindas em nome da Academia Mato-Grossense de Letras e a isso devo-me limitar.

Apesar do seu antiquado ritual a Academia, em respeito às tradições, exige uma certa cerimônia ao iniciante e essa cerimônia consiste na solenidade de posse, mas nem por isso, ela impõe aos seus membros, aqueles moldes de que falava Graça Aranha: que refreia o jovem e árdego talento que deixa de ser independente para se amoldar à Academia. É acrescentava o autor da "Estética da Vida": é um grande mal na renovação estética do Brasil e nenhum benefício trará à língua esse espírito acadêmico, que mata ao nascer a originalidade profunda e tumultuária da nossa floresta de vocábulos, frases e idéias. Ah! Se os novos escritores não pensassem na Academia, se eles por sua vez a matassem em suas almas, que descortínio imenso ao magnífico surto do gênio, enfim liberto de mais esse terror. Esse "academismo" não é só dominante na literatura. Também se estende às partes plásticas e à música. Por êle tudo o que a vida oferece de enorme, de esplendido, de imortal, se torna medíocre e triste".

Não, Senhor João Antônio Neto, é exagerada e muito exagerada, a afirmativa do romancista de "Malazarte", a Academia não impõe normas a ninguém. Ela não dita estilo, nem mata a originalidade do escritor, o que a Academia procura fazer é congregar os intelectuais em torno de um movimento cultural, afim de preservar as tradições melhores da língua, o patrimônio comum da cultura e a liberdade que é a linfa vital da arte, porque só a liberdade incentiva a criação artística unificando e eternizando-a.

E, se de outra maneira agisse a Academia, se houvesse um metro acadêmico a medir a obra literária impondo a cada um a rigidez de um estilo, a Academia não seria um instru-

mento de cultura, mas inflexível e ditatorial instituição literária.

A cadeira que vindes ocupar nesta casa, tem como patrono um poeta romantico, a maneira de Casimiro de Abreu.

Amâncio Pulquério de França, em verdade é um nome pouco conhecido nas letras mato-grossenses. Dêle sabemos que foi advogado, comerciante, poeta e jornalista. Nasceu em Cuiabá, em 1846 e faleceu em Corumbá, a 8 de março de 1881, portanto o vosso Patrono faleceu naquela idade que Julio Dantas, acha a idade ideal para morrer os poetas e as mulheres bonitas, em plena beleza e em plena glória. Amâncio morreu aos 35 anos.

Foi êle, redator principal do jornal que se editou em Corumbá "O Primeiro de Março", tendo no mesmo semanário publicado algumas poesias de sua autoria com o pseudônimo de "Palmiro". Colaborou na revista "A Luz", do Rio de Janeiro e, apesar de haver o historiador Estevão de Mendonça, afirmado que Amâncio publicou várias poesias, apenas dêle conhecemos duas, uma transcrita nas "Datas Mato-Grossenses", sob o título de "Outrora e Hoje", inspirada nos moldes do romantismo de Casimiro de Abreu e outra que figura num album que era de propriedade de Flávio Crescêncio de Matos, soneto intitulado "Anoitecer".

Quanto à primeira dessas produções o máximo que se pode falar é que era peça mediocre. Nela até o primeiro verso pertence ao bardo fluminense, porque era moda na época imitar Casimiro.

O soneto também não é grande cousa, nem serve para identificar a escola romântica. Tem, como nos versos de Casimiro, a jurití, que era, pode-se dizer, a ave que simbolizava as matas brasileiras, a rola triste que canta e geme em voz plangente.

Vejamos a primeira poesia:

Meus Deus que gêlo, que frieza aquela,  
Que indiferença nos olhares seus  
Vejo outra nuvem no horizonte de hoje  
Negra coberta nos azuis dos céus!

Tivera flores meu jardim de outrora  
Tivera rosas de perfume eterno,  
Mas hoje as flores sem aroma, secas,  
Parecem flores do jardim do Averno

A primavera de meus dias, linda,  
 Sorria leda para o céu de anil,  
 E o céu faceiro desdobrando - os mantos,  
 Já teve as galas nas manhãs de abril. . . .

Hoje os cantos que tivera outrora  
 São tristes cr'oas de crueis martírios  
 Fora ditoso, já gozara crente  
 Vivo perfume dos mais alvos lírios!

Sonhando encantos, deleitosos dias,  
 Mago castelo de ouropel sonhado:  
 Feliz eu fôra - mas o manto espesso  
 Cobriu de tela dêsse meu passado.

Agora vejamos o soneto. Não sei onde o conseguiu Flavio Crescêcio de Mattos. O album que lhe, pertencera, ofertou-me o seu sobrinho Sr. Emerico Antunes:

Hora crepuscular! Anoitecendo  
 Vê-se o sol penetrando na agonia  
 E a tarde tôda aflita se estorcendo  
 Aureolada pela Ave Maria!

A leda Juriti ao ver morrendo  
 A tarde, em seus arrulhos parecia  
 Alguem, que, sob máguas, vai gemendo  
 Chorosa e triste ao funeral do dia

E o crepusculo envolve a natureza  
 E paira em tudo um nimbo de tristeza  
 Que envolve a terra toda, de repente

E surge lá no céu a argentea lua  
 Qual Salomé da Biblia, toda nua,  
 Baila no espaço, vagorosamente

O soneto tem algo de simbolismo de mistura com romantismo. E isso foi tudo o que nos ficou do poeta.

#### Vosso Antecessor

Esta Cadeira, Senhor João Antônio Neto, fôra ocupada, por muitos anos, por um poeta. Conheci José Raul Villá já alto funcionário do Banco do Brasil. Da obra do vosso antecessor se destaca o poemeto "Rondonia", cântico dedicado ao

valeroso sertanista, arrojado Bandeirante do século XX, Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.

De José Raul Villá contam que quando aluno da nossa antiga Escola Normal, escreveu certa vez, uma quadra que quase lhe valeu a expulsão daquele estabelecimento de ensino.

Aconteceu que um professor da Escola, homem de letras e poeta de valor, havia publicado um livro de versos, onde uma das poesias trazia a seguinte quadra:

“Adeus, apitos... Carreiras...  
Adeus ... Adeus ... Vai-se o trem  
Oh! nunca queiras meu filho,  
Dizer adeus a ninguém...

Pois bem, na manhã seguinte Villá escreveu no quadro negro da classe:

“Adeus... Apito...Carreira  
Adeus... Adeus... Vai-se o trem,  
Poeta que escreve asneira,  
Não vende livro a ninguém”...

Em 1918, publicava Villá, o seu poemeto “Rondonia e de 1922 em diante vários sonetos na “Revista do Centro Mato-Grossense de Letras”. Sua poesia era melancólica, aliás, Graça Aranha definiu a poesia no Brasil como uma porção de tristeza e nostalgia irremediável que é o substrato do nosso lirismo.

Mas, quem havia de pensar. Um dia o poeta trocou a sua lira inspirada pela anti-poética contabilidade bancária e, desde então, nunca mais publicou um só poema.

Senhor Acadêmico João Antônio Neto:

Lí alhures uma declaração do poeta Manuel Bandeira com que estou de acôrdo. Diz o poeta de “Ritmo Dissoluto” que “se o mundo tiver de ser salvo, será salvo pelos poetas”, e tem razão Manoel Bandeira, porque se os poetas não salvarem êste mundo, ele está irremediavelmente perdido. Na era atômica quando a humanidade disputa a primazia da conquista da lua, necessário se torna aos poetas deixarem o mundo da lua em que vivem, para viverem no mundo terrestre, onde a poesia sòmente poderá fazer o milagre de suavizar as torpezas da vida.

Meus Senhores:

O acadêmico que hoje recebemos é, antes de tudo e acima de tudo um grande poeta.

Publicou o seu primeiro livro de versos, ainda quando aluno do Liceu Salesiano - "Vozes do, Coração". Completou seu curso ginásial na cidade verde de Dom Aquino Corrêa, seguindo após para a então Capital da República, onde se bacharelou em Direito. Regressando, formado, ao nosso Estado, exerceu com brilhantismo, o jovem advogado, os cargos de professor da Escola Técnica de Comércio de Cuiabá, Consultor Geral do Estado e posteriormente o cargo de Professor e Diretor do Ginásio Estevão de Mendonça, na cidade de Guiratinga.

Nomeado por concurso Juiz de Direito da Comarca de Alto Araguaia foi mais tarde transferido para a Comarca de Rondonópolis, onde atualmente se encontra honrado a magistratura mato-grossense.

Em Cuiabá fundou e dirigiu em 1951, o jornal literário "GANGA" com Rubens de Castro e Agenor Leão e em Guiratinga o jornal "O Monchão".

Como poeta, razão teve o nosso confrade Hélio Serejo quando escreveu no seu livro "Poeta Mato-Grossense": "João Antônio Neto sonha e escreve".

Ausculata o grande mundo interior e faz o delicado jôgo das idéias com a desenvoltura do artista que traz presas à alma as centelhas da inspiração sadia.

No apurado conceito carlyleano, "o poeta é a figura heróica pertencente a tôdas as idades".

O seu soneto "O surdo, o Cégo, o Mudo", tema de difícil desenvolvimento por ser tema não vivido por quem o descreve, nêle põe o poeta todo o seu sentimentalismo humano:

Surdo.. sem nunca ouvir o grito agudo  
Ou a palavra, de perto, murmurada...  
Cégo... pensar em rosas de veludo,  
E pisar nos espinhos da jornada!...

Surdo, sem som... Cégo, sem luz... E mudo,  
Sem voz que diga, numa frase alada,  
Um pouco de tristeza que anda em tudo  
E da alegria que não falta em nada!...

Saber, em vão, que o som de tudo espouca...  
Sentir que há luz e nunca um raio achar-lhe...  
Querer dizer, e a voz não vir à boca...

Passar, às vezes, pelo amor... Sem vê-lo  
Vê-lo passar... e não poder falar-lhe...  
Sentir o amor falar... sem compreendê-lo!...

Este soneto, Senhor João Antônio Neto é uma verdadeira joia da poesia nacional. Um soneto apenas, quantas vezes não imortaliza o seu autor.

Mas, vós não ficastes apenas nêsse soneto; a vossa obra poética é grande, farta e variáda. É tôda valiosa, mas na minha opinião pessoal, no meu ponto de vista, considero outra obra prima da vossa poesia, o soneto "Pilatos", que faz da Coleção "Sonetos Bíblicos":

"As sandálias de pobre e pobre a longa veste,  
Parou Jesús, humilde, em face de Pilatos:  
"Dize-me, Galileu, que crime tu fizeste  
Para aqui vires ter como os réus insensatos?"

E o Rabino volveu-lhe os olhos abstratos:  
"Senhor! não sei se fiz nenhuma cousa agreste!  
Ensino o amor e o bem, amo os homens ingratos  
Beijo a flôr, como beijo um doente de peste!

Considero o ódio e o crime, o erro e a felonía,  
Sou vida e sou verdade... "E a verdade, o que é?."  
Disse Pilatos, firme, e pondo-se de pé...

E o doce Cristo, o dedo ao lábio roxo encosta,  
Como a pedir silêncio, e nada balbucia...  
Que a verdade, é a pergunta - e a mentira é resposta!

Mas, não ficastes ai, sòmente nos versos parnasianos, também como poeta modernista sois um grande artista, pois basta ver êste vosso poema, para se chegar a conclusão de que a vossa poesia não se limita apenas a uma escola, vossos versos variam do parnasianismo ao modernismo.

"Moleque lampeiro do fim arrabalde,  
que fuma, que joga e é mesmo capaz  
até de matar..."

Moleque vadio que atira pedrada nas casas vizinhas,  
que bebe cachaça  
e dorme no banco mais duro da praça...

Moleque sem letras, sem dons nem ofício,  
Que xinga, que briga e vai pra cadeia,  
Que nasce moleque, que vive moleque, que morre mole-  
que

Moleque! Moleque, quem foi que te fez  
Assim tão moleque?  
Moleque por fora, moleque por dentro,  
Moleque completo, moleque perfeito?...

Talvez tenha sido teu pai um moleque,  
Talvez tenha sido moleca tua mãe,  
Jogada no lodo, letal, infecundo...

.....  
- Moleca é esta vida! ...  
- Moleque é este mundo! ...

Diante dessas três magníficas produções poéticas que mais poderemos dizer a vosso respeito, senão que a Academia Mato-Grossense se sente jubilosa ao receber como membro desta corporação, um poeta, do vosso quilate.

---

---

## CRUZADA INGENTE

Jary Gomes - da AML.

Recebi, com grande contentamento, através de uma simpática carta do confrade Luiz Felipe, a notícia de que a Academia Matogrossense de Letras continua atuante e a congregar a fina flôr da intelectualidade de Mato Grosso.

Constituiu, ao mesmo tempo, uma pausa enternecedora essa que se sucedeu à alviçareira notícia trazida pelo Correio.

Voltei o pensamento para o passado, para o querido Mato Grosso para o seu heróico e aguerrido Povo, para Cuiabá, a saudosa Capital centenária, para os dias trepidantes que ficaram atraz, como sombreiros e sonhos, realidades cruéis e experiências imaturas...

Do meu exílio voluntário, pela primeira vez volto a escrever para a minha querida Terra, depois de 12 anos de ausência.

É como quê um desabafo, é como quê o reencontro com a velha mãe que se não vê há muitos anos! É um momento de emoção, de alegria dôce, de recordação e de saudade.

A quem não teve até hoje tempo para os lazeres do espírito e se deixou absorver pelas rudes atribulações dos problemas cotidianos, este minuto de colóquio como a alma tem o condão de reacender velhas esperanças, de fazer brotar um novo alento, de apressar o rítimo de um coração ja bastante sofrido.

Transponho-me, em pensamento, no tempo e no espaço, a Mato Grosso e experimento uma estranha emotividade!

Desde menino, desde os pátios do Pestalozzi, nutri interesse apaixonado pelas suas coisas, pela sua beleza, pela sua opulência e pelo seu porvir; amôr entranhado, desinteressado, imperceptível por tudo quanto lhe dizia respeito; pela grandeza do seu território, pela sua História, pelos seus ho-

mens públicos, pelas suas cidades legendárias, e pelas maravilhas estasiantes das suas paisagens sertanejas.

Essa a verdadeira razão porque mal saído da Escola de Medicina me lancei à clínica em Três Lagoas, menos pelas vantagens pecuniárias que dela adveriam do que pelo prazer de desfrutar do Convívio da generosa gente boróro, tão cativante, tão leal tão acolhedora.

Os saudosos anos que passei em Mato Grosso deram-me a justa medida da grandeza moral, da honradez, da hospitalidade e do brio de um Povo afeito ao trabalho e ao sacrifício.

Ainda guardo com carinho as indeléveis recordações que me ficaram das virtudes das famílias matogrossenses, do entusiasmo cívico da sua juventude, dos exemplos de coragem e de renúncia de todos quantos contribuem para o Progresso do Estado.

Motivos pessoais a que todos somos forçados levaram-me a buscar outras terras e outras gentes, terras e gentes boas como quê.

Nenhuma tão boa, tão pura e tão generosa como a que me acolheu um dia, para fazer-me as honras mais gratas ao meu coração de médico, de escritor e de político.

Tenho saudades de Mato Grosso e as não posso bem traduzir nestas linhas.

Fica aqui a minha confissão de que o tive sempre presente na lembrança, de que continuo a porfiar na sua Grandeza e a acreditar no seu imenso Futuro.

Poucos Estados da União oferecem possibilidades reais de expansão econômica como êle, poucos apresentam características tão favoráveis ao desenvolvimento industrial e à exploração das riquezas naturais, poucas regiões do País exibem condições tão propícias ao trabalho, à saúde e à prosperidade das iniciativas públicas e privadas.

Com a Revolução Social e econômica que o Brasil está vivendo e a que Região nenhuma se poderá eximir, uma hercúlea tarefa está reservada a esse colosso que apenas desperta para as arremetidas civilizadoras.

Mato Grosso, pelo seu Povo, pela sua História e pelo seu porvir estará Convocado para a Cruzada ingente.

a) JARY GOMES

Niterói, 1º de Maio de 1963.

**VANITAS**

INVIDIA

SONETO DE RUBENS DE MENDONÇA

De que serve viver o homem inutilmente  
Lutando em busca de conquistar posição,  
E de que serve andar aos poucos, lentamente,  
Matando a própria vida em busca da ilusão...

De que serve viver inútil é a ambição  
De procurar o bem num mundo indiferente,  
Se qualquer homem traz dentro do coração  
Uma féra, um leão, um tigre, uma serpente.

O bem fugiu da terra - a paz fugiu do mundo.  
Somente em tudo existe um lamaçal profundo,  
Quando todo o ideal se transforma em verdade,

O homem, êsse animal que espera e desespera...  
Ha muito que matou sua última quimera  
- Tapando com a mentira a boca da verdade!.

**INVIDIA****SONETO DE RUBENS DE MENDONÇA**

Mãe e pai da calunia e da infamia e maldade,  
Tem força, que destrói e corrompe a moral!  
Dos vícios é o pior, porque tem tal crueldade  
Bem capaz de destruir do homem todo o ideal!

Origem da desgraça e da perversidade  
Que viceja e que impéra em cerebro anormal...  
Da inveja com a infamia é tal a afinidade,  
Que se uma é torpe e vil - a outra lhe é bem igual!

Ela é mãe do odio atroz - filha amada do crime...  
Só a ignominia o seu negro sorrir exprime,  
Porque lhe aviva o mal dando alucinação!

É vício que castiga o próprio viciado,  
Pois o invejoso é sempre um tipo recalçado!...  
Foi a inveja que fez Caim matar o irmão!

## O TEMPO

SONETO DE RUBENS DE MENDONÇA

Ha tempo para tudo e sempre existe  
O tempo de sorrir e de chorar...  
E a vida tôda nisto só consiste  
Únicamente o tempo ver passar!

Vencedor é aquele que resiste  
Ao tempo mau e espera o bom chegar...  
E ao passar do tempo então assiste  
O seu Corsel de Odio a galopar!

Ha tempo para tudo nesta vida...  
Ha o doce tempo da ilusão querida,  
Ha o triste tempo da desilusão!

Ha o tempo de vingar - tempo iracundo  
Este espera guardado no profundo  
Recôndito do nosso coração!...

**VIDA****SONETO DE RUBENS DE MENDONÇA**

Condição que se impõe à própria vida humana  
E faz com que o mais forte ao mais fraco devore...  
Um forte só não há que ao fraco não explore  
Para que sobreviva a bruta lida insana!

Esse quadro de horror não ha quem não deplora.  
Porque a vida é uma luta atroz e quotidiana,  
E a batalha feroz se trava desumana  
Diante da qual não ha ser que não se apavore!

Sempre a velha ambição - sobre as cousas da terra...  
O homem como o animal - vive em continua guerra  
Ele - o dono do mundo e o Rei da criação!....

O homem para o homem é a mais sangrenta fera...  
Tem a fome de Leão e o instinto da Pantera,  
Pois chega a devorar até seu próprio irmão!

**STRAUSS****POESIA DE RUBENS DE MENDONÇA**

Lembra o Danubio em noite de luar  
o som suave dessa melodia  
que embriaga de amor e faz sonhar!

Na doce evocação dessa harmonia  
um passado de amor vem vislumbrar  
repleto de ternura e de poesia!...

Valsa de Strauss em noite enluarada  
traz a nossa alma estranha sensação...

Com o perfume da mulher amada -  
amor, poesia, sonho e evocação...

## POEMA DA MINHA HUMANIDADE

VERSOS DE RUBENS DE MENDONÇA

Eu tenho visto e revisto o mundo como é!  
Sem sonho, nem ilusão...  
Mundo real, humanamente mau.  
Mundo de Odio,  
Mundo de inveja,  
Mundo safado!

A hora trágica soou...  
Hora atomica...  
Hora do Sputnik e do Disco Voador...  
Mas o mundo continua mau  
E os homens salafrios...

Por mais que se queira endireitar o mundo  
Ninguem consegue!

Jesus, Buda, Maomé, Conte, Allan Kardec  
Quizeram reformar o mundo,  
Criar um mundo bom,  
Mas foi debalde...

Somente São Francisco de Assis e Santo António  
Compreenderam que era tolice falar aos homens...  
O primeiro falou as aves,  
O segundo falou aos peixes...  
E as aves e os peixes os entenderam!

Porisso digo, repito e torno a repetir:  
Já sofri tôda a humilhação,  
Já apanhei até na cara,  
Já me negaram até um pão!  
Um homem veio - chamou-me irmão!...

.....  
E eu disse um bruto de palavrão!...

---

---

## MENSAGEM AOS MARIANOS

Luis-Philippe Pereira Leite

Não falte ao vosso encontro minha palavra de fé, de conforto e de esperança. Palavras desataviadas e simples, de um veterano que, em dezembro passado, celebrou 25 anos de sua recepção em Nossa Senhora das Vitórias, que é bem um símbolo dos nossos nobres ideais. Palavras despretenhosas daquele que, ainda em meio ao torvelinho das tormentas não se abate, qual o nauta que agitação das vagas, espera chegar ao porto seguro. Palavras que até robustece no agitar do cotidiano, palavras que encerram o carinho e o aplauso a vossa vida estuante, viril e bela.

Quem lobra ao longe, as repercussões e limitações do mundo moderno e as implicações das conquistas da ciência e das técnicas, constata que o progresso material parece prescindir da fé. Ela necessita de um reajustamento aos moldes e métodos atuais e por isso é relegada ao segundo plano. Aqui, ao meu ver o erro inicial da concepção materialista, que põe a sua fé no imediato e esquece Deus e o primado do espírito.

O esquecimento da filiação divina gera a falta de solidariedade entre os homens. A vida familiar perde o seu sentido triplice. A sociedade das famílias e a família das sociedades esvaziaram seu conteúdo. O agrupamento humano mais elementar sofre as mesmas deturpações que atingem e confundem as nações e a própria sociedade que estas elaboraram para dirimir os seus problemas e conflitos. Tudo parece perdido, por falta de solidariedade entre os homens. A Igreja, na palavra de seus Pontífices, não cessa de repetir com Paulo VI, João XXIII e a gloriosa cadeia de seus antecessores, remontando a S. Pedro, a mesma palavra de Cristo: "Amai-vos uns aos outros". Uma esperança, no entanto, desponta no horizonte do mundo conturbado, para assinalar que

somente o retorno a fé e a caridade devolverá a paz à terra, paz que seja, realmente, a tranquilidade da ordem, apoiada nos verdadeiros princípios de justiça social, preconizada pela Igreja em todos os tempos.

Cavaleiros andantes da esperança de melhores dias, sede os arautos desta nova Cruzada. A oração e a ação sejam métodos eficazes na sua realização nobilitante. Buscai primeiro a lição de confiança terna e filial, que imortalizou São Bernardo e partí deste encontro, fortes e robustecidos para serdes sempre e cada vez mais dignos do vosso ideal perene.

Julho, de 1.963

## ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

CADEIRA N.	PATRONO	OCUPANTE
1	JOSÉ BARBOSA DE SA	1 Manoel Paes de Oliveira 2 Leonidas Antero de Matos 3 Benjamim Duarte Monteiro - atual
2	JOAQUIM DA COSTA SIQUEIRA	1 Gervasio Leite - Fundador da Cadeira
3	RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA	1 Miguel Carmo de Oliveira Mello (vaga)*
4	PADE JOSÉ MANOEL DE SIQUEIRA	1 Dom Francisco de Aquino Correa 2 Padre Raimundo C. Pombo Moreira da Cruz - atual
5	ANTONIO PIRES DA SILVA PONTES	1 Arlindo de Andrade (passou a Correspondente) 2 Francisco Aires - atual
6	FRANCISCO JOSÉ LACERDA DE ALMEIDA	1 Cecilio Rocha (passou a correspondente) 2 Ernesto Perreira Borges - atual
7	PADRE JOSÉ DA SILVA SIQUEIRA	1 D <sup>a</sup> . Maria de Arruda Muller - atual
8	LUIZ D'ALINCOURT	1 Antonio Fernandes de Souza* 2 Luis Felipe Saboia Ribeiro - atual
9	DOM JOSÉ ANTONIO DOS REIS	1 Rubens de Mendonça - Fundador da Cadeira
10	PRUDENCIO GERALDES TAVARES DA VEI-GA CABRAL	1 Palmiro Pimenta*
11	BARÃO DE MELGAÇO	1 Estevão de Mendonça* 2 Antonio de Arruda - atual
12	ANTONIO CLAUDIO SOIDO	1 Gabriel Vandoni de Barros - Fundador da Cadeira
13	ANTONIO CORRÊA DO COUTO	1 Arquimedes Pereira Lima - Fundador da Cadeira
14	PADRE ERNESTO CAMILO BARRETO	1 Leovigildo Martins de Melo 2 Ovidio de Paula Corrêa 3 Nilo Povoas - atual
15	JOAQUIM MENDES MALHEIROS	1 Augusto Cavalcanti de Melo 2 Francisco Alexandre Ferreira Mendes - atual
16	ANTONIO AUGUSTO RAMIRO DE CARVALHO	1 Franklin Cassiano da Silva 2 Ulisses Cuiabano 3 Padre Wanir Delfino Cezar - atual
17	JOÃO SEVERIANO DA FONSECA	1 Carlos Gomes Borralho* 2 Humberto Marcilio Reinaldo
18	FRANCISCO ANTONIO PIMENTA BUENO	1 José Magno da Silva Pereira 2 Alirio de Figueiredo - atual
19	JOSÉ VIEIRA COUTO MAGALHÃES	1 José de Mesquita* (Vaga)
20	JOSÉ ESTEVÃO CORRÊA	1 Philogonio de Paula Corrêa* 2 José Adolfo de Paula Avelino 3 Domingos Sávio Brandão Lima
21	MANOEL PEIXOTO CORSINO DO AMARANTE	1 Luis-Philippe Pereira Leite - Fundador da Cadeira
22	VISCONDE TAUNAY	1 João Barbosa de Faria* 2 Carlos de Castro Brasil - atual
23	ANTONIO GONÇALVES DE CARVALHO	1 Raimundo Maranhão Aires - Fundador da Cadeira
24	AQUILINO LEITE DO AMARAL COUTINHO	1 Ovidio de Paula Corrêa 2 Francisco Bianco Filho 3 Jary Gomes - atual

**CADEIRA Nº****PATRONO**

- 25 AMANCIO PULQUÉRIO DE FRANÇA  
26 JOAQUIM DUARTE MONTEIRO  
27 JOSÉ BARNABÊ DE MESQUITA (SENIOR)  
28 CAETANO MANOEL DE FARIA E ALBUQUERQUE  
29 ANTONIO CORRÊA DA COSTA  
30 MANOEL ESPERIDIÃO DA COSTA MARQUES  
31 JOSÉ DELFINO DA SILVA  
32 FRANCISCO CATARINO TEIXEIRA DE BRITO  
33 MARIANO RAMOS  
34 JOSÉ TOMÁS DE ALMEIDA SERRA  
35 JOAQUIM PEREIRA FERREIRA MENDES  
36 PEDRO TROY  
37 ANTONIO VIEIRA DE ALMEIDA  
38 FREDERICO AUGUSTO PARADO DE OLIVEIRA  
39 ANTONIO TOLENTINO DE ALMEIDA  
40 PADRE ARMINDO MARIA DE OLIVEIRA

\* Significa: Fundador da Academia  
atual: Ocupante da atual da Cadeira.

**OCUPANTE**

- 1 José Raul Vilá  
2 João Antonio Neto  
1 Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa  
2 Oscarino Ramos - atual  
1 D<sup>a</sup>. Ana Luíza Prado Bastos - Fundadora da Cadeira\* atual  
1 Severino Ramos de Queiroz - Fundador da Cadeira  
2 Ulisses Serra - atual  
1 Virgílio Alves Corrêa Filho\* atual  
1 Otavio Cunha\*  
2 Francisco Leal de Queiroz - atual  
1 Lamartine Ferreira Mendes\* - atual  
1 D<sup>a</sup>. Ana Luíza Prado Bastos  
2 Isac Póvoas - atual  
1 Nicolau Fragelli  
2 Lenine de Campos Póvoas - atual  
1 Ulisses Cuiabano\* (passou a correspondente)  
2 Antonio Cesário de Figueiredo Neto - renunciou  
3 Olegário Moreira de Barros - atual  
1 José Jaime Ferreira de Vasconcelos - atual - Fundador da Cadeira  
1 Luíz Feitosa Rodrigues - Fundador da Cadeira - atual  
1 Cesario da Silva Prado\* - atual  
1 João Cunha  
2 Amarillo Novis - (vago)  
1 Antonio Cezário de Figueiredo Neto - atual  
1 Rosário Congro - atual

---

---

## TRADIÇÕES QUE SE EXTINGUEM

Nilo Póvoas

De uma conferência lida num festival em benefício das obras da construção da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Todos que conheceram a Cuiabá de cinquenta anos atrás, são unânimes em afirmar que muitas tradições da nossa terra vão sendo, pouco a pouco, relegadas ao olvido, rompendo-se, dessa arte, os élos da cadeia misteriosa que estreita as almas das gerações e conservam os traços caraterísticos da sua origem.

Pena é que tal aconteça, pois as tradições são sementes espirituais que germinam abundantes, desabrochando um sem número de lendas poéticas que perpetuam os primeiros sonhos, que guardam num como escrínio sagrado as primeiras impressões dos povos.

Tôdas essas florações de poesias de fundo mitológico que constituem a literatura folclórica, as costumeiras e as lendas, as crenças e as superstições, as danças e os cantares com que tão gostosamente se embala a alma popular, são elementos ativos da sua existência, são órgão vitais do diapásão pelo qual se tempera o sentimento coletivo, que as gerações trazem dos dias recuados e transmitem uma às outras como um espólio sagrado.

Quanto menor é o progresso de um povo na senda da civilização, quanto maior é o seu primitivismo, tanto mais profundas e indeléveis são as suas impressões, tomadas como realidades, e assim, as suas concepções, por mais rudimentares que sejam, refletem, nitidamente, a sua alma ingênua, com tôda a rudeza e simplicidade dos seus dias infantis.

"A tradição, diz o exímio novelista Coelho Neto, é para os povos o que foi para o homem bíblico o sópro divino: -a

eternidade no efêmero". As gerações desaparecem na voragem do tempo; as tradições, porém essas sobrevivem às idades, pairam ao de cima dos túmulos, como uma relíquia de povos que desapareceram.

Entre nós, entretanto, enquanto as gerações se sucedem umas após outras, vemos que vão desaparecendo, derribadas pelo espírito iconoclasta da época, que somente enxerga o que se exhibe na tela do presente, aquelas usanças tão peculiares ao nosso povo e aquelas festas que tão aprazíveis eram à alma da nossa gente de outrora e que formavam o fundo do cenário em que se agitaram os nossos antepassados.

Assim é que mergulharam para sempre nas sombras do esquecimento as nossas outroras tão apreciadas CAVALHADA em que os cavaleiros, elementos da fina flor da sociedade, porfiavam nos requintes da arte da galantaria, vivas reminiscências dos torneios medievais, conservados e desenvolvidos no regime feudal; as empolgantes CORRIDAS DE TOUROS, essa veneranda instituição, cuja origem ascende à mais remota antiguidade, com que se punha brilhante remate às grandiosas festas ánuas do Divino Espírito Santo; os apreciados BAILADOS DE CONGOS, de origem tipicamente africana, repletos de elementos dramáticos tradicionais, assim como a sugestiva DANÇA DA MARUJADA, legado do folclore português, com que se alvoroçava a cidade, por ocasião das festas religiosas de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário.

Já ninguém se lembra das antigas e ruidosas comemorações religiosas de Santa Cruz, realizadas anualmente, a 3 de maio, ao pé da grande cruz da estrada do Despraiado, conhecida dos antigos por CRUZ DE CHILÃO, ou da do Areão, com os estampidos das suas rouqueiras, com o seu pomposo ceremonial, as suas cantorias e músicas sacras, em que tanto se esmeravam os clérigos e os musicistas da época. Eram os grandes dias do velho Nascimento, Chefe do Ceremonial da Sé, envergando a sua imponente sobrecasaca, assim como do Mestre Tomaz, do Mestre Liberato, do Mestre Estevão rabequista e de tantos outros.

Que haverá ainda que se recorde das soleníssimas procissões de São Jorge, que se revestiam de extraordinária imponência, em que o Santo Comandante Supremo do Exército percorria as ruas principais da cidade puxando todas as tropas existentes na cidade, Exército, Guarda Nacional, Polícia, com tôdas as honras da Ordenança e sob os auspícios das mais gradas autoridades da Província, numa eloquente de-

monstração de fé e de devoção religiosa dos nossos maiores.

De tôdas essas festividades tradicionais, porém, as que mais bem sabiam ao paladar da nossa gente, naquele isolamento quase completo em que antigamente se vivia em Cuiabá, eram, por certo, as do Senhor Divino Espírito Santo. Eram essas as festas genuinamente populares, as que seduziam, arrebatavam irresistivelmente o nosso povo, as que mais intimamente falavam ao coração da gente cuiabana.

De fato, elas tinham o seu feitiço, os seus encantos e atrativos! Desde o domingo que precedia a semana da festa, em que um luzido e numeroso Bando de mascarados, em cavalgata estrepitosa, numa deslumbrante profusão de côres, com o seu foguetório, com a alacridade das suas músicas características, com os seus clarins estridentes e um infrêne chocalhar de guizos, percorria tôda a cidade, anunciando a apreciada festança, um frêmito de alegria sacudia violentamente a alma do povo cuiabano, despertando-a da modorra do seu viver provinciano. E o programa das festas, impresso em amplas laudas de papel de papel de côr e vasado em versos de estilo faceto, em que brincava a musa irreverente e galhofeira de Frederico Prado, de Indalécio de Proença ou de Franklin Cassiano, era espalhado, em profusão por todos os recantos da velha **urbs** do Senhor Bom Jesus, concitando o povo à festa, e, quase sempre, satirizando as figurinhas enfatuadas da época.

Assim principiava uma dessa Mensagens, copiada do **Roteiro Histórico e Sentimental** de Rubens de Mendonça:

Vicente Vira-mexe Tucanguira  
Tenente da Cruzada do Desvio,  
Formado pela Escola da Mentira,  
Com meses de estada lá no Rio,  
Supondo ser um novo Tolentino,  
Com gestos altaneiros, mão na lira,  
Convida para as Festas do Divino".

E dêsse modo se iam desfiando tôdos os atos do vasto programa da Festas.

Na segunda - feira começavam as esmolos. Durante três dias a fio, o Bando Precatório, tambor e clarim à frete, levando a bandeira e demais insignias do Espírito Santo, e acompanhado pela banda de Música, percorria as ruas da cidade, com bandejas e sacolas em punho, recolhendo, de casa em casa, os donativos pecuniários do povo. E com que prazer era atendido o apêlo: "Esmola para o Senhor Divino!" e a Banda, nos

intervalos dos requebrados tangos e das chorosas valsas com que deliciava o povo, rompia vibrante e alegre o hino do Glorioso Santo. E a moçada, sempre alegre e jovial, com as faces rubras de sol e os olhos chispantes de promessas e de esperanças, corria e aporfiava no seu piedoso petitório: "Esmola para o Divino Espírito Santo.

Por entre a massa popular que acompanhava as Esmolas, viam-se homens troncados sobraçando grandes cestos, a distribuir pelas casa os clássicos pãezinhos do Senhor Divino, e mulatas dengosas, descalças, de saias de chita engomadas e chales de côr aos ombros, a levar cântaros de água à cabeça, em cumprimentos de promessas que fizeram.

Eram três dias de **comer e beber** na casa do festeiro, do prestigioso Imperador! Desde os infalíveis bolos de arroz e biscoitos de queijo, suculentos e quentinhos, servidos com o saboroso chocolate depois das Missas de Madrugada. Como os festeiros se mostravam fidalgo no trato que dispensavam aos seus convivas! Que mesas fartas e abundantes de tudo quanto é bom e gostoso! Em compensação, porém, os presentes afluíam abundantes de todos os lados: eram enormes varais de galinhas gordas, grandes samburás de ovos frescos, dúzias de queijos, latas de doce de leite, jacás de bacorinhos novos, cabritos, perus novilhos, uma verdadeira fauna que povoava o quintal da casa da festa e que era tôda imolada em holocausto ao Divino Espírito e para gáudio dos glutões de ambos os sexos que lotavam as mesas do festeiro. Era o Totó de Manduca, o Josino Viegas, o André Bastos, o Nené Grande, o João de Sousa, o Ari Novis, o Armando de Souza e outros, já dos últimos tempos.

No sábado, véspera do dia da festa, era o leilão das prendas puxado a música, em que se ouviam, de longe, a voz do Eduardinho de Pinho ou do Pedro Correia a anunciar: OITOCENTOS MIL RÉIS JÁ ME DÃO POR ESTA LINDA TORTA, PRESENTE DA PADARIA DELFINO SOGARI. . . DOULHE UMA DOULHE DUAS, E. . . TRÊS! E a Banda saudava o feliz arrematante com um intróito de marcha. Era, porém, apenas no leilão, uma vez por ano, que os preços subiam assim. E dêsse modo se prolongavam os pregões até quase à madrugada, num ritmo crescente de animação, estimulado pelo calor da Brama que corria a **rodo**, enquanto o dinheiro, em torrentes caudalosas, era canalizado para a bolsa do festeiro e as prendas cada qual mais lindas e mais preciosa, eram entregues pelo leiloeiro às ditosas namoradas, que as retribuíam mui àvara-

mente com uma valsa, uma polka, um schotish ou úa mazurka, para depois passar o **bilhete azul** ao chibante toleirão, assim que terminavam as fetas. Eram namorados **ad-hoc**, isto é, arranjados apenas para essas festas.

E a deslumbrante iluminação na Praça da Sé! Que de encantos! Quanta magnificência naquela Praça, apesar do seu aspeto primitivo, com o seu calçamento de pedra cristal, o seu cruzeiro ao centro, o quartel do oitavo onde se ergue hoje o Palácio da Instrução e o valho sobradinho do Hotel de Felipe Jorge, onde está localizado hoje o suntuoso CENTRO AMÉRICA HOTEL! Ao centro da Praça, elevava-se o mastro que ostentava ao tópo a bandeira do glorioso Espírito Santo. Uma profusão imensa de bandeirolas e de balõezinhos vanezianos que a suave viração da noite agitava levemente; os acordes da música, a pirotécnica caprichosa do velho Dedéu da Boa-Morte, com os seus bonecos, as suas chuvas de lágrimas, as suas girândolas e cordilheiras! Quantos amavios naquelas noites repletas de luz e de alegria! Quantos sorrisos e promessas de amor! Quantos noivados felizes não eram ajustados e asselados sob a influências dessa poesia amorável, que tantos sonhos e ilusões derrama nos corações enamorados!

Chegava, afinal, o suspirado domingo da festa! A Missa Pontifical, que se revestia de tôdas as pompas da liturgia católica, atraía à nave da vetusta Catedral a fina flor da nossa sociedade, num concurso de trajés ricos e luxuosos. Era um verdadeiro deslumbramento! As damas, primorosamente arreadas, imprimiam à festa um cunho da mais alta distinção.

Em seguida à Missa, o povo acompanhava o Império até à casa da festa, com tôdas as honras protocolares. Era a hora do almoço. O alvoroço era indescritível! Nessa ocasião não vigoravam os preceitos da pragmática, nem as regras do bom-tom. O avança era um "salve-se quem puder". Convidados, todos tinham o mesmo direito, pois a festa era essencialment **democrática**, isto é, do povo e para o povo. E todos tomavam lugares à mesa, sem distinção de classe ou de hierarquia, e se regalavam, como talvez nunca o fizeram em suas casas. As iguarias mais finas eram regadas por excelentes "Colares" e "Claretés", genuinos da Quinta do Cotelo, ou por deliciosa cerveja. Não só comiam e bebiam, como estragavam.

Após a procissão, que se realizava à tarde, sempre concorrida e pomposa, e na qual tomavam parte destacada o Imperador e a Imperatriz, com as respectivas insígnias, e todo o seu séquito, vinha o suntuoso baile.

A casa da festa era, ordinariamente, pequena para conter a enorme massa popular que a invadia, como um assalto a uma fortaleza, no momento em que o festeiro regressava da Procissão. Nas primeiras horas, era tal a enchente, o acotovelar do povo, que ninguém podia mover-se, quanto mais dançar. Passadas algumas horas, porém, descongestionavam-se um pouco os salões e as danças começavam com grande animação. Era um verdadeiro encantamento! Via-se ali tudo o que havia de mais elegante e distinto na sociedade cuiabana. Ao som cadenciado das adoráveis quadrilhas, tão cheias de graça e de sedução, misturavam-se as vozes altissonantes de Totó Ben-tevi ou de Chiquinho Faustino, de Joaquim Frederico e, mais recentemente, de Jaime de Carvalho, de José Palma, de Clarindo Machado e de Dalglars Canavarros, que eram os famanás na arte coreográfica da época.

A marcação da Quadrilha se fazia na língua de Racine. E o marcante, todo eufórico e enfático, como a figura central do salão, comandava: **En avant tous! En arriere! Châine de dames! Châine de Cavaliers! Balancez avec les vis-a-vis! A vos places, tous! Grand promenade! Changez en avant! . . . Chemin du bois! . . . A la japonaise! . . . A la chinoise! . . . A vos place, tous! . . .** E assim por diante, se ia desfiando as cinco partes da quadrilha. Mui gozado era, por vezes, o francês que se ouvia. Se um indivíduo de nacionalidade francesa ouvisse essas vozes, perguntaria, sem dúvida: que língua é essa? O que é certo, porém, é que as quadrilhas possuíam arte e distinção. Deixaram muitas saudades!

Numerosos e elegantes pares esvoaçavam pelos salões, como um enxame de borboletas, nos deliciosos vultuosos das valsas, a dança aristocrática dos salões da elites cheia de graça e de donaire. E como as nossas gentis cuiabanas eram inexcedíveis na valsa!

E com êsse baile, repleto de esplendores e de emoção, que deixava em todos as mais gratas e indeléveis recordações, finalizavam as festas religiosas e profanas do Senhor Divino, que eram, propriamente, da iniciativa do festeiro.

Na segunda-feira seguinte, começavam as empolgantes Touradas, promovidas pelo comércio, mas em honra ao Divino Espírito Santo. Tôda a Cuiabá vibrava de emoção intensa ao espocar dos primeiros rojões anunciadores da sensacional diversão, da qual eram figuras salientes Maneco Machado e seus filhos João e Francisco, Totó de Manduca, João Lourenço de

Figueiredo, Oscar Ador, Francisco Miranda, Generoso Malheiro Marcides Teixeira e outros.

Era tal o interêsse que despertavam as Touradas, que muita gente dos Municípios vizinhos vinha a Cuiabá, expressamente para a elas assistir. O expediente nas Repartições Públicas se realizavam pela manhã e, certa vez, por causa delas, foi demitido um Chefe de Polícia.

Paralizavam-se todos os negócios e a cidade ficava completamente deserta, pois homens, mulheres e crianças, todos lá estavam aplaudindo freneticamente os toureiros. Como acontecia outrora em Salvaterra, muita gente se arruinava com o luxo dos "vestidos, enfeites e toucados" e com as demais extravagâncias da festa, que se entregavam de corpo e alma. Gastavam, às vezes, em três dias apenas, aquilo que não ganhavam em três meses. Isso, porque, nesses saudosos tempos, não havia, em Cuiabá, **marreteiros** nem **tubarrões**, que ganham em três dias aquilo que não conseguem gastar em três anos.

O aspeto do circo era, verdadeiramente, fascinante. Em cima, delimitando a vasta arena, alinhavam-se vistosos os camarotes, regorgitantes de damas e cavalheiros da alta sociedade; em baixo, por detrás das cercaduras, apinhava-se a massa colossal da gente do povo, ua multidão imensa de espectadores, cuja grita infrêne a música vibrante das fanfarras mal conseguia abafar.

Os botequins, instalados em barraquinhas improvisadas, adornadas de bandeirolas e galhardetes multicôres, atraíam o povo com o cheiro provocante dos seus pastéis, das suas empadinhas, dos seus bolos e de uma grande variedade de comestíveis e **bebestíveis** para tôdas as bolsas e paladares, desde a afamada **caninha** do Aricá ou das Flechas, até a fina champanha francesa.

Tudo ali respirava o contentamento que dominava aquela gente tôda, que se divertia a gastar dinheiro, a comer, a beber, a flirtar, com a alma inteiramente isenta de preocupações.

Os touros e os toureiros vinham de longe todos: ora da fazenda do Coronel João Bem Dias, ora da do Coronel Bem Rondon, ora ainda da do Coronel Sebasião Ramos; aqueles afamados pela sua braveza, êstes notáveis pela sua perícia. Uma coisa é para notar: aqui todos os fazendeiros são coronéis.

Três dias, às vezes quatro, duravam as Touradas, sem que se arrefecessem, um momento sequer, a animação e o entusiasmo das primeiras horas.

Mas... era verdadeiramente encantadora a festa! O desfile triunfal dos toureiros, ao som alegre daquela marchinha característica, logo abafada pelo troar dos rojões e pelas ruidosas ovações dos espectadores! A saída do primeiro touro! As sortes! Os capinhas dobados no ar ou agarrados às guampas do animal! Os gritos ensurdecedores do "Apeia Toureador!" As corridas aos camarotes, tudo eram emoções violentas que se sucediam, produzindo vibrações intensas na alma do povo.

Jamais desaparecerá da memória da nossa gente a lembrança das belas e famosas Touradas de Cuiabá, a que se ligaram, para sempre, os nomes dos Toureadores Clemente, Moenda, morto de um insulto cerebral em pleno circo, Mirandeiro, Paulo e Jovino, assim como do impagável Jacuba Benedito Rombudo.

Eram essas, incontestavelmente, as festas da predileção do nosso povo, as festas por excelência, as que lhe faziam bem ao coração e satisfaziam aos ansêios da sua alma.

Boas ou más, bárbaras ou não, eram essas as suas festas.

Invocando, entretanto, uma civilização muito discutível e estribado num mentalismo piegas, arrancaram ao nosso povo o seu divertimento predileto. Um zêlo mal entendido dos animais privou os cuiabanos das delícias da arena das Touradas, deixando-lhe, apenas, a arena da politicalha, onde, se não se picam os touros, picam-se as reputações dos homens. Não sabemos qual a melhor.

Mas que civilização exdrúxula essa nossa, em que a sorte dos animais é tida em mais alta conta que a dos homens, que por aí se arrasatm na miséria, entregues às garras dos tubarões insaciáveis, peiores do que os touros bravios.

Essas festas, digam o que quiserem, faziam um grande bem à nossa gente. Estreitando os laços das suas relações sociais, incrementavam e solidificavam a união, a concórdia e o bem-estar que outrora desfrutava a nossa gente.

## EDÉM PERDIDO

Estâncias de Hatos

Vacilantes no nocturno da perdição o sagrado,  
 Deu, não erubos, sem Deus, sem lei, sem razão certo,  
 Vão as bestas fugindo rosca em cada curva,  
 E o azul sorri tão longe, e a terra não tem perdo!

## PAGINAS

Que importa o Edém desfeito no ar! o sonho é o viciante  
 E a colera divina é o chão de urzes coberto!  
 Pois acima do **ESQUECIDAS** enquanto  
 Era o amor que se buscava, e a terra do deserto.

Sem uma sombra... do deserto... e o céu e a terra,  
 O ar é abafado, e os abacos, e os raios,  
 E os dois sofrendo assim a solidão de tudo.

Monta a recordação do paraíso em flor,  
 Amagam-se outra vez, nos supremos carinhos,  
 Na glorificação magnífica do Amor!

## EDEM PERDIDO

Leonidas de Matos

Vacilantes no horror da perdição o espanto,  
Sós, num ermos, sem Deus, seu céu, sem rumo certo,  
Vêm as feras rugindo hostis em cada canto...  
E o azul sorri tão longe, e a terra uiva tão perto!

Que importa o Edem desfeito no ar! o sonho e o encanto  
E a colera divina e o chão de urzes coberto!  
Pois acima de Deus muito mais forte entanto  
Era o amor que os levava através do deserto.

Nem uma sombra . . . Sós! Clamam . . . e o céu é mudo,  
O ar é abafado, o sol abrasa, erman-se os ninhos.  
E os dois sofrendo assim a maldição de tudo,

Morta a recordação do paraiso em flor,  
Abraçam-se outra vez, nos supremos carinhos,  
Na glorificação magnífica do Amor!

MEU VIZINHO  
ED. 1952

**PAGINA**

**DOS**

**NOVOS**

## MEU VELHO CORAÇÃO

Rui Araujo Graffunder

Chora, coração que creu,  
se é a saudade que te inflama  
a mocidade que passou, somente quem viveu  
como nós dois, amigos, de sofrer não reclama.

Ou, ri-te, velho coração,  
pois do pranto o conforto  
é apenas a ingenua ilusão  
de sonhador no mar sem pôrto.

Embora nada que te possa enternecer  
está, nestas alturas, a meu alcance,  
desdobro-me no esforço de fazer-te reviver  
esta vida tão sofrida e só. Sem que te canses,

suplico-te, sorrias ainda, sorrias  
mesmo que as lágrimas dizimam  
tua alegria, e terás, velho coração, dias  
de venturas que em ti tanto sublimam

---

---

## MEU MESTRE ARY NOVIS

Afranio Correa

Foi no dia 28 de março último que eu o vi pela última vez. Fomos visitá-lo em Ipanema e o encontramos alegre satisfeito e bricalhão, como nos velhos tempos. Contou logo de início, como conseguira tapear a morte, por muitos meses, quando esteve bastante mal, recuperando-se de melindrosa intervenção cirúrgica. E então, já completamente restabelecido, fazia planos para os próximos meses. Em maio - justamente agora - pretendia vir à Bahia de sua mocidade que tanta saudade lhe deixara. E me dizia os pratos que desejava comer. E nisso, certamente incluía um cabrito assado. Não havia dúvidas. O meu mestre Dez. Amarilio Novis - o dr Ary, como era conhecido - voltava à velha forma, no que ele tinha de mais característico: bom humor e bom apetite, principalmente em se tratando de cabrito - roubado, se possível.

Durante um bom tempo o ouvimos falar. Recordamos velhos tempos, da Bahia e de Cuiabá. Como a verve que lhe era peculiar, contou passagens que eu já conhecia, mas que eram novidades para minha esposa. Dissertou sobre o cabrito mais gostoso é o "cabrito de menino", porque é tratado a leite, pão e biscoitos. E como menino não vende seu cabrito, é sempre necessário roubá-lo, quando se quer comer um bom cabrito... E contou sua habilidade em pegar os cabritos de estimação do sr. Julio Muller, em Cuiabá, com sornateiras manobras e depois de prepará-los, guizado ou assado em convidar o próprio para saboreá-lo em lauto almoço, no qual, muitas vezes o visinho comentava o misterioso desaparecimento dos seus pobres cabritos...

Mais do que um brincalhão, Ary Novis foi um juiz íntegro. Como autoridade, foi destemido. Como jornalista, brilhante.

E esta foi, talvez a sua mais sincera vocação, pois como era comum à época, ele sempre a praticara por esporte. Foi ele o meu primeiro mestre de jornalismo e a ele devo, muito do pouco que sei da arte de escrever. Com ele, aprendi a escrever os "sultos", tão do seu gosto e os "artigos de fundo", tão usados antigamente.

Começava o ano de 1938 e meu jornal, "Correio da Semana", tirava seus primeiros números mal feito e mal escrito. Um dia, o dr. Ary me chama à sua causa. Entrega-me lapis e papel e manda-me sentar. E, balançando-se na rede, sem parar, vai ditando o "artigo de fundo" para o número seguinte do Correio da Semana. E assim, por muito meses o mestre Ary Novis tornou-se a "mão do gato", escrevendo os editoriais daquele modesto semanário que, pouco tempo depois, tornava-se o melhor jornal de Cuiabá naqueles idos de 1938.

Muitas palavras novas, muitas frases e expressões, eu fui aprendendo com o mestre. Lembro-me de uma : - "ensimesmar-se". Quando a escrevi pela primeira vez, não sabia ao certo o que era. Perguntei-lhe e ele me respondeu. - "Quer dizer viver dentro de si, alheiar-se".

Certa vez, ele me deu para ler um livro de Gilberto Amado - A chave de Salomão - que ele considerava uma obra prima de literatura. Li-o e achei perfeita a descrição da gota dagua. Gostei tanto que não devolvi mais o livro ao dono. Muitos anos depois em 1956, já no Rio de Janeiro, mosrtei-lhe o livro furtado e pedi-lhe que o autografasse, terminando um pequeno drama de consciência. E anos depois, foi o próprio autor, Gilberto Amado, quem escreveu, nesse exemplar hoje raro, uma atenciosa dedicatória, "comovido diante deste exemplar que tanto me fala ao coração".

Muita coisa se poderia dizer desse homem. Quando Chefe de Policia de Mato Grosso foi enérgico e destemido. Certa vez, em municipio distante houve um crime bárbaro e traiçoeiro, com requintes de perversidade. Os criminoso estavam homisiado num lugarejo e o destacamento policial se sentia incapaz de prendê-los. O chefe de Polícia Amarilio Novis deixou a Capital e foi, êle mesmo com meia duzia de soldados prender os dois bandidos. Ah! Como eram diferentes aquêles tempos ou como eram diferentes aquêles homens! Ele não mandou ninguém, não destacou nenhum tenente para a missão. Dispensou-se de automóvel, por onde não existiam estradas e depois seguiu a cavalo para a toca dos bandidos.

Não levava armas modernas a não ser revolveres e fuzis antiquados. Mas, por precaução, levava um médico - meu

pai - para o que desse e viesse. Chegaram ao local, depois de alguns dias de viagem, altas horas da noite. O sargento o aconselhou a acampar por perto, a fim de que de manhã cedo caissem em cima dos bandidos. Mas o dr. Ary decidiu que o assalto seria àquela hora mesmo. E então, numa palhoça do sertão bruto onde se encontravam dois perigosos facinoras bem armados, irrompeu de chofre um homem alto e destemido que lhes deu voz de prisão e os desarmou sozinho. Era o dr. Ary Novis.

Outros episódios parecidos poderiam ser narrados. Todos teriam em comun um sentimento de cumprimento do dever. Um amor à boa causa.

Mais tarde, eu vim compreendê-lo melhor. Quando cheguei à Bahia, ouvi de Jorge Novis - seu sobrinho - as histórias que ele me contou cheio de orgulho de seu pai - o prof. Aristides Novis, matogrossense que se tornara um baiano dos bons. E como eram parecidos, no físico e nas atitudes! O que me parecia um caráter pessoal, era marca de uma família.

Enquanto conversávamos, eu recordava tudo isso. Ouvia suas palavras, bem sonoras, fixava-lhe meu olhar mas no íntimo, iam desfilando todas essas imagens e lembranças, de mais de 30 anos de boa amizade. Porque? Longe estava eu de supor que seria, aquela, a última vez que o viria. Não poderia suspeitar que, quando lhe voltasse o pensamento, novamente, seria com o coração sufocado, para traçar no papel a modesta homenagem de amigo.

Voltando ao hospital no dia seguinte, meu mestre Ary Novis falecia. Não consegui tapear a morte, a segunda vez. Foi vencido. E morreu como um jornalista, não deixou herança. Deixou saudades. E não morreu sozinho. Com ele, morreu um pedaço de cada um de nós.

## A TEMPESTADE DO MAR

Agenor Ferreira Leão

Naquele tempo, quando Êle dormia,  
Ao balanço da barca, no mar alto,  
Soprava forte a rude ventania  
E trovejava nos céus de cobalto.

E tôda a gente humilde que o seguia,  
Como um ladrão surpreso em pleno assalto,  
Tomada de terror e covardia,  
O Mestre acorda com seu sobressalto

E diz o Cristo, que se põe de pé:  
-Não tendes mais em Deus uma esperança?  
- Por que temeis, gente de pouca fé?

E dominando o vento, o mar sanhudo...  
A voz do Cristo um riso de bonança,  
Dos céus à terra, faz pousar em tudo.

Cuiabá, 23 de julho de 1963.

A TEMPERSTADE DO MAR

Agencia Fomente Leão

Naquele tempo, quando ele dormia,  
Ao balanço da barca, no mar alto,  
Baptava forte a rude ventania  
E trovejava nos céus de copalito.

E toda a gente humilde que o seguia,  
Como um labirinto surpreso em pleno assalto,  
Também de terror e covardia,  
O Mestre acordou com seu sobressalto.

**Escolas Profissionais  
Salesianas  
Cuiabá  
Mato-Grosso  
1964**

Se dormindo o vento, o mar se abria  
A voz do Cristo no riso de bonança,  
Desce a terra, faz pensar em tudo.

Cuiabá, 23 de julho de 1963.